



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO "Prof. Mariano Silva Neto"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MAYARA DANYELLE RODRIGUES DE OLIVEIRA

**O QUE SE TRANSCRIA NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA COM ALEGRIA:
LUGARES, EXPERIÊNCIAS E SABERES DE JOVENS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

**TERESINA-PI
2019**

MAYARA DANYELLE RODRIGUES DE OLIVEIRA

**O QUE SE TRANSCRIA NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA COM ALEGRIA:
LUGARES, EXPERIÊNCIAS E SABERES DE JOVENS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí – UFPI como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad

Linha de pesquisa: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas.

TERESINA-PI

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

O48q Oliveira, Mayara Danyelle Rodrigues de.
O que transcria na formação em pedagogia com alegria:
lugares, experiências e saberes de jovens da Universidade
Federal do Piauí. / Mayara Danyelle Rodrigues de Oliveira.
- 2019.
141 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do
Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Teresina, 2019.
“Orientação: Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa
Adad”.

1. Professores – Formação Profissional. 2. Saberes
Docentes. 3. Transcrição. 4. Sociopoética. I. Título.

CDD: 370.7

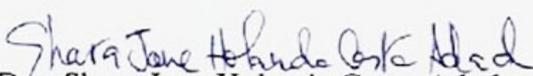
MAYARA DANYELLE RODRIGUES DE OLIVEIRA

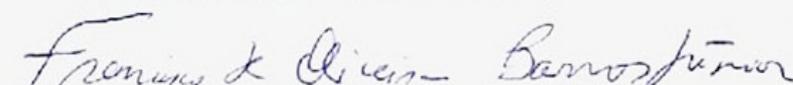
**O QUE SE TRANSCRIA NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA COM ALEGRIA:
LUGARES, EXPERIÊNCIAS E SABERES DE JOVENS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Piauí – UFPI como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Aprovada em: 25/02/19.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad
Orientadora – (PPGEd/UFPI)


Prof. Dr. Francisco de Oliveira Barros Júnior
Examinador Externo – (PPGS/UFPI)


Prof. Dra. Antonia Edna Brito
Examinadora Interna – (PPGEd/UFPI)



Dedico,

Ao meu Deus – companheiro fiel, amigo secreto, força que transcende a vida e suas vibrações. Ao meu querido pai, Nemésio, por ser minha fonte inesgotável de amor, carinho, confiança e fé no caminhar da vida. À minha brava mãe, Benta, por me ensinar os caminhos da vida dando a fibra necessária para me tornar mulher. Sou muito grata pelo seu amor sem medida. Ao meu quarteto perfeito formado por mim e pelas minhas irmãs-amigas Neyla, Bruna e Sílvia, pelo companheirismo e pela força que me deram para realizar esta obra.

AGRADECIMENTOS

AOS AFETOS:

Os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria). Espinoza está sempre se surpreendendo com o corpo. Ele não se surpreende de ter um corpo, mas com que o corpo pode. Os corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação. Você ainda não definiu um animal enquanto não tiver feito a lista de seus afetos. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 74-75).

São os afetos que me movem no movimento de pesquisar. Eles estremecem, fazem vibrar as fibras da minha existência que potencializam a vida no encontro com/entre as pessoas. Desse modo, agradeço aos diferentes afetos que fizeram vibrar as encruzilhadas desta pesquisa, são eles:

Ao **afeto Deus**, por caminhar comigo nos caminhos da vida. Dando-me a sabedoria e força necessárias para andar pelos caminhos acreditando que o (im)possível pode sempre nos surpreender.

Ao **afeto Mãe**, que liga e separa dentro e fora da vida. Querida mãe Benta, obrigada pelas asas e pela coragem que me deste para inventar novos caminhos.

Ao **afeto Pai**, que acalenta o coração, força que faz sustentar o infinito pelo encontro de olhar que encoraja e afirma a vida em seus diferentes movimentos. Querido pai Nemésio, obrigada por ser chão e vento ao mesmo tempo.

Ao **afeto Irmã**, que liga por laços que se ramificam nas encruzilhadas da vida. À minha irmã Neyla, pelo carinho, pela alegria e pelo tempo que dedicou a mim nesta pesquisa; à minha irmã Bruna, por me acompanhar com a alegria para encantar os meus dias; à minha irmã Sílvia, por ser a minha flor de mandacaru, mostrando-me que a resistência e a leveza precisam encontrar o equilíbrio. Sou imensamente grata por me acompanharem nos momentos de tormenta e de glória.

Ao **afeto Avó**, que cheira bem, aconchega e nos embala em um movimento único. Querida Vó Francisca, sou infinitamente grata pelo seu amor.

Ao **afeto Bisavô**, Róseo Simião da Costa (*in memoriam*) por me guiar no encontro dos rastros da pesquisa.

Ao **afeto Amizade**, que mexe, provoca e balança nossas estruturas trazendo de dentro para fora as nossas forças para seguir em frente. Às minhas amigas Thaysa, Thais, Neyla, Bruna, Sílvia, Lívia e Dilma por caminharem comigo em diferentes momentos da pesquisa. Thaysa é afeto amiga presença, aquele que nos acolhe e ampara. Thaís é afeto amiga abraço forte, que nos inspira a ver o melhor da vida. Neyla é afeto amiga companheira. Bruna é afeto amiga confiança nos caminhos da vida. Sílvia é afeto amiga força e deslocamento. Lívia é afeto amiga alegria de encontrar. Dilma é afeto amiga abraço forte e riso solto.

Ao **afeto sociopoético** – bando movediço que desloca e provoca novos encontros. Imensamente grata à Dilma, à Ceíça, ao Romário, à Letícia, à Shara, à Vanessa, ao Lucivando, à Krícia, à Lili, à Dolores, à Socorro, à Thaysa, à Thaís e à Samara. Grata pelos encontros que a vida nos proporcionou. Aprendi e desaprendi inúmeras vezes com esse bando.

Ao **afeto aluno**, pela alegria e confiança de tornar-me professora.

Ao **afeto professor**, que encontra e desencontra provocando novas instabilidades nos modos de pensar e viver a pesquisa. Ao **professor Francis**, por trazer a sensibilidade para o ensino. À **professora Carmem Lúcia**, pelo potente encontro na disciplina de Filosofia da Educação. À **professora Neide Guedes**, por ensinar a rever os caminhos das pesquisas em Educação. À **professora Shara Jane**, por me ensinar e desterritorializar a minha existência, fazendo-me rever as encruzilhadas da pesquisa.

Ao **afeto orientadora**, que provoca, desperta, caminha e sonha junto sentindo as vibrações de pesquisar a alegria na formação inicial. Obrigada, minha orientadora passarinha Shara Jane, por me ensinar a ser onda quando eu queria apenas seguir em linha reta. Obrigada, pelos deslocamentos e atravessamentos que me ensinaste a (re)ver no caminhar da vida.

Às 26ª e a 27ª turmas de Mestrado do PPGEd/UFPI. Obrigada, pelos atravessamentos que tivemos nesse caminhar.

Ao **afeto banca qualificação**, que balança e estremece os pensamentos dos mestrandos. É, ainda, afeto que movimenta, desloca e permite aventurar-se pelos diferentes caminhos. Socorro, Cláudio, Carmen e Neide, sou muito grata por se aventurarem comigo nos caminhos desta pesquisa. Obrigada!

Ao **afeto banca defesa**: agradeço ao Cláudio, à Antonia Edna, à Carmen, ao Francisco Júnior e à Shara Jane pelo olhar dedicado a este trabalho. Grata a vocês!

Aos **afetos institucionais**, são laços que permitem outras ramificações no movimento de pesquisar. À Capes, pela bolsa de produtividade, e à Coordenação do Curso de Pedagogia da UFPI, por autorizar a pesquisa nesta instituição. Ao IFPI, campus Uruçuí, pelo apoio que tive durante o ano de 2018 para a realização desta pesquisa.

Ao **afeto copesquisador**, que faz sentir a pesquisa nas suas diferentes intensidades.
Ao Iann, à Jorraina, à Wendy, à Carol, à Gerciane e à Minéia. Obrigada, pelos nossos encontros.

Ao **afeto cofacilitadora**, olhar sensível, acolhimento e estremeção na pesquisa.
Obrigada, Thaysa e Thaís, por me ajudarem a ver pelas costas.

A todos, muito Obrigada!

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.

(Clarice Lispector)

OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. **O QUE SE TRANSCRIA NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA COM ALEGRIA: LUGARES, EXPERIÊNCIAS E SABERES DE JOVENS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ.** Dissertação (Mestrado em Educação). 141 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2019.

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada sobre a Formação em Pedagogia na relação com a alegria. Teve como objetivo geral analisar como os jovens discentes transcriam a Formação em Pedagogia na UFPI na relação com a alegria de modo a reconhecer e valorizar seus lugares, suas experiências e seus saberes. As questões norteadoras desse estudo foram: quais são os conceitos de Formação em Pedagogia produzidos pelos jovens discentes da UFPI na relação com a alegria? Quais são os problemas de Formação em Pedagogia na relação com a alegria que mobilizam os jovens discentes? Como reconhecer e valorizar lugares, experiências e saberes que potencializam os jovens discentes na Formação em Pedagogia da UFPI na relação com a alegria? A abordagem qualitativa da Sociopoética, baseada em Gauthier (1999, 2004, 2012), Adad (2011a, 2011b), Santos (2013, 2014), ocorreu, inicialmente, com a formação do grupo-pesquisador composto pela pesquisadora e por seis jovens discentes do curso de Pedagogia da UFPI, *Campus* Ministro Petrônio Portella, Teresina-PI. Os dados foram produzidos por meio da técnica “Lugares de Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada” – metáfora criada pelo grupo-pesquisador para a desconstrução das ideias ou dos conceitos prontos sobre a alegria. A análise dos dados ocorreu por meio da análise classificatória dos relatos produzidos, os quais foram separados por categorias identificadas no discurso do grupo. Os estudos transversais apresentam o entendimento do pensamento heterogêneo do grupo-pesquisador como o de um único pensador que transversaliza as categorias mapeadas, mostrando a variedade de modos de pensá-las, ao trazerem os impedimentos da Formação em Pedagogia com alegria, quais sejam: a Pedagogia não sai do seu quadrado e a pressão vivenciada pelos discentes na Universidade. A **Formação em Pedagogia no quadrado** e a acadêmização como problema: recebe o que os fazem frágeis, apontando modos de vivê-la na invenção de si e de mundos. Acolhe a **Formação em Pedagogia no quadrado** e cria em oposição o confeto de **Formação-acolhimento em Pedagogia** que é a formação em que dentro do acolhimento há Bagunça Gomelada. Visualiza a alegria no movimento de transcrição do grupo ao criar linhas de fugas para vivenciar a Formação em Pedagogia com Bagunça Gomelada em lugares, experiências e saberes que os levaram a transcriar a formação-corpo dissolvente diluída na diferença e na diversidade encontrada na formação entre as **Pessoas-Bagunça-Gomelada** – marcadores constantes desses lugares que afirmam a diferença na formação. A alegria estava dissolvida nos lugares, nas experiências e nos saberes que fizeram os jovens discentes transcriar – transversalização como diferenciação na tecedura de um devir minoritário que borra as fronteiras do instituído ao sair do quadrado da formação permitindo se diluir em outros lugares de Formação, tais como: **Anfiteatro-Formação em Pedagogia Gomelada; Caminho-RU-Formação em Pedagogia Gomelada; Cama-elástica-Formação em Pedagogia; Mesão-CCE-Formação em Pedagogia Gomelada; Lugar 0015 da formação.** Portanto, na transcrição sociopoética, os jovens discentes produziram conceitos heterogêneos de Formação em Pedagogia na relação com a alegria que, transversalizados, problematizam múltiplos lugares, experiências e saberes que os atravessam e mobilizam nesta formação.

Palavras-chave: Formação. Pedagogia. Alegria. Jovens. Transcrição. Sociopoética.

OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. **WHAT IS TRANSCRIBED IN TRAINING IN PEDAGOGY WITH JOY: PLACES, EXPERIENCES AND KNOWLEDGE OF YOUNG PEOPLE FROM THE FEDERAL UNIVERSITY OF PIAUÍ.** Dissertation (Master in Education). 141 f. Postgraduate Program in Education, Center for Educational Sciences, Federal University of Piauí, 2019.

ABSTRACT

The present research was conducted about the relation between Pedagogy Training and joy. It has as general objective analyzing how young teachers transcreate the Pedagogy Training at UFPI in relation to joy as manner to recognize and value their places, experiences and knowledge. The study guiding questions were: which are the concepts of Pedagogy Training produced by the young students at UFPI in their relation to Joy? Which are the problems of Pedagogy Training in its relation to joy that mobilize young students? How recognizing and valuing places, experiences and knowledge that potentiate young Pedagogy Training students at UFPI in their relation with joy? The Sociopoetics qualitative approach based on Gauthier (1999, 2004, 2012), Adad (2011a, 2011b), Santos (2013, 2014), took place firstly with the formation of the reseacher-group composed by the researcher and six young students from the Pedagogy Course from UFPI, *Campus* Ministro Petrônio Portella, Teresina-PI. The data were produced by the technique “Places of Pedagogy Training in the relation to Bagunça Gomelada” - a metaphor created by the reseacher-group to the deconstruction of ready-made ideas or conceptions about joy. The data analysis was performed through a classificatory analysis of the produced reports, which were separated into categories identified in the group speech. The cross studies show the understanding of the heterogeneous thinking of the reseacher-group as that of a single thinker that transversalizes the identified categories, showing a variety of ways of thinking them, by exposing the impediments of Pedagogy Training with joy, namely: Pedagogy doesn't leave its framework and the pressure experienced by students at university. **The Pedagogy Training in the framework** and the academy as an issue: receives what makes them fragile, pointing ways of living it in the invention of itself and of worlds. It welcomes **the Pedagogy Training in the framework** and creates in opposition the Confeto of **Host-Training in Pedagogy** that is the training in which inside the host there is Bagunça Gomelada. It visualizes the joy in the transcriber movement of the group by creating escape lines to experience the Pedagogical Training with Bagunça Gomelada in places, experiences and knowledge that led them to transcreate a dissolvent body-formation diluted in the difference and diversity found in the training between the People-Bagunça-Gomelada - constant markers of these places that affirm the difference in training. The joy was dissolved in the places, in the experiences and in the knowledge that made the young students transcreate - transversalization as differentiation in the weaving of a minority becoming that blur the borders of what is instituted when leaving the framework of the training allowing to be diluted in other places of Training, such as: Training-Amphitheater in Gomelada Pedagogy; Training-RU-Path in Gomelada Pedagogy; Training-Elastic-Bed in Pedagogy; Training-Mesão-CCE in Gomelada Pedagogy; Training Place 0015. Therefore, in the sociopoetic transcription, the young students produced heterogeneous concepts of Pedagogical Training in relation to the joy that, cross-disciplined, problematize multiple places, experiences and knowledge that cross them and mobilize in this training.

Keywords: Training. Pedagogy. Joy. Young. Transcreation. Sociopoetics.

LISTA FIGURAS

Figura 01 –	Rastros da alegria na Formação em Pedagogia.....	18
Figura 02 –	Encontro das pontas dos dedos.....	38
Figura 03 –	Cartografia dos saberes sociopoéticos.....	41
Figura 04 –	Infraestrutura do CCE/UFPI.....	51
Figura 05 –	Copesquisadores caminhando no PPGEd/UFPI.....	53
Figura 06 –	Jovens discentes caminhando pelo espaço da sala.....	55
Figura 07 –	Produção plástica I, Copesquisadora Minéa	56
Figura 08 –	Produção plástica I, Copesquisadora Carol	57
Figura 09 –	Produção plástica I, Copesquisador Iann	58
Figura 10 –	Produção plástica I, Copesquisadora Wendy	59
Figura 11 –	Produção plástica I, Copesquisadora Jorrânia.....	60
Figura 12 –	Leitura e assinatura do TCLE.....	63
Figura 13 –	Processo de criação do diário: queimar giz de cera na chama da vela.....	64
Figura 14 –	Processo de criação do diário: pintar com massa de modelar.....	64
Figura 15 –	Produção plástica II, Copesquisadora Minéa.....	65
Figura 16 –	Produção plástica II, Copesquisador Iann.....	66
Figura 17 –	Produção plástica II, Copesquisadora Jorrânia.....	66
Figura 18 –	Produção plástica II, Copesquisadora Wendy.....	67
Figura 19 –	Produção plástica II, Copesquisadora Carol.....	67
Figura 20 –	Jovens construindo os lugares da Formação em Pedagogia com Bagunça Gomelada.....	69
Figura 21 –	Processo de criação da Bagunça Gomelada.....	72
Figura 22 –	Finalização do processo de invenção: eis que surge a Bagunça Gomelada.....	73
Figura 23 –	Exercícios para ativação do corpo dos jovens copesquisadores.....	76
Figura 24 –	Jovens sentindo o corpo no chão para iniciar a viagem imaginária aos lugares da formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada.....	77
Figura 25 –	Produção plástica III, Copesquisador Iann.....	79
Figura 26 –	Produção plástica III, Copesquisadora Gerciane.....	82
Figura 27 –	Produção plástica III, Copesquisadora Minéa.....	84

Figura 28 –	Produção plástica III, Copesquisadora Wendy.....	87
Figura 29 –	Produção plástica III, Copesquisadora Carol.....	90
Figura 30 –	Tecido feito à mão com linha e agulha.....	98
Figura 31 –	Ciranda da Invenção no III Encontro Internacional de Sociopoética: sentindo o chão com sons e ecos.....	103
Figura 32 –	Corredor-Canto do PPGEd/UFPI.....	108

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CCE	Centro de Ciências da Educação
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CsO	Corpo sem Órgãos
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CCHL	Centro de Ciências Humanas e Letras
DEFE	Departamento de Fundamentos da Educação
DMTE	Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
IFPI	Instituto, Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí
NEPEGECI	Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Educação, Gênero e Cidadania”
OBJUVE	Observatório das Juventudes e Violência na Escola
PIBIC/UFPI	Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Piauí
PPGEEd	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
RU	Restaurante Universitário
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPI	Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

1	RETIRADA DA ARMADURA DO CORPO DE AÇO À INVENÇÃO DO CORPO-GUERREIRO DO EDUCADOR – O MODO DE INTRODUÇÃO PELO MEIO.....	18
2	SOCIOPOÉTICA E A METODOLOGIA DAS PONTAS DOS DEDOS: ROTAS DA PESQUISADORA NO MÉTODO E NO TERRITÓRIO DA PESQUISA.....	38
2.1	Rastros da constituição da pesquisadora na Formação em Pedagogia com a alegria.....	39
2.2	O que é Sociopoética?	43
2.3	Não Subestime um labirinto! Adentrando os espaços do CCE: negociação e apresentação do território da pesquisa.....	47
3	NEGOCIAÇÃO DA PESQUISA E FORMAÇÃO DO GRUPO-PESQUISADOR.....	51
3.1	Construindo novos contornos para a consolidação da negociação com os copesquisadores.....	62
4	A TÉCNICA LUGARES DA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA E A CRIAÇÃO DA BAGUNÇA GOMELADA: PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	69
4.1	Bagunça Gomelada na Formação em Pedagogia: desconstrução e invenção da alegria.....	70
4.2	Descrição do processo de criação da técnica de produção dos dados.....	74
4.3	Análises da técnica Lugares de Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada: plástica e classificatória.....	94
5	ENTRELAÇANDO LUGARES, EXPERIÊNCIAS E SABERES DA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA NA RELAÇÃO COM A BAGUNÇA GOMELADA.....	98
6	TROCA DE PELE E ABERTURA DOS POROS: CONCLUSÃO.....	118
	REFERÊNCIAS.....	124

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE APROVADO PELO CEP/UFPI.....	128
APÊNDICE B – PLANO DO SEGUNDO ENCONTRO COM O GRUPO-PESQUISADOR.....	13
APÊNDICE C – ROTEIRO PARA A OFICINA DE PRODUÇÃO DOS DADOS.....	134
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....	138
ANEXO B – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA.....	139

1 DA RETIRADA DA ARMADURA DO CORPO DE AÇO À INVENÇÃO DO CORPO-GUERREIRO DO EDUCADOR – O MODO DE INTRODUÇÃO PELO MEIO



Figura 01 – Rastros da alegria na Formação em Pedagogia

Fonte: OLIVEIRA, Bruna Braz Rodrigues de. Arquivo pessoal, 2017.

A imagem acima será minha companheira, pois percebi que, desde menina, o chão foi o meu lugar de encontro, de paz, de conforto e de aconchego. O encontro do chão-água provoca vibrações em meu corpo, fazendo-me sentir as reverberações da potência de existir. Assim, escolhi caminhar no chão da Formação em Pedagogia na relação com a alegria, para isso, precisei, por inúmeras vezes, dobrar-me, parar e acelerar para sentir diferentes movimentos desse chão. Nesses movimentos, deixei alguns rastros de alegria no chão dessa formação que marcaram os meus trajetos. Desse modo, caminharei nesta pesquisa por potências que fazem vibrar os corpos atravessados dos jovens discentes de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí.

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(Fernando Pessoa)

A minha entrada na Formação em Pedagogia inicia-se como um velho navegante procurando entender: o que faço nessa formação? Em busca de respostas, na maioria das vezes prontas, naveguei com muita pressa para encontrar uma explicação para a questão. Mas o movimento da vida, muitas vezes, parece com o mar, pois ele não nos leva aos caminhos que planejamos ou impomos seguir. Pelo contrário, a força da vida e do mar nos coloca diante de uma encruzilhada que acontece no movimento de viver.

Diante disso, recorro ao poema “Mar Português”, escrito pelo poeta Fernando Pessoa, que faz alusão ao período das grandes navegações, presente na obra do autor intitulada “Mensagem”. No poema, é possível perceber o medo, o sofrimento e o desconhecimento sobre os limites do mar, por isso, ao passar do “Bojador”, o poeta vai além da dor, pois este era o ponto máximo que a cartografia tinha dimensionado para o mar e poucos conseguiam chegar a tal ponto, e aqueles que alcançavam tal intento, precisavam atravessar os medos e os perigos do desconhecido. Sou provocada a pensar sobre o poema e o que é possível encontrar além do “Bojador”, como também, sobre o que encontramos ao passar além da dor.

Descobri, com o tempo, que o mar relatado pelo poeta não tem o abismo no qual os navegantes poderiam cair. Mas o perigo continua até os dias atuais. Posso ser questionada sobre o porquê de trazer esse poema para iniciar o trabalho de dissertação de mestrado. Isso se justifica devido à minha relação com os movimentos do mar atravessados pelos movimentos da vida, conseqüentemente, da Formação em Pedagogia e da pesquisa, em que as rotas, os caminhos e as travessias não podem ser totalmente controlados por nós.

Além disso, dois elementos presentes no poema chamam a atenção, quais sejam: a dor e o perigo, os quais me conduzem à reflexão de como seguir os caminhos com eles. Percebi que a dor e o perigo fazem parte do meu movimento de pesquisar a Formação em Pedagogia

na relação com a alegria. A dor e o perigo levam-me a vivenciar e a afirmar essa formação transcriadora, ao promover rachaduras no movimento de ensinar e aprender e ao esboçar novos modos de existência, ao me permitir borrar as fronteiras da formação provocando deslocamentos em lugares, experiências e saberes da formação com alegria.

Desse modo, entende-se que transcriar é assumir a transversalização como diferenciação na tecitura de um devir minoritário que borra as fronteiras do instituído permitindo conexões, em que “[...] as variáveis menores se tornam o meio (*o médium*) de um devir minoritário dotado de potência heterogenética ou de diferenciação [...]” (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2010, p. 29, grifos dos autores), possibilitando a composição de novos arranjos e desarranjos.

Ao transcriar a Formação em Pedagogia, refiro-me ao que transcria como “Aquele educador que sabe que a criação é sempre um processo de auto-criação, de criação de si, ou seja, um diferenciar, diferenciando-se” (CORAZZA, 2013, p. 97-98). Com isso, é preciso compreender que em uma formação que transcria, “[...] há risco, pois a resistência só se opera onde há incidência do poder e, portanto, quando os autores realizam essas experimentações, habitam o território no qual o enfraquecimento e o assujeitamento também se produzem para nele criarem deriva” (MACHADO, 2018, p. 8).

Não é à toa que a filósofa Viviane Mosé (2017) mostra, no vídeo “O sofrimento move a vida”, que o sofrimento é um processo que acontece no corpo, em que ele precisa de um tempo para ser vivenciado, pois “rasga a alma para ela ficar mais larga”. E o que acontece quando a alma se expande? Nela cabe mais mundo. E, ao alegrar-se, argumenta que o ser humano é capaz de “sustentar o infinito”. A sustentação do infinito ressoa como o aumento da potência de viver, pois, ao vivenciar esse processo de angústia em nosso corpo, ampliamos nossa capacidade de enfrentamento da vida criamos resistências no corpo.

Nessas resistências, o corpo, ao vivenciar, “[...] superar e aprender com os sofrimentos pode nos fazer tomar consciência e impulsionar um devir-bambu que, com sua força, promove a resiliência de envergar e voltar com outro vigor para a vida, com alegria! [...] é como aprender a ‘endurecer sem perder a ternura’ [...]” (AZEVEDO, 2018, p. 1). Nesse processo de transformação, o corpo passa por um “Espaço da pressão extraordinária da alma para apagar as sombras do corpo, e os recuos máximos do corpo para resistir a esse esforço” (SERRES, 2001, p. 23). Esse campo de pressão gera a dor e o perigo que, neste trabalho, são colocados para afirmar que os caminhos seguidos na Formação em Pedagogia me levaram a entender que eles são necessários para ampliação de mundos, uma vez que vivenciar o sofrimento nos

permite a expansão da alma para caber mais possibilidades de contradições dos modos de ver e sentir e afirmar a Formação em Pedagogia na relação com a alegria.

Diante disso, ao pesquisar a Formação em Pedagogia na relação com a alegria, torna-se importante mencionar que existem diferentes sentidos para a alegria, de acordo com os teóricos que abordam essa categoria de estudo. A exemplo: o Dicionário Aurélio, em que a alegria é “manifestação de contentamento e júbilo”; Snyders (1993), a alegria é manifestada a partir de textos literários, sendo vista pelo autor como ato na escola, em que se relaciona ao modo de vida dos jovens; Spinoza (2013, p. 184), para quem a alegria “[...] é um afeto pelo qual a potência de agir do corpo é aumentada ou estimulada”.

Os diferentes sentidos para a alegria são importantes para que se possa entender a transversalização da transcrição da Formação em Pedagogia na relação com a alegria que dissolve as fronteiras do instituído, ao afirmar a diversidade dos saberes e dos não saberes na complexidade dos processos educativos, ao aspirar a pluralidade dos saberes que visam ligar o que está separado, ao esboçar elo entre os diversos campos disciplinares e ao estabelecer conexão entre as diferentes áreas do conhecimento. Sobre a complexidade, ela suporta “[...] uma pesada carga semântica, pois que traz em seu seio confusão, incerteza, desordem. Sua primeira definição não pode fornecer nenhuma elucidação: é complexo o que não pode se resumir numa palavra-chave, o que não pode ser reduzido a uma lei nem a uma ideia simples” (MORIN, 2006, p. 5-6).

Para tanto, a transcrição da Formação em Pedagogia com alegria provoca encontros de vibrações com outros corpos diante das ressonâncias da vida, provoca mudanças nas práticas educativas. Desse modo, a formação transcrita pela alegria é um trabalho com duração que acontece com a potência do tempo bergsoniana, que leva a pensar no tempo de forma diferente da convencional (passagem cronológica entre passado, presente e futuro). Lapoujade (2013, p. 11), destaca que “[...] para aprender a duração, a famosa duração bergsoniana, é preciso senti-la fluindo em nós”.

Ao corroborar esse pensamento, Le Breton (2013) traz o *tempo do carnaval* como possibilidade de transgressão do corpo, em que, “[...] suspende provisoriamente os usos costumeiros e favorece seu renascimento e sua renovação graças a essa passagem ao paradoxal. É a busca de um segundo fôlego [...]” (p. 45). No qual, “O carnaval institui a regra da transgressão, conduz os homens a uma liberação das pulsões habitualmente reprimidas. *Intervallum mundi*, abertura de outro tempo no tempo dos homens e das sociedades onde vivem” (p. 45, grifo do autor).

Com isso, é imprescindível esclarecer: Qual é a alegria na relação com a Formação em Pedagogia abordada nesta dissertação? A alegria é a potência de agir – movimento em ato de expansão da Formação em Pedagogia, que possibilita deslizar nas fronteiras entre lugares, experiências e saberes. Foi em ato de expansão da Formação em Pedagogia na relação com a alegria que surgiram as implicações que me movem nesta pesquisa. Nesse movimento, vivenciei experiências de alegria que me levaram a transcriar na Formação em Pedagogia, ao adentrar territórios conhecidos e desconhecidos para percebê-la na expansão do meu corpo (KASTRUP, 2007).

Percorri esses caminhos na transversalidade – “[...] dimensão que pretende superar os dois impasses, quais sejam o de uma verticalidade pura e o de uma simples horizontalidade; a transversalidade tende a se realizar quando ocorre uma comunicação máxima entre os diferentes níveis e, sobretudo, nos diferentes sentidos” (GUATTARI, 2004, p. 111). Desse modo, a experiência de percorrer os caminhos na transversalidade me permitiu seguir borrando fronteiras, em que os saberes foram compartilhados por meio dos encontros entre os diferentes corpos que aconteceram de forma não hierárquica.

Nesse sentido, ao percorrer os caminhos da Formação em Pedagogia na transversalidade, fui deixando rastros que não são perceptíveis ao olhar objetivo, pois cabe a sensibilidade aguçada de achador de onças – tateador de rastros. Quando ainda era criança, contaram-me uma história sobre um bisavô achador de onças, após os relatos, comecei a imaginar: Como seria a tarefa de achar onças? Como seria o caminhar de um achador? Percorri os caminhos da memória com os seguintes questionamentos: como andar sem deixar pegadas visíveis? Como sentir os movimentos do chão ao caminhar?

O movimento de caminhar do achador é único, realizado com todo o corpo, em que os caminhos se misturam, porém não se repetem, uma vez que sempre acontecem de formas diferentes. Nesse caminho é preciso esperar, ter cautela nos movimentos, pois o caminho do achador é o caminho da espera. Diante disso, compartilho um fragmento do meu diário.



O caminho da espera, Teresina-PI, 8 de setembro de 2016

O movimento de andar por novos caminhos nos conduz a uma percepção mais aguçada dos passos, dos movimentos de andar ritmados (leve, devagar, rápido, muito rápido, correr), no qual se faz necessário sentir o chão, todas as suas estruturas e os seus obstáculos, pois esse caminho é desconhecido, então, é preciso andar cuidadosamente nos seus trajetos. De outro modo, os caminhos conhecidos estão registrados em nosso corpo-memória, por isso, se fecharmos os olhos conseguiremos chegar a qualquer espaço sem dificuldades.

Esse caminhar mostra o movimento dos saberes, da espera e da ação para o momento certo, pois o achador precisa perceber no corpo o momento mais apropriado para avançar e para recuar. Com isso, cresci ouvindo a expressão “onde a onça bebe água”, e ela significa para mim o movimento da sabedoria, da descoberta, da procura, do encontro, uma vez que somente os achadores de onça conseguem saber o lugar de seu refúgio, de descanso, de repouso ou até mesmo de esconderijo. Fui guiada pelos ensinamentos do meu bisavô, achador de onças, para perceber os meus rastros da Formação em Pedagogia com a alegria. Com isso, destaco três rastros principais que discorrem sobre os caminhos que percorri na Formação em Pedagogia com a alegria, que justificaram este trabalho e me permitiram a preparação do corpo para a realização da pesquisa de mestrado, quais sejam: **a abordagem de pesquisa das pontas dos dedos: a Sociopoética**, que será tratada na Seção II; **os Encontros Teóricos – Onde está a Formação com a alegria?**; e **as experiências transcriadoras de Formação em Pedagogia com alegria**.

Encontros Teóricos – Onde está a Formação com a alegria?

Andei muito para perceber o encadeamento desse rastro, no qual encontrei a alegria, que me fez pensar sua relação com a Formação em Pedagogia. Para tanto, primeiramente, encontro na teoria de Spinoza a alegria como afetação e como “potência de ação” que nos invade a vida. Gleizer defende:

[...] a primeira definição: ‘Por afeto (*affectum*) entendo as afecções (*affectiones*) do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída [...], assim como as ideias dessas afecções’. Em primeiro lugar, nessa definição Espinosa atribui inequivocamente os afetos tanto ao corpo quanto à alma. Tanto as afecções que alteram a potência de agir do corpo, quanto as ideias destas afecções que alteram a potência de agir da alma, isto é, sua potência de pensar, são afetos. Em segundo lugar, a primeira definição deixa claro que um afeto é uma afecção que faz variar positiva ou negativamente a potência de agir. Desta forma, uma afecção neutra, isto é, que deixa invariável a potência de agir, não tem dimensão afetiva. Assim, se todo afeto é uma afecção, nem toda afecção é um afeto. A variação positiva da potência de agir- ou seja, sua passagem a uma maior perfeição ou força de existir- constitui a alegria, enquanto sua variação negativa- isto é, sua passagem a uma menor perfeição ou força de existir constitui a tristeza (GLEIZER, 2005, p. 33-35, grifos do autor).

Nesse sentido, ao pensar a Formação em Pedagogia na relação com a alegria, como potência de ação, faz vibrar o corpo aumentando a nossa capacidade de viver os problemas, as

dificuldades, de formação com a alegria, pois nos levam à ação, às resistências e à criação de linhas de fuga.

Além disso, a procura de elementos teóricos para perceber essa formação com alegria foi muito importante, encontrar apoio em Gleizer (2005), que fala sobre a teoria de Spinoza, afetando profundamente o meu corpo na formação em Pedagogia, fazendo-me entender a alegria como afetação e poder relacionar essa afetação com Snyders (1993), que traz a alegria na formação, a qual me leva a pensar na Formação de jovens do curso de Pedagogia, que é o tema em questão. Em meio a este tema, sou mobilizada pela questão de Spinoza: O que pode o corpo do graduando em Pedagogia diante da alegria? Fez-me mobilizar meu corpo para compreender melhor as relações entre os jovens graduandos do curso de Pedagogia, ao entender, em Snyders (1993), um elo com a teoria de Spinoza que ressalta “a potência de agir”. Sobre isso, o autor afirma:

Eu sonho em poder estabelecer um vínculo com Spinoza, quando ele distingue o prazer, parcial e passageiro, da alegria, onde o essencial está em jogo. Todo o ser e o movimento de todo o ser estão interessados nisso, um caminho é aberto rumo à investida total: ‘Quanto maior é a alegria, mais passamos para uma alegria maior’. A alegria é um ato e não um estado no qual nos instalamos confortavelmente [...]. A alegria também é um ato na medida em que, através dela, ‘a potência de agir é aumentada’, um acréscimo de vida, fazendo o indivíduo se sentir como que prolongado, enquanto a não-alegria vai se restringir, se reduzir, se economizar [...]. (SNYDERS, 1993, p. 42).

Assim, a alegria na Formação em Pedagogia é um ato que fortalece o bastante para encarar os problemas, as dificuldades, os obstáculos que se apresentam na convivência com os jovens. Nessa relação, uma nova cognição se configura para essa formação: “[...] um convite a adotar uma certa maneira de estar no mundo, de habitar um território existencial e de se colocar na relação de conhecimento” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010, p. 202).

Sobre isso, cabe destacar a importância da Formação em Pedagogia com alegria de forma interativa, em que o professor valorize os conhecimentos na prática de ensinar-aprender com os jovens, de modo que, possa cativá-los a aprender por meio da formação ao agregar os lados intelectual e afetivo, e, desse modo, construir um local propício para realizar a conciliação e reconciliação, de modo que a formação com a alegria “[...] só é possível na medida em que o intelectual e o afetivo conseguem não se opor” (SNYDERS, 1993, p. 92).

Para tanto, a Formação em Pedagogia com a alegria acontece no encontro com outros corpos, em que, novas realidades são esboçadas na forma de sentir por meio de uma percepção afirmada pelo pensamento deleuziano que coloca o ser em contato com as

sensações promovendo rupturas com as formas já instituídas. Com as rupturas é possível perceber novas possibilidades do corpo “[...] no encontro sensível entre corpos de diferentes intensidades, a experiência é evocada a partir da qualidade interna que emerge na relação com o outro enquanto diferença de si” (CZERMAK, 2003, p. 364).

É no encontro dos corpos, por meio da sensibilidade que coloca o ser humano em contato com outro ser, que anuncio outro elemento que me levou a vivenciar a Formação em Pedagogia com alegria – a experiência, pensada como uma arte e não como técnica ou prática. Nessa formação, a experiência faz ressoar seus cantos pedagógicos como cantos artísticos, ao fazer da experiência uma categoria livre, “[...] como uma espécie de oco ou de intervalo, como uma espécie de interrupção, ou de quebra, ou de surpresa, como uma espécie de ponto cego [...]” (p. 12).

Para tanto, a escuta dos cantos artísticos da experiência na Formação em Pedagogia com alegria me levam a pensar nessa formação como abertura que pode possibilitar novos modos de sentir, de pensar, de ver para além do olhar objetivo que captura e enquadra, em vez disso, é possível exercitar o olhar sensível que tateia todos os movimentos das vibrações que provocam novos ângulos de visão. Para Larrosa (2016, p. 13):

[...] insistirei, para terminar, que não se pode pedagogizar, nem didatizar, nem programar, nem produzir a experiência; que a experiência não pode fundamentar nenhuma técnica, nenhuma prática, nenhuma metodologia; que a experiência é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece; e em que a experiência, que não sabemos o que é, às vezes canta.

Pensar a experiência na Formação em Pedagogia na relação com a alegria sem associar com um método, metodologia, técnica ou prática que a sistematize ou que a fundamente é muito difícil, mas, ao mesmo tempo, instiga-me a caminhar pelos caminhos da transcrição, como categoria livre, vazia e aberta a uma experiência estética que não pode ser aplicada, mas somente experimentada, na qual as pessoas que a vivenciam têm a possibilidade de ressoar os cantos dessa formação. Assim, é preciso saber: quem é esse sujeito que vivencia a experiência na Formação em Pedagogia na relação com a alegria? O sujeito dessa formação para experiência é:

[...] um sujeito ‘ex-posto’. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a ‘oposição’ (nossa maneira de opormos), nem a ‘imposição’ (nossa maneira de impormos), nem a ‘proposição’ (nossa maneira de propormos), mas a ‘ex-posição’, nossa maneira de ‘ex-pormos’, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de

risco. Por isso, é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSA, 2016, p. 26).

Diante disso, “o que nos acontece” e o que “nos toca” direciona para as diversas experiências do ser para ser quem se é, especificamente na Formação em Pedagogia com alegria, que está atrelada às experiências do ser, em se permitir vivê-las não se deixando ser controlado por um padrão, permitindo-se deslizar na formação. Desse modo, Rocha (2007), ao relembrar a enigmática questão da obra de Nietzsche sobre “tornar-se quem se é”, propõe uma profunda reflexão sobre “o eu” e toda bagagem que este carrega.

Assim, a fórmula ‘tornar-se quem se é’ não pode ser compreendida como o percurso que conduz a atualização de uma essência. Ela não é da ordem de um imperativo ou de uma finalidade, mas é, antes, a descrição de um processo inteiramente imanente: a vida é o percurso no qual alguém se torna (vai se tornando, não cessa de se tornar) quem é. E inversamente: um eu não é, a rigor, outra coisa senão a configuração sempre mutante e sempre provisória que resulta da combinação de forças e efeitos. O encontro fortuito com as circunstâncias de uma vida vai transformando, esculpindo um ‘eu’. (ROCHA, 2007, p. 294).

Nesse sentido, o “eu” da formação em Pedagogia na relação com a alegria está sempre a tornar-se experiência, que acontece no ato de viver, constituindo-se em mutante, sempre em processo de metamorfose, pois não finda a transformação que constrói as fibras que sustentam o “eu” que passa por um processo similar a um velho escultor que nunca termina sua obra até finalizado o momento de lapidação. A lapidação não cessa, porque “[...] criar é uma atividade constante e ininterrupta. É estar sempre efetivando novas possibilidades de vida” (DIAS, 2004, p. 133).

A Formação em Pedagogia na relação com a alegria acontece em meio às afetações dos corpos em linhas de afetos que se cruzam, conectam-se, afastam-se e reconectam-se. Além disso, essa formação com alegria é um caminho a ser percorrido, incerto, com movimentos, ondulações e turbulências, onde os caminhos podem ser retos, ondulatórios, difusos. Neles pode-se andar pelas beiradas na sensação de busca, acelerando, parando e perdendo o rumo para começar novamente (OLIVEIRA, 2015b).

Nesse sentido, ao encontrar os fundamentos teóricos acima, pude entender melhor as experiências transcriadoras que vivenciei da Formação em Pedagogia com a alegria, as quais fizeram-me sair da sala de aula para percorrer diferentes lugares, experiências e saberes de

Formação em Pedagogia, a fim de retornar para a sala de aula na Universidade com um novo fôlego, que me permitiu transcriber essa formação no deslocamento desses elementos.

Experiências transcriadoras de Formação em Pedagogia com alegria

Ao vivenciar os estudos sobre a alegria relacionando-os com a Formação em Pedagogia, pude entender as experiências transcriadoras que vivenciei por meio dos deslocamentos em lugares, experiências e saberes da formação com alegria. Para tanto, precisei revisitar a memória várias vezes, para compreender o processo que se engendrava no meu corpo, pois as experiências transcriadoras que relato surgem em linhas dos encontros vivenciados na Formação em Pedagogia, nos quais chamo a memória para fazer-se presente como uma aranha que lança fios no ar. Fios, quando reunidos, transformam-se em nós. Tecer os fios da memória é deslizar entre aquilo que grita em nós e o que está adormecido esperando o toque para dar continuidade à tecedura de seu fio, no presente, muitas vezes, de outro modo. Pesquisar é habitar zonas conhecidas e adormecidas do corpo para perceber como a temática investigada nos toca.

Com isso, o primeiro vestígio do rastro das experiências transcriadoras que vivenciei na Formação em Pedagogia com alegria surgiu ainda na infância, possibilitando o aumento da potência de agir do meu corpo no seu movimento de expansão, nos hospitais de Teresina-PI, durante um período de internações hospitalares, quando surgiu a primeira visita do grupo de Doutores da Alegria¹. A alegria compartilhada por esses artistas possibilitou o desenvolvimento do meu corpo, ao fazer emergir a afirmação da vida no enfrentamento dos obstáculos, trazendo novas significações para o ato de viver a formação com alegria.

Nesse encontro, percebi que alegria era algo que estava em mim, no meu corpo, na minha vida. Por estar diagnosticada com leucemia, precisava passar um longo período de tempo no hospital, devido ao tratamento. Com isso, propus à médica que deveria continuar estudando e foi isso que fiz, em meio aos medicamentos e objetos hospitalares, os meus livros surgiram como elemento estranho para a rotina daquele espaço.

Em todos os lugares que frequentava, eles estavam comigo, assim, a alegria que me invadia estava relacionada ao movimento de aprender, pois sempre senti alegria em estar na escola. Por isso, levei a formação para o hospital juntamente com a minha alegria de aprender

¹“É uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que utiliza a arte do palhaço para intervir junto a crianças, adolescentes e outros públicos [...] em hospitais públicos e ambientes adversos” (DOUTORES DA ALEGRIA, 2016).

e percebi, nesse movimento, que os livros desarranjaram a composição do ambiente hospitalar. A possibilidade de levar a escola comigo por meio dos livros, me permitiu pensar em aprender na relação com a vida e seus diferentes movimentos, pois os saberes que menciono aqui eram compartilhados nos espaços que habitei e serão narrados a seguir. Os saberes referem-se ao movimento de aprender na troca de uma escuta sensível que me fez, por diversas vezes, mergulhar no universo do outro, no encontro de diferenças que possibilitou a desconstrução dos saberes e não saberes e ainda outros saberes.

Nesse rastro no hospital, vivenciei a minha primeira experiência transcriadora de formação com a alegria que levou a um aprender coletivo, por meio da Sociopoética, e foi o aprender na coletividade que derreteu o meu “organismo de aço”, até então indicado pela medicina nas inúmeras consultas médicas, em que, era sempre afirmado: “essa menina tem um corpo de aço”.

Ao ouvir a médica mencionar que o meu corpo era “um organismo de aço”, pensei, naquela época, por volta do ano 2000, que tinha um corpo forte capaz de suportar tudo devido à sua resistência implacável. No entanto, a alegria provocou a vibração do corpo, aumentando sua ação e, ao afirmá-la como potência de vida, o “organismo de aço” derreteu e, aos poucos, comecei a sentir. No derretimento do aço, senti as dores da criação de um corpo organizado de outro modo.

E o que se cria ao derreter-se na formação com alegria? Deleuze e Guattari (2012, p. 15), mencionam que, para a criação de cada tipo “Corpo sem Órgãos (CsO)”, deve-se questionar: “[...] 1) Que tipo é este, como ele é fabricado, por que procedimentos e meios que prenunciam já o que vai acontecer; 2) e quais são estes modos, o que acontece, com quais variantes, surpresas, coisas inesperadas em relação à expectativa?”. Não se tem a certeza do que é produzido no CsO, pois ele é um corpo em transformação. Nessa transformação, como o corpo se potencializa na formação? A formação com alegria provoca a expansão do corpo em transformação quando sua potência de agir é aumentada, “[...] **quando a mente considera a si própria e sua potência de agir, ela se alegra, alegrando-se tanto mais quanto mais distintamente imagina a si própria e a sua potência de agir**” (SPINOZA 2013, p. 133, grifos do autor).

Naquela época, ao viver a experiência da formação com alegria nos hospitais de Teresina-PI, não tinha dimensão sobre o que a alegria potencializa em nós e na formação e como essa potência age no processo de invenção de si e de mundos. Isso só foi possível quando adentrei aos estudos teóricos sobre a alegria durante a graduação em Pedagogia, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), em 2013, e tive que perceber as implicações dessa

potência no meu corpo. Não bastava habitar a formação com alegria, era preciso saber onde ela habitava em mim. Mas foi nos estudos para a escrita do projeto de mestrado, em 2016, que percebi que a experiência relatada acima estava adormecida e ainda gritava em mim, à medida que tomei para a seleção do mestrado, em 2017, como objeto de estudo, o projeto de extensão Risomil, em Parnaíba, composto pelos acadêmicos da área de saúde. O objetivo era investigar a relação entre o corpo e a alegria na formação desse profissional. Entretanto, tive que mudar a proposta, tendo em vista que o projeto se extinguiu em 2017, os seus membros se dispersaram e perdi o contato. Diante disto, mudei parcialmente o projeto, Formação em Pedagogia na relação com a alegria, dessa vez, dos pedagogos.

Desse modo, percebi, na experiência de construção desta dissertação, que as forças do mar e as forças da vida nos levam para outras direções que podem ser esperadas ou inesperadas. Assim, quando entrei em contato com os jovens do Risomil para iniciar a pesquisa, fui informada por eles que as atividades realizadas no projeto de extensão se encerraram, e tive que direcionar a pesquisa para outro grupo, como já dito. Diante disso, compartilho o diário escrito sobre as sensações, ao deparar-me com a situação de encontrar outro grupo para realizar a pesquisa.



Pesquisadora estrangeira, Teresina-PI, 11 de novembro de 2017

Hoje é mais um dia de escrever sobre aquilo que me toca no movimento de pesquisar. Quero confessar que estou inquieta, pois pensei que iria encontrar o meu caminho feito no Mestrado em Educação. Tive o cuidado de planejar um projeto que pudesse assegurar esse caminho. O Risomil, apesar do movimento que coloquei, de pesquisar a alegria na prática educativa dos jovens acadêmicos de saúde da UFPI, era, para mim, a segurança de ter uma pesquisa feita, pois, todas as cartas já estavam marcadas no projeto de pesquisa. Assim, já sabia quantos jovens eram e o que faziam nesse projeto. No entanto, a vida me atravessou com alguns imprevistos e, agora, estou sem/com vários rumos mais uma vez. Essa sensação que invade o corpo é insuportável, uma vez que tenho tantos caminhos, mas não sei para onde ir. Talvez essa não seja uma questão de saber, mas de sentir. Como sentir os caminhos que me tocam na Formação em Pedagogia? Confesso que apesar de estar dentro desse campo, ainda me sinto como uma estrangeira nesses espaços. Com isso, questiono: como um “estrangeiro” pode adentrar um território? Que passos ele tem? Como sentir esse chão? Percebo, agora, o paradoxo do meu estranhamento, pois sou andarilha. E o que ele faz? Inventar caminhos! Entretanto, me senti perdida por não ter um lugar pronto, uma pesquisa pronta. Sinto-me como um cartógrafo que traça linhas de vida, de força e de afetos nas nuvens, em espaços abertos. Como construir uma pesquisa sem espaços direcionados? Como andar entre as zonas estrangeiras e as codificadas nos espaços que percorremos? É preciso um novo caminhar em meio aquilo que me toca e me atravessa na formação. Entretanto, preciso parar, reparar e, na paragem, sentir as zonas que não foram mostradas e que possam ser percebidas por uma sensibilidade aguçada.

Aprendi, nesses processos de invenção de si e de mundos, que, para pesquisar a Formação em Pedagogia com alegria, é preciso criar um novo corpo, propício a alegrar-se.

Isso aconteceu quando derreti o “organismo de aço”, possibilitando-me sentir as dores e os movimentos dessa transformação. Apesar disso, ainda, sentia que algo me impedia de inventar novos movimentos, pois havia engessado o corpo na repetição das formas de uma velha armadura criada por mim para proteção. Observo, hoje, que esta se apresentava como um paradoxo ao mesmo tempo em que me causava feridas, fazia-me senti-las e, assim, pude retirá-las do meu corpo. A isto chamo de corpo guerreiro.

Ao contrário do que aprendi, o corpo guerreiro não usa armaduras. Atravessa os espaços sem armaduras, pois permeia espaço liso, no qual se fazem possíveis os atravessamentos e os deslizamentos nos espaços-fronteiras do movimento de pesquisar na Formação em Pedagogia com alegria (SCHOPKE, 2004). Isso só foi possível quando iniciei a graduação em Pedagogia na UFPI, em 2011. A alegria e a possibilidade de transcriar essa formação levou-me a pensar a Pedagogia de outro modo, na medida em que percebi meu corpo formatado por uma formação rígida. Este processo aconteceu com encontros que não estão estritamente ligados aos conteúdos, mas aqueles que ocorreram fora da sala de aula e me permitiram mudanças no olhar, no corpo. Tudo isso ampliou meus contornos e acrescentaram modos de educar que levei para sala de aula, reinventando conteúdos e provocando pensar as disciplinas do curso.

Ao ampliar meus contornos, relato mais um vestígio dos meus rastros de experiências transcriadoras de Formação em Pedagogia com alegria. Em 2011, ao adentrar na UFPI, no espaço do Centro de Ciências da Educação (CCE), senti-me perdida, uma vez que, além da novidade do espaço que se apresentava naquele momento ainda era a minha primeira vez sem armadura. Nesse espaço, tudo que eu conseguia ver era um enorme labirinto, por isso, em muitos momentos, senti-me como a personagem central do filme “Alice no país das maravilhas”. A cada entrada, encontrava uma nova saída, os seus corredores me levavam a lugares estranhos. Não tinha rumo certo, nem o foco que a maioria das pessoas da turma que eu estava já apresentava. Seria isso um problema? Pode uma pedagoga andar sem foco, a esmo? Nem sempre fui assim, de andar sem rumo, pois eu era o sujeito do “aço”, da determinação, do foco, da certeza e do planejamento.

Com isso, o meu corpo era fechado para a experiência, quando algo acontecia, eu não deixava que me tocasse a ponto de me fragilizar. Entretanto, ao entrar no ensino superior, o sujeito da certeza que descrevi precisou desconstruir-se, transformar-se, fragilizar-se e rachar-se em pequenas fissuras para perceber a potência da vida. Hoje, tornei-me aberta para a experiência, entretanto, afirmo que esse não é um processo fácil, ele não acontece de repente, é preciso parar, sentir os movimentos da vida percebendo suas vibrações e seus tremores e

libertar-se para a experiência, “[...] por isso, através de cada combinação frágil é uma potência de vida que se afirma, com uma força, uma obstinação, uma perseverança ímpar no ser” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 13).

Em meio às experiências, saberes e não saberes da graduação em Pedagogia, ao cursar as disciplinas do Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) (Sociologia, Filosofia e Psicologia da Educação) e do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) (Metodologia da Língua Portuguesa, da Matemática, dentre outras) (ANEXO B), era constantemente interpelada por uma voz interna que gritava sobre a necessidade de pensar a Formação em Pedagogia com alegria que realmente atravessasse a vida de crianças e jovens dentro de suas singularidades², além disso, chamava a atenção uma formação que provocasse afecções³ nos corpos dos sujeitos.

Assim, desde esses gritos internos, pude vivenciar três pesquisas realizadas pelo Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Piauí (PIBIC/UFPI), sendo que uma delas gerou o problema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Tais experiências fizeram-me transcriar quando vivenciei formações com alegria para além dos muros da Universidade: em 2013, na Arte do Palhaço, Contação de Histórias e no Projeto de Extensão “Rodas de Cultura Sociopoética”; de 2013 a 2015, nas apresentações de trabalhos em eventos científicos; de 2012 a 2017, com a participação em palestras nos espaços de arte. As experiências aqui relatadas fazem parte de uma formação com alegria, aquela que me fez transcriar na formação, criar um corpo guerreiro.

Em 2012, iniciei os estudos sobre as juventudes no Observatório das Juventudes e Violência na Escola (OBJUVE), vinculado ao DEFE/CCE. Além disso, tornei-me parte do Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Educação, Gênero e Cidadania” (NEPEGECEI), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Acompanhei as discussões de pesquisas que envolviam os jovens, realizadas em torno de diferentes temáticas: medo, violência na escola, sexualidade na escola, corpo, riso e alegria. Adentrei ao universo juvenil percebendo-o a partir de suas potencialidades, aprendendo “[...] que pesquisar e lidar com eles é possível desde que se acredite neles e em suas capacidades” (ADAD, 2011b, p. 2).

²“Singularizar é buscar novas experimentações, afirmando a diferença, a variação, a resistência à sujeição da identidade e da individuação”(TONELI; ADRIÃO; CABRAL, 2012, p. 210).

³“Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potencia de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (SPINOZA, 2013 p. 98).

Para tanto, a primeira pesquisa do PIBIC – 2012/2013 intitulou-se “As práticas do circo social vivenciadas por jovens artistas circenses como constitutivo de suas subjetividades”, realizada na Escola de Circo Social “Pé de Moleque”, localizada na Vila Santa Cruz, bairro Promorar, na zona sul de Teresina-PI. A participação no projeto possibilitou conhecer os estudos desenvolvidos sobre a educação em espaços não escolares, além da relação entre corpo, juventudes, educação e arte.

Desses campos, realço o aprofundamento teórico realizado sobre uma das dimensões do corpo, qual seja o riso e o seu lugar na sociedade desde a Idade Média e o Renascimento até os dias atuais, fazendo-me pensar a educação de forma mais livre, ao perceber o riso como prática social e cultural construído pela sociedade. Para tanto, existem diferentes manifestações do riso, desde o riso solto e ambivalente ao escárnio e à ironia, enquanto a alegria, assim como o riso, não é afeto natural e existem diferentes sentidos para ela, ditos por mim anteriormente. Isso me permitiu relacionar o riso com a alegria: “O riso destrói as certezas. E, especialmente, aquela certeza que constitui a consciência enclausurada: a certeza de si. Mas só na perda da certeza, no permanente questionamento da certeza, na distância irônica da certeza, está a possibilidade do devir” (LARROSA, 2010, p. 181).

O riso na destruição das certezas quebra os contornos do corpo do educador permitindo abrir para novos modos de educar, pois tanto o professor quanto o aluno tornam-se agentes do conhecimento. Isso permite mudanças nas maneiras de ensinar e aprender produzindo encontros na formação em todos os elementos que a prática educativa envolve. Desse modo, o riso aqui citado provoca a destruição das certezas que potencializa novos modos de educar, enquanto a alegria provoca a potência de agir, a expansão do corpo no processo de transcrição da formação com alegria (OLIVEIRA, 2013).

O circo social traz, em suas experiências de aprendizagens, valores importantes para pensar a formação. Nessa escola todos podem aprender! A perspectiva da falta é ignorada dentro das multiplicidades que a escola oferece aos seus alunos. Outro valor importante construído pela escola de circo social é que uns aprendem com outros, pois a aprendizagem acontece de forma misturada, coletiva, construindo interesses comuns, ou seja, é muito importante que todos consigam aprender. Por exemplo, no exercício de andar na perna de pau, foi observado que é preciso o apoio do ombro do amigo, pois não se consegue levantar ou segurar-se de pé sem o apoio do ombro do outro. Desse modo, foi possível perceber que ninguém se educa sozinho, de forma isolada, pois aprender e ensinar acontecem na perspectiva do encontro, das trocas (OLIVEIRA, 2013).

Percebi, nessa experiência transcriadora da formação que a escola de circo social é, a escola da experiência, pois permite acertar e errar, cair e levantar quantas vezes for necessário. Então, pode surgir a seguinte pergunta: a escola de circo social tem disciplina? Sim, claro que se tem disciplina, inclusive muito disciplinamento do corpo para a realização de números antes inimagináveis pelos artistas circenses. Agora, o que não se tem é o domínio e a opressão pelo outro. O aprender no circo social vai ao encontro da liberdade do corpo no movimento da vida nas diversas ressonâncias dos modos de viver, pois não existe o medo da queda, porque cair é um elemento fundamental para o salto. O ato de cair prepara o corpo para o próximo impulso.

Na preparação do corpo para o próximo impulso, vivenciei a Formação em Pedagogia com a alegria, em que entender a alegria como potência de agir do corpo tornou possível a ampliação da primeira pesquisa, levando-me à segunda, com o tema “a alegria na escola”, com jovens graduandos de Pedagogia da UFPI. A abordagem qualitativa foi a Sociopoética, que afirma a criação coletiva do conhecimento “[...] no qual cada participante da pesquisa está ativo em todas suas etapas [...] e pode interferir no devir da pesquisa” (GAUTHIER, 2012, p. 74). Isso me fez pensar sobre o desinteresse dos alunos, a não participação da gestão nas atividades de sala de aula, a homofobia e o *bullying*. Além disso, os jovens destacaram a necessidade de criação de metodologias inventivas para o enfrentamento desses problemas (OLIVEIRA, 2014).

A criação de metodologias inventivas trouxe o problema da invenção na Formação dentro e fora das escolas, levando-me ao terceiro projeto do PIBIC – 2014/2015, sobre metodologias inventivas na sala de aula, no enfrentamento dos problemas levantados na pesquisa anterior, especialmente sobre a gestão não participativa e a desmotivação dos alunos. Por sua vez, em 2015, concomitante ao PIBIC, realizei o TCC sobre a alegria na escola ampliando a pesquisa do PIBIC de 2013/2014, a fim de dar continuidade aos conceitos produzidos pelos jovens graduandos de Pedagogia (OLIVEIRA, 2015a; 2015b).

A pesquisa sobre a alegria na escola mostrou-se uma estreita ligação com o confeto “**Corpo pirâmide**, corpo que quando supera desafios faz com que a alegria se espalhe e contagie outras pessoas, faz a alegria do público. A alegria se espalha, não fica só na equipe que fez a pirâmide, mas todo mundo que está ali assistindo [...]” (SANTOS, 2014, p. 128). Ao expandir os corpos que vivenciam a Formação em Pedagogia com alegria, deslizam nas estruturas da formação, possibilitando pensar no currículo e nas linhas de fugas criadas pelos jovens discentes.

Diante disso, para transcriar na Formação em Pedagogia com alegria, é preciso perceber as brechas, as rachaduras, bem como as zonas de bifurcação presentes no currículo, nas práticas educativas da formação. No sistema inventivo, a transcrição “[...] ocorre em zonas de bifurcação, regiões onde o ‘comportamento do sistema torna-se instável e pode evoluir para vários regimes de funcionamento estáveis’” (KASTRUP, 2007, p. 33).

Nessa dimensão, novidades são construídas nos modos de educar, pois os currículos e as práticas precisam ser repensados, produzidos e desconstruídos. Corazza (2013) traz novas maneiras de pensar a Formação em Pedagogia com alegria por meio da transcrição do currículo, destacando o “[...] Currículo-Eros, que promove descargas de afetos múltiplos, opostos aos pesados conhecimentos estáveis, bagagens culturais, valores eternos, sujeitos idênticos, essências constantes, verdades verdadeiras” (p. 30). Este currículo promove o movimento na formação por meio dos afetos opondo-se aos conhecimentos fixos, duros e consagrados que não permitem compartilhar com outros saberes. Dessa forma, “[...] um Currículo-Itinerante desse tipo pode ser chamado Currículo-Mar; pois é fluência pura, nada representa, não fixa lugares, não disciplina [...]” (p. 30).

O “Currículo-Mar” expande as oscilações da educação ultrapassando fronteiras, criando novos caminhos, sempre fluindo. Este currículo é pura emoção, uma vez que não tem apenas um lugar fixo e imóvel, pois promove encontros na imensidão que ele invade. Na imensidão, outros trajetos são encontrados que o fazem mudar a sua maneira de aprender e de ensinar ao se permitir conhecer o outro e todas as singularidades. Diante disso, surge a questão sobre o que se pode aprender com o outro. E por que falar aqui do outro?

Porque se o outro não estivesse aí, só ficaria a vacuidade e a opacidade de nós mesmos, a nossa pura miséria, a própria selvageria que nem ao menos é exótica. Porque o outro já não está aí, senão aqui e em todas as partes; inclusive onde nossa pétrea mesmidade não alcança ver. (SKLIAR, 2003, p. 29).

Dessa forma, as experiências transcriadoras em lugares, experiências e saberes da Formação em Pedagogia com alegria mostram as potencialidades de aprender com o outro na perspectiva da troca, do encontro. O encontro dos corpos em diferentes espaços pode fazer emergir a alegria, aumentando a potência de ação diante da vida. Com a potência de agir aumentada, surgem novas possibilidades de os jovens se reinventarem na formação estabelecendo conexões entre os diferentes por meio de pontes de linguagens que possam ligar o que está separado, excluído e segregado, ao experienciar as aprendizagens de forma sensível na potência do encontro com o outro.

Em 2018, em meio à reformulação deste projeto, os fios de conhecimentos coletivos aqui rememorados misturam-se às minhas implicações de continuar pesquisando sobre a Formação em Pedagogia na relação com a alegria para os jovens discentes deste curso na UFPI. Perceber a experiência da alegria na formação inicial do pedagogo é, sobretudo, levar em consideração as afecções do corpo jovem estudante e a suas potencialidades inventivas.

Pensar os jovens graduandos como transcriutores da Formação em Pedagogia com alegria é reconhecer e valorizar que os seus lugares, as experiências e os saberes podem gerar fraturas, cortes e aberturas com diferentes intensidades para se problematizar a formação inicial desde a sala de aula, a rotina do professor, o currículo, dentre outros, assim como possibilitar o ressignificar das dificuldades, operando outros dispositivos aproximados do corpo todo e da arte, criando novos modos de pensar as problemáticas que envolvem a Formação em Pedagogia. Ela pode se tornar local de transcrição em que alunos e professores construam a formação que desperte o estranhamento que produz problemas, fragilidades e a desterritorialização de corpos de aço.

Nesse sentido, o universo cultural de interesse juvenil precisa fazer pontes entre as artes e o ambiente institucional, de modo que se torne espaço promotor de aprendizagens experienciadas no cotidiano dos jovens. O trabalho desenvolvido em espaços instituídos como a escola e/ou a Universidade, precisa ter como ponto inicial os interesses dos alunos, tendo como base o que os educandos gostam e têm possibilidades de fazer e não suas carências, falhas e dificuldades, tornando possível desenvolver as potencialidades dos jovens no exercício de ensinar e aprender (ADAD, 2011b).

Para tanto, adentrei os caminhos da Formação em Pedagogia na relação com a alegria como pesquisadora-andarilha e, a partir disso, pude sentir o meu objeto ganhar vida ao percebê-lo voltado para a transcrição da Formação em Pedagogia dos jovens discentes da UFPI na relação com alegria. A pesquisa aqui proposta afirma sua relevância para a formação dos discentes do Curso de Pedagogia, pois, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a formação inicial e continuada de professores da educação básica (BRASIL, 2015, p. 7), no Art.7º, as(os) estudantes egressas(os) deverão:

[...] possuir um repertório de informações e habilidades composto pela pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, resultado do projeto pedagógico e do percurso formativo vivenciado cuja consolidação virá do seu exercício profissional, fundamentado em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética [...].

Com isso, torna-se pertinente que os jovens discentes do curso de Pedagogia possam viver a experiência de uma pesquisa que envolve arte, sensibilidade, afetos. Isso é garantido por meio do objeto de estudo “a Formação em Pedagogia dos jovens discentes da UFPI na relação com a alegria”, bem como pela a abordagem qualitativa da pesquisa, uma vez que a Sociopoética valoriza os saberes e outros saberes, não saberes construídos na coletividade por meio do grupo-pesquisador: afirmado pelo hífen, pois esse é um coletivo na pesquisa (GAUTHIER, 2012).

Além disso, tem como princípio pesquisar com o corpo todo, por intermédio de técnicas artísticas, nas quais os jovens transcriam, por meio dos lugares, experiências e saberes, novas formas de educar. Desse modo, não se trata de medir ou avaliar o curso, mas de perceber as potencialidades dos jovens discentes na Formação em Pedagogia na relação com a alegria.

Nesse sentido, esta pesquisa afirma a potência de agir dos jovens discentes ao transcriar a Formação em Pedagogia da UFPI na relação com a alegria. Para tanto, é importante afirmar o seu pensamento e suas potencialidades de problematizar a formação. Os jovens discentes que fizeram parte desta pesquisa são os alunos matriculados no curso de Pedagogia da UFPI, *Campus* Ministro Petrônio Portella, Teresina-PI. A abordagem qualitativa da Sociopoética ocorreu, inicialmente, com a formação do grupo-pesquisador, composto por mim e seis jovens discentes. Sendo fundamentada em Adad (2011a, 2011b); Corazza (2013); Deleuze e Guattari (2012); Gauthier (1999, 2004, 2012); Kastrup (2007, 2008); Larrosa (2010, 2004, 2016); Snyders (1993); Spinoza (2013); dentre outros

Para tanto, a presente pesquisa apresenta a seguinte questão-problema: Como os jovens discentes transcriam a Formação em Pedagogia na UFPI na relação com a alegria de modo a reconhecer e a valorizar seus lugares, suas experiências e seus saberes? Tem como objetivo geral: analisar como os jovens discentes transcriam a Formação em Pedagogia na UFPI na relação com a alegria de modo a reconhecer e a valorizar seus lugares, experiências e saberes. Ao transcriar a Formação em Pedagogia na relação com a alegria, eis as questões norteadoras desse estudo: Quais são os conceitos de Formação em Pedagogia produzidos pelos jovens discentes do Curso de Pedagogia da UFPI na relação com a alegria? Quais são os problemas de Formação em Pedagogia na relação com a alegria que mobilizam os jovens discentes do Curso de Pedagogia da UFPI? Como reconhecer e valorizar, lugares, experiências e saberes que potencializam os jovens discentes na Formação em Pedagogia da UFPI na relação com a alegria?

Somente ao finalizar o processo de escrita desta dissertação, pude compreender sua estrutura, para tanto, ao olhá-la de modo mais distanciado percebi que havia criado, neste trabalho, um corpo dissolvente, que, no início, mostrava-se desorganizado, mas, agora, o percebo no deslizamento das partes, que antes eram desconexas, o arranjo de uma nova conexão dissolvente que não se encaixa como um quebra-cabeças, uma vez que se trata de um corpo que desliza pelos lugares, pelas experiências e pelos saberes de Formação em Pedagogia com alegria.



Eis a estrutura dissolvente dessa dissertação:

Na Seção I, a introdução intitulada **Da retirada da armadura do corpo de aço à invenção do corpo guerreiro do educador – o modo de introdução pelo meio**, apresento os três rastros que vivenciei de Formação em Pedagogia com alegria que me fizeram transcriá-la.

A Seção II, **Metodologia das pontas dos dedos: Sociopoetizando a Formação em Pedagogia com Alegria**, apresento a abordagem sociopoética como rastro de identificação da minha entrada na pesquisa até o adentrar e negociar o território da pesquisa.

Em **Negociação da pesquisa e formação do grupo-pesquisador**, Seção III, apresento o processo de negociação da pesquisa desde o tema-gerador, horários e local das oficinas e instituição do grupo-pesquisador: facilitadora e copesquisadores.

A Seção IV, **Lugares de Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada: experiências e saberes**, descrevo o processo de criação da “Bagunça Gomelada” na Formação em Pedagogia, o qual propiciou a desconstrução e a invenção da alegria. Apresento também a técnica de produção dos dados “Lugares de Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada”, e, ainda, a análise plástica das imagens, a análise classificatória dos relatos orais produzidos nesta técnica, momento em que são levantadas as principais categorias do pensamento do grupo-pesquisador.

Na Seção V, **Entrelaçando Lugares, Saberes e Experiências de Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada**, apresento os estudos transversais dos dados **produzidos na pesquisa**, na qual coloco em evidência as problemáticas levantadas pelo grupo-pesquisador, bem como os principais confetos (conceitos + afetos) criados no momento da análise classificatória.

A Seção VI, **Troca de pele e abertura dos poros: conclusão**, traz o processo de troca de pele vivenciado pela pesquisadora, bem como os principais achados deste estudo e a abertura dos poros para novas entradas na pesquisa.

2 SOCIOPOÉTICA E A METODOLOGIA DAS PONTAS DOS DEDOS: ROTAS DA PESQUISADORA NO MÉTODO E NO TERRITÓRIO DA PESQUISA



Figura 02 – Encontro das pontas dos dedos

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2014.

UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO

I

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca
 - b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer
 - c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos
 - d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação
 - e) Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre 2 lagartos
 - f) Como pegar na voz de um peixe
 - g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.
- etc.
etc.
etc.

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios. [...].

(Manoel de Barros)

2.1 Rastros da constituição da pesquisadora na Formação em Pedagogia com a alegria

Diário das pontas dos dedos, Teresina-PI, 19 de julho de 2018

Confesso que até o ano de 2012 não sabia ao certo a potência de uma ponta ao encontrar com outra ponta – quando fui convidada pela professora Shara Jane para vivenciar a minha primeira experimentação sociopoética. De repente, estava na sala de vídeo do CCE/UFPI, sentada com pessoas que avistava pela primeira vez. Após a conversa inicial e a apresentação do grupo de sociopoetas, fui conduzida pela professora para sair das cadeiras que acomodava meu corpo inquieto, devido ao estranhamento do encontro, e, logo depois, fui direcionada a ocupar o espaço do chão da sala. O fato de sentar no chão pareceu-me muito perturbador, uma vez que era a primeira vez que sentava no chão no espaço da Universidade, pois desde a minha entrada na UFPI, em 2011, esta foi a minha primeira vez que o meu corpo saía do espaço das cadeiras e ocupava um espaço estranho na Universidade – o chão da Universidade. Esse espaço era, até então, desconhecido por mim. Após o estranhamento inicial, o corpo foi, aos poucos, se acomodando no chão e, ao fechar os olhos, sob os comandos de voz da professora, o meu corpo se aproximava de outros corpos e, ao nos aproximarmos pelo encontro das pontas dos dedos, pude sentir a potência do encontro com o outro. Imediatamente, lembrei-me da teoria das pontas nos estudos da física, na qual os condutores tendem a concentrar cargas elétricas em suas extremidades pontiagudas, desse modo, quando um corpo está potencialmente energizado com uma grande concentração de energia ocorre a fuga de cargas por meio de uma corrente que ioniza o ar. E foi assim que entrei na Sociopoética, ao encontrar pele sobre pele, pontas energizadas e um chão como possibilidade de fazer-me aprender e desaprender na formação inicial. Com isso, a metodologia das pontas dos dedos propõe inventar novos caminhos para o chão da formação inicial, por meio do encontro de potencialidades inventivas que levem os jovens a transcriar a formação inicial potencializada pela alegria. E, como diz o poeta Manoel de Barros, que eles possam “desaprender 8 horas por dia” em uma didática da invenção de si e de mundos.

Precisei de um longo tempo para perceber que a metodologia das pontas dos dedos preparou o meu corpo para vivenciar a Formação em Pedagogia com alegria, que me fez transcriar a formação por meio do deslocamento, qual seja, sentar no chão da Universidade. Naquele momento, uma nova forma de viver a Formação em Pedagogia anunciava-se, pois este ato quebrou não somente as barreiras do meu corpo, mas algumas barreiras da maneira como fui ensinada, desde a infância, para levar o nosso corpo a ocupar as cadeiras. O fato de sentar é algo institucionalizado, não somente na formação, mas também é marcado no corpo.

Entre na Sociopoética pelas pontas que promoveram a energização do meu corpo potencializando as minhas aprendizagens. Agora, percebo que, além de entrar na Sociopoética no encontro das pontas dos dedos, pela primeira vez, entrei na formação pelas pontas, pois criava-se na troca de energias a entrada da alegria na formação, a qual me permitiu experimentar a Formação em Pedagogia. Para tanto, ao conhecer essa abordagem de pesquisa, a Formação em Pedagogia e a transformação e a construção do meu corpo de professora e pesquisadora foram ampliadas em um processo de invenção de si e de mundos ao experimentar novas maneiras de conhecimento, por meio da arte, da sensibilidade e dos afetos. Fazendo-me encontrar caminhos e linhas de fuga na potência do estranhamento do

encontro das pontas que se conectam, deslizam e afetam nas vibrações que acontecem no encontro dos corpos.

Essa foi a minha entrada nesta abordagem de pesquisa, pelo potente encontro de pontas. Gauthier (2014, p. 15) defende que “[...] ninguém nasce sociopoeta, mas alguém pode se tornar sociopoeta. É um processo de formação que se pede para gostar de tomar riscos (ninguém sabe com antecedência o que vai acontecer, e as surpresas são quase sempre maravilhosas)”. Então, cada sociopoeta tem uma entrada única na pesquisa, e a descoberta pode ser dolorosa para alguns, ou até mesmo estranha, pois, nesse processo “[...] vamos nos aproximamos de nós mesmos, pela mediação da diferença dos outros” (GAUTHIER, 2014, p. 15).

E o que há da Sociopoética no meu processo de vivenciar a Formação em Pedagogia com alegria? Afirmo que as mutações no corpo são diversas na experiência de se tornar facilitadora. O mergulho no desconhecido, não desejar entender tudo e entrar no jogo de estranhar e entregar-se pode ser um dos caminhos para viver as experiências propostas no Método.

Desse modo, mergulhei por diversas vezes em campos desconhecidos que foram atravessados pelo corpo e pela arte. Confesso que não sou artista, não tenho formação para desenvolver ações com a arte, mas aprendi a sentir os seus atravessamentos no corpo. Sobre isso, Varela (1989 *apud* KASTRUP, 2008, p. 104) cita dois elementos muito importantes para se pensar uma aprendizagem que permeia os corpos: o “*breakdown* – perturbação” e a “*enaction* – atuação”. O *breakdown* “[...] surge como a formulação teórico-científica para a ideia de uma cognição que não é somente solução de problemas, mas, antes de tudo, invenção de problemas” (p. 104). Isto realmente me fez parar e questionar a invenção de problemas na Formação em Pedagogia. O segundo exemplo citado, a *enaction* “[...] remete, em primeiro lugar, a uma cognição corporificada, encarnada, distinta da cognição entendida como processo mental. É tributária da ação, sendo resultante de experiências que não se inscrevem mentalmente, mas no corpo” (p. 104).

Esta experiência corporificada faz-me lembrar da minha Formação em Pedagogia com alegria, do meu lugar de pesquisadora como também da minha construção de professora e facilitadora com a Sociopoética, pois trago marcas, gestos, afetos, dores e alegria no corpo que não podem ser descritas em palavras. Estas marcas são apenas sentidas e tocadas quando o meu corpo é potencialmente afetado por construções positivas e negativas que fazem parte do meu ser (KASTRUP, 2008).

Diante da minha incapacidade de explorar todos os elementos que me tocam na pesquisa com o método sociopoético no meu processo de Formação em Pedagogia com a alegria, escolhi caminhar por duas dimensões: a transcrição e o corpo do facilitador. Vou iniciar com a transcrição. O seguinte questionamento sempre me acompanhou: o que é uma transcrição? Como transcriamos algo? Sobre isso, Schopke (2004, p. 32) afirma que “[...] o ‘novo’, tanto em Nietzsche quanto em Deleuze, é aquilo que ativa o pensamento, que o força a ‘pensar’, que o impele a agir (sendo que a ação do pensamento é a sua própria criação)”. Na transcrição, novos caminhos são trilhados, nos quais não é possível traçar todos os passos. Diante disso, compartilho o meu estranhamento ao realizar a cartografia⁴ dos saberes sociopoéticos.



Diário da cartografia, Teresina-PI, 2017

Apesar de já ter participado de muitas vivências com a Sociopoética, hoje, pela primeira vez, aconteceu algo estranho, porque foi muito difícil para eu conseguir fazer e, principalmente, conseguir me ver. Eu não consigo me ver nesse mapa, mas não que não tenha os elementos do mapa. Eu tenho os elementos do mapa, mas não consigo me perceber dentro dele, eu tenho os elementos dele que partem de mim. Mas é como se eu não tivesse ou se eu tivesse, mas não conseguisse me ver como se eu tivesse sem me enxergar dentro dele.

Foi muito difícil fazer um mapa sobre mim, em que não conseguia encontrar os elementos que me ligavam a ele. Fiquei muito perdida quando não encontrei os caminhos que pudessem se aproximar de mim. Ao perder-me, os estranhamentos foram maiores, pois os elementos que se apresentavam eram algo que me causava medo ou até mesmo pânico. Isso aconteceu quando a professora Shara Jane pediu que juntássemos as palavras escritas em palitos de madeira. A ação de juntar os elementos que me atravessavam na pesquisa aos poucos formou em minha frente uma enorme fogueira e o fogo é algo que me incomoda.



Diário da FOQUISA, Teresina-PI, 2017

Quando a Shara pediu para juntar as tarjetas, unir e depois separar, fiz isso e percebi que as minhas tarjetas formaram uma fogueira. Queria que a minha pesquisa tivesse na água, porque a água é o meu lugar de segurança e formar uma fogueira, porque o fogo é o meu incômodo, o fogo é o meu desespero, o fogo é o que eu não quero e me causou um estranhamento muito grande ver essa fogueira, porque eu não me vejo nesse lugar do fogo. E foi esse lugar que eu coloquei o nome da minha pesquisa, porque o meu mapa virou isso, se transformou nisso sem eu querer, se transformou nisso que

⁴ Experimentação estética realizada na disciplina de Pesquisa II, ministrada pela professora Shara Jane, ofertada pelo PPGEd/UFPI.

eu coloquei o nome da produção de FOQUISA (fogo + pesquisa= FOQUISA). E o que essa FOQUISA pode?

Precisei de tempo para entender que o mapa que eu estava construindo era um mapa vivo. Ele não era operado pelos meus comandos, por isso, quando desejei ter a água no caminho, na pesquisa, por ela ser a minha zona de conforto, observei limitações que passam a existir quando estamos lidando com algo vivo, as linhas do mapa nos escapam, escorregam das nossas representações, surge algo novo, como citei anteriormente, por meio do pensamento em que aparecem espaços para a (trans)criação. Com isso, a FOQUISA mostrou-se a Formação em Pedagogia na relação com a alegria ao apresentar como esta formação causa dificuldades, em uma mistura de dor e alegria que me fez (trans)criar a formação. Em seguida, apresento a ilustração do mapa construído (Figura 03).

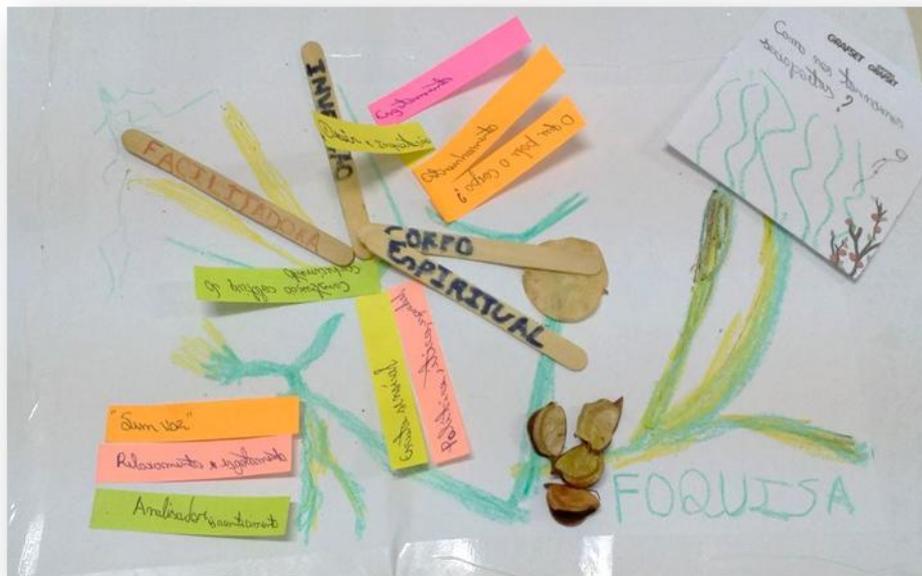


Figura 03 – Cartografia dos saberes sociopoéticos

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2017.

Aprendi com a FOQUISA que o fogo que ela traz é fogo-vida, que invade a formação e as pessoas que o vivenciam procuram por zonas não codificadas pelo pensamento. FOQUISA é formação deslocamento, fronteira, pois escapa dos lugares, das pessoas, uma vez que ela se ramifica nos espaços entre, onde as zonas conhecidas e desconhecidas entram em choque, porque estão em constante movimento de passagem. FOQUISA é lugar sem lugar, é estar no mapa sem conseguir ver-se nele. Quais são as possibilidades da FOQUISA? Como pesquisar a Formação em Pedagogia na relação com a alegria no entre?

A segunda dimensão que me toca na Sociopoética, ao vivenciar o processo de Formação em Pedagogia com alegria, é o corpo do facilitador. Portanto, na cartografia, destaquei sobre a possibilidade de criação do corpo em meio ao esgotamento. É possível criar sentindo-se esgotado? É possível criar mesmo sem aguentar mais? Sobre isso, lembrei-me do meu corpo de facilitadora e, por isso, questioneei: o que há da Sociopoética no meu corpo? Afirmando que existe e resiste uma pesquisadora que aprende em movimento. Trago um corpo de facilitadora esgotado, transbordado dos movimentos da vida, mas que, apesar do esgotamento que sofre, procura saber e viver sua potência de ser e de existir como ser que causa estranhamento em processo de inquietação e criação de novas formas de ser. Trago, ainda, a invenção desse corpo que, mesmo esgotado, procura reinventar-se no movimento de viver.

A possibilidade de criar, mesmo esgotado, na Formação em Pedagogia na relação com a alegria foi mostrando a criação de um novo corpo. Um corpo de passagens que transita pelos espaços em zonas de fronteiras, nas quais se fazem possíveis os atravessamentos e os deslizamentos nos espaços-fronteiras da formação.

Desse modo, neste capítulo, trato, ainda, da Sociopoética, ressaltando informações sobre os contornos desse método, trazendo também o quadro conceitual e das etapas realizadas no processo metodológico. Além disso, apresento o território de realização da pesquisa.

2.2 O que é Sociopoética?

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, por meio da abordagem sociopoética – que utiliza arte, o corpo todo, a ética corresponsável como dispositivos de criação para a produção dos dados em grupo. Como surgiu a Sociopoética?

[...] em torno dos anos 1993 [...], na convergência de várias abordagens como a Pedagogia e o teatro do oprimido, a pesquisa-ação, a análise institucional e socioanálise, os grupos operativos, a Pedagogia simbólica e, também, a partir da aprendizagem intercultural de vida e luta que fez na Nova-Caledônia, ao lado do povo Kanak em luta contra o colonialismo francês. Assim, tentei dar forma a uma nova abordagem de pesquisa [...], que chamei de sociopoética, consciente do desafio epistemológico que estava enfrentando: complexidade, inter e transdisciplinaridade, além da inter e transculturalidade. (GAUTHIER, 2012, p. 73).

Esta abordagem coloca em questão a interculturalidade, transculturalidade ao dialogar com os saberes, colocando-os em posição de crítica mútua permitindo o olhar para o outro,

para a sua cultura, aprendendo a questionar as práticas enraizadas para além do olhar objetivo, percebendo as diversas formas de opressões tanto internas quanto externas (GAUTHIER, 2012). Com isso, os saberes são produzidos coletivamente por meio da formação do grupo-pesquisador composto pela facilitadora (pesquisadora oficial) e pelos copesquisadores (sujeitos da pesquisa) para, juntos, construir confetos – conceitos permeados de afetos que são mobilizados nas oficinas, possibilitando o reconhecimento e a valorização dos seus modos de pensar e das experiências juvenis, dos saberes e dos lugares na Formação em Pedagogia potencializadas pela alegria, realçando a invenção de si e de mundos.

A Sociopoética é “[...] uma abordagem- ou método, no sentido dado por Edgar Morin (1986) – de pesquisa em ciências do ser humano e da sociedade, enfermagem e educação, com possibilidades de aplicação no ensino e na aprendizagem [...]” (SANTOS *et al.*, 2005 *apud* GAUTHIER, 2012, p. 73-74). Seguindo as orientações de Gauthier (2014, p. 13), os cinco princípios orientam hierarquicamente, “[...] pelo menos do ponto de vista didático, já consolidada: 1) grupo-pesquisador; 2) culturas de resistência; 3) corpo; 4) arte; e 5) responsabilidade coletiva”. Desse modo, há a necessidade de os sociopoetas darem passagem à voz nas suas pesquisas para a interculturalidade crítica e a transculturalidade em uma perspectiva descolonizadora.

O princípio que marcou profundamente a minha construção na pesquisa com esse método foi reconhecer o corpo como fonte de conhecimento, pois, não o percebia, não tinha a dimensão sobre: o que é o corpo? O que pode o corpo diante da vida? Agora, como sociopoeta, percebo o corpo como potência para a invenção do conhecimento nos processos de formação dentro e fora da sala de aula (OLIVEIRA, 2015b).

Nesse sentido, no processo de invenção de si e de mundos, encontramos-nos com outros corpos que nos fazem viver coletivamente a pesquisa. Desse modo, nessa coletividade, a Sociopoética tem como princípio a formação de um grupo-pesquisador, “[...] no qual cada participante da pesquisa está ativo em todas suas etapas (produção dos dados, leituras analíticas e transversais desses dados, socialização...), e pode interferir no devir da pesquisa” (GAUTHIER, 2012, p. 74).

Para a compreensão desse método de pesquisa, é preciso que se entenda seus principais conceitos. Para tanto, os conceitos sociopoéticos aqui citados não são colocados para formatar o método, mas para trazer esclarecimentos sobre os principais que são utilizados ao longo desta pesquisa. Diante disso, a seguir, apresento um quadro elaborado por Jacques Gauthier, o seu idealizador:

Quadro 01 – Quadro conceitual sociopoético

QUADRO CONCEITUAL SOCIOPOÉTICO	
CONCEITO	DEFINIÇÃO
CONFETO	Criamos a palavra ‘confeto’ para nomear essas misturas íntimas de conceito e afeto que o grupo-pesquisador vai criando. Em regra geral, os confetos aparecem somente no momento em que os facilitadores estudam o pensamento do grupo-pesquisador como se fosse obra de um só cérebro, pois é preciso realizar oposições e ligações entre dados para elaborar um confeto original.
COPEQUISADOR	Membro do grupo-pesquisador que não é facilitador.
FACILITADOR	Membro de destaque do grupo-pesquisador, ou o pesquisador(a) oficial. Seu papel é importante, pois aprendeu a discrição, ou seja, não interferir na produção do pensamento dos demais membros do grupo, ou melhor, interferir mínima e metódica.
GRUPO-PESQUISADOR	O hífen é importante, porque não se trata de um grupo de pesquisa, mas de um ser coletivo que se institui no início da pesquisa como grupo-sujeito do seu devir.
TEMA-GERADOR	O tema da pesquisa, ou seja, uma noção simples ou composta a ser elaborada coletivamente.
Fragmentos retirados do Capítulo III - A Sociopoética, do livro O oco do vento . (GAUTHIER, 2012, p. 77- 79).	

Fonte: GAUTHIER (2012).

A possibilidade de realizar uma pesquisa com o método sociopoético me desafiou como pesquisadora, fazendo-me refletir sobre a sensibilidade de criação na realização dos diferentes passos da pesquisa. As etapas vividas na pesquisa foram importantes para que eu pudesse conhecer de forma mais aprofundada a metodologia sociopoética, mas não se tratou, de forma alguma, de uma camisa de força que prendeu e encarcerou a mim enquanto pesquisadora. Entendo-as como parte do processo de criação que me permitiram atentar aos princípios da Sociopoética, em especial, o de produzir conhecimento coletivo, democrático e corresponsável. Nesse sentido, apresento o percurso metodológico na construção da pesquisa sociopoética destacando as suas etapas, no quadro a seguir, inspirado em Santos (2014, p. 56-57) e em Gauthier (2012, p. 84-103).

Quadro 02 – Quadro metodológico – Etapas da pesquisa Sociopoética

ETAPAS DA PESQUISA SOCIOPOÉTICA	
ETAPA	DESCRIÇÃO
PRIMEIRA ↓ Negociação da pesquisa	<p>Momento em que a facilitadora adentra ao território para conhecer o local onde se dará a pesquisa, como também convida os prováveis copesquisadores para a formação do grupo-pesquisador que participará do processo da pesquisa. Além disso, são negociados o tema-gerador, as condições da pesquisa-encontros, os horários e a escolha dos participantes.</p>
SEGUNDA ↓ Escolha da técnica de produção dos dados e planejamento da oficina	<p>Momento que a facilitadora se envolve com a criação, experimentação e planejamento da técnica de produção dos dados que será realizada com os copesquisadores, de modo que possa causar o máximo de estranhamento possível.</p>
TERCEIRA ↓ Oficina de produção dos dados	<p>Momento de realização da oficina de produção dos dados.</p>
QUARTA ↓ Organização do material plástico e transcrição dos relatos orais	<p>Transcrição dos relatos orais e organização do material plástico pela facilitadora para análise dos dados pelos copesquisadores.</p>
QUINTA ↓ Análise dos dados pelos copesquisadores	<p>Após a produção dos dados, a facilitadora leva o material aos copesquisadores de modo que eles conheçam tanto os relatos orais quanto as imagens plásticas de suas produções, podendo analisar os dados de forma inventiva com a construção de textos criativos. Realço que é importante deixar livre o modo como os copesquisadores vão se debruçar sobre o que produziram, destacando sua própria criação analítica.</p>
SEXTA ↓ Análise pelo facilitador: análise plástica e classificatória dos dados	<p>Inicia-se pela análise plástica, intuitiva e imaginária das imagens, debruçando-se sobre elas, como se o facilitador as tivesse produzido, naquilo que ressoa, vibra no pesquisador. É livre e imaginativa tendo em vista o tema-gerador da pesquisa.</p> <p>Só depois o facilitador volta-se para os relatos orais. Na análise classificatória dos dados, a facilitadora volta às transcrições dos relatos orais, selecionando categorias predominantes no pensamento do grupo-pesquisador.</p> <p>Importante observar e destacar a heterogeneidade no modo de pensar do grupo: o que há de semelhante, divergente, ambíguo e oposto, criando os confetos (conceitos + afetos) tendo em vista o tema-gerador. Deve-se voltar aos diários de itinerância, às fotos, aos relatos orais e ao processo da pesquisa.</p>

<p>SÉTIMA</p> <p>⇓</p> <p>Estudos transversais</p>	<p>Com base nas análises realizadas – resultados e cruzamentos realizados entre as categorias –, a facilitadora faz estudos transversais de todo o material analisado, de modo a perceber as linhas de pensamento do grupo tendo em vista o tema-gerador.</p> <p>Os estudos transversais permitem o encontro do grupo-pesquisador com o olhar analítico do facilitador sobre o processo da pesquisa. Para tanto, produz um texto transversal com esses estudos para o crivo dos copesquisadores no momento da contra-análise.</p>
<p>OITAVA</p> <p>⇓</p> <p>Contra-análise</p>	<p>Neste momento, a facilitadora leva o texto transversal produzido na análise dos dados do facilitador para os copesquisadores. De forma que a facilitadora precisa preparar questionamentos que façam o grupo-pesquisador levantar uma série de questões para problematizar o tema-gerador promovendo a criação de novos confetos.</p>
<p>Roteiro metodológico inspirado no capítulo III, intitulado Ato III – Senhoras e senhores, na corda bamba: do desequilíbrio ao equilíbrio – a Sociopoética, da dissertação de mestrado Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. (OLIVEIRA, 2015b).</p>	

Fonte: OLIVEIRA (2015b).

Observo que os trajetos desta pesquisa – acontecimentos, acasos, interrupções – foram argamassa que não permitiu a realização da análise pelos copesquisadores, bem como da contra-análise. O leitor, ao se deparar com o caminhar – processo de criação do pesquisador, suas singularidades –, perceberá as ausências desses passos.

2.3 Não subestime um labirinto! Adentrando os espaços do CCE: negociação e apresentação do território da pesquisa

A pesquisa foi realizada na UFPI/CCE, *Campus* Ministro Petrônio Portella, Teresina-PI, com seis jovens acadêmicos matriculados no curso de Pedagogia, para tanto, faz-se importante saber que:

Documentos do Centro de Ciências da Educação mostram que o Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus de Teresina, foi criado em 1973 como licenciatura curta e, tendo sofrido algumas transformações em 1974, foi autorizado a funcionar como licenciatura plena no ano de 1975, através do Ato da Reitoria nº 237/75. Esse Curso tem formado um número expressivo de Pedagogos aptos a atuarem como docentes ou como técnicos em assuntos pedagógicos. Ao longo de sua existência, o Curso já passou por duas reformulações e vários ajustes curriculares. (UFPI, 2009, p. 7).

Nesse sentido, nos anos 1980, devido a uma profunda desvalorização da profissão docente, considerou-se que “[...] é preciso reconhecer as deficiências científicas e a pobreza conceptual dos programas actuais de formação de professores [...] sugerindo novas maneiras de pensar a formação de professores” (NÓVOA *et al.*, 1992, p. 23). Diante disso:

A partir do final da década de 80, estudos realizados por diversas instituições de ensino superior nos mais variados pontos do país têm evidenciado muitos problemas no Curso de Pedagogia e ressaltado sua fragilidade como curso de formação de profissionais da educação. Tais estudos culminaram em um movimento nacional pela reformulação curricular dos Cursos de Pedagogia e a UFPI, integrando-se a este movimento a partir de 1993, iniciou estudos com vistas à reformulação dos Cursos de Pedagogia oferecidos em seus Campi. (UFPI, 2009, p. 7).

Para tanto, as alterações no PPP para a organização da estrutura curricular do curso foram necessárias devido à publicação da Resolução nº 01, de 15 de maio de 2006, do Conselho Nacional de Educação que institui as DCNs para o curso de Graduação em Pedagogia; as alterações propostas pela Lei nº 9.394/96, dispendo sobre a autonomia das instituições de ensino na disposição dos recursos financeiros, pedagógicos e administrativos, autonomia pedagógica dos professores, obrigatoriedade do ensino de música e da história e cultura afro-brasileira e indígena; e do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24.04.2002, sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) (UFPI, 2009). Desse modo, a presente reformulação do currículo traz como áreas de formação: “[...] **Docência na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, formação pedagógica do profissional docente e Gestão educacional**” (UFPI, 2009, p. 8, grifo nosso).

Após uma breve informação sobre o curso de Pedagogia na UFPI, é importante mencionar que iniciamos a pesquisa com a negociação do território da pesquisa, momento em que solicitamos à Coordenação do curso de Pedagogia a autorização (ANEXO A) para iniciar a seleção dos alunos e também utilizar documentos do curso (pesquisa documental), de modo a conhecer o território da pesquisa, como o curso está organizado institucionalmente.

Nesse sentido, em 8 de maio de 2018, consegui a autorização da coordenadora do curso de Pedagogia da UFPI. Após a autorização institucional, organizei os documentos solicitados pela Plataforma Brasil para submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP/UFPI). Após o trâmite burocrático desse processo, o projeto foi deferido com o parecer do CEP, em 4 de junho de 2018. A partir disso, adentrei ao território da pesquisa, como já dito acima, para me aproximar dos jovens discentes do curso de Pedagogia. O

número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) é 89584218.5.0000.5214.

Diante disso, destaco que a pesquisa não foi iniciada antes da aprovação no CEP da instituição responsável. Além disso, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi distribuído durante a negociação da pesquisa em duas cópias, em que uma ficou com o participante e a outra foi entregue à facilitadora – pesquisadora acadêmica, garantindo aos sujeitos o direito de desistir a qualquer momento da pesquisa sem que isso interferisse no atendimento recebido.

Procurei adentrar ao território da pesquisa de diferentes modos. Experimentei as diferentes entradas e saídas do “labirinto” do CCE, a fim de perceber como conseguia percorrer na pesquisa de mestrado aquele território já conhecido, pois estive nesse espaço durante quatro anos e meio na formação inicial no curso de Pedagogia. Pensava não ser capaz de estranhar ou até mesmo ver e sentir de outras formas o espaço. Mas confesso que me precipitei ao menosprezar a potência de um labirinto, pois, mesmo tendo as zonas codificadas pelo meu pensamento do espaço do CCE, ao percorrê-lo novamente, ainda fui capaz de me perder. Sim, isso mesmo! As zonas cartografadas pelo meu pensamento não foram capazes de fazer-me percorrer todas as entradas e saídas como havia imaginado. Com isso, o mapa abaixo destaca o labirinto institucional do CCE da UFPI (Figura 04).



Figura 04 – Infraestrutura do CCE/UFPI

Fonte: ufpi.edu.br/ultimas-noticias/197-ultimas-atualizacoes-das-coordenacoes-de-sistemas-e-infraestrutura.

Após percorrer o “labirinto” do CCE, em 22 de junho de 2018, ao andar pelas entradas e saídas desse território, iniciei a negociação com os participantes da pesquisa, discentes do curso de Pedagogia, momento em que selecionei aqueles que se mostraram interessados nas questões da formação inicial na relação com a alegria. Este momento será tratado na próxima Seção.

3 NEGOCIAÇÃO DA PESQUISA E FORMAÇÃO DO GRUPO-PESQUISADOR

DIÁRIO DA FACILITADORA – Formação do grupo-pesquisador, Teresina-PI, 26 de junho de 2018

Sexta-feira, 22/06/2018, fui à UFPI assistir à palestra da Prof.^a Phd. Paula Guerra sobre as juventudes em Portugal, na qual relatava sobre sua pesquisa de doutorado. Ao sair da palestra, a minha orientadora sugeriu-me que iniciasse a seleção dos jovens para a formação do grupo-pesquisador. Convidei alguns discentes do curso para conhecerem a proposta de pesquisa. Trocamos mensagens e nos comunicamos via *Whatsapp*. Na segunda-feira, 26/06/2018, início outro movimento para continuar a formação do grupo. Dessa vez, o meu olhar se volta para os monitores do III Encontro Internacional da Sociopoética e Abordagens Afins, pois a grande maioria dos monitores inscritos eram deste curso na UFPI. Convidei quatro pessoas para conversarmos sobre a pesquisa. Duas vibraram de alegria pelo convite. Porém, uma pessoa justificou não poder participar da pesquisa nos primeiros encontros, pois relatou ser o momento da pesquisa, o final do período na UFPI, por isso, encontrava-se muito cansada e precisava de um tempo em casa para recuperar suas energias.

A composição do grupo-pesquisador é algo muito importante na Sociopoética. Exige cuidados pelo pesquisador. Além disso, os sujeitos que irão compor o grupo precisam estar envolvidos no movimento de pesquisar, uma vez que se trata de um coletivo. E, justamente por isso, algumas pessoas podem desistir no processo, como também, retornar, desde que com o consentimento do grupo.

Desse modo, a seleção dos participantes ocorreu diferente do que tinha planejado, pois pretendia adentrar as salas de aula para informar aos jovens sobre a pesquisa e selecionar aqueles que tivessem interesse na temática investigada, como também atendesse aos critérios da pesquisa, quais sejam: estar matriculado no curso de Pedagogia, cursando entre o terceiro e o nono período; ter disponibilidade para participar do processo metodológico da pesquisa (negociação, oficinas de produção e análise de dados); e que manifestassem interesse pelo tema da pesquisa (Formação em Pedagogia na relação com a alegria).

Quando iniciei a seleção dos jovens discentes, a UFPI estava encerrando o período de aulas e iniciando as férias. Nesse momento, pensei que seria difícil encontrar copesquisadores para participar da pesquisa, mas não foi isso o que aconteceu. Conversei com alguns estudantes do curso de Pedagogia e, após algumas indicações sobre o interesse para participar da pesquisa, tinha alguns contatos. Imediatamente, adicionei os contatos e comecei a marcar algumas conversas iniciais para saber sobre o interesse dos jovens indicados para participar da pesquisa. Destaco, ainda, que as conversas aconteceram de forma individual e coletiva.

Duas conversas individuais me levaram a pensar no objeto de estudo. Na primeira, a jovem discente mencionou que não tinha possibilidade de participar da pesquisa, pois “estava

esgotada devido ao período letivo e precisava recuperar suas energias nas férias, em casa com sua família”. Esse relato fez-me pensar como esses jovens vivem a formação inicial e, principalmente, sobre as marcas que essa formação imprime nesses jovens. Como acontece a alegria com o corpo exaurido? Pensei!

Na segunda conversa individual, ao apresentar o tema da pesquisa, a jovem discente fez a seguinte indagação sobre a alegria: “Existe alegria na formação inicial?”. Fiquei em silêncio, pois, ao mencionar sobre a alegria na formação inicial com os mestrados do PPGEd, nas apresentações do projeto nas disciplinas da pós-graduação, ouvi, por diversas vezes, que o projeto era algo lindo, mencionavam que investigar a formação na relação com a alegria era algo maravilhoso. Isso me inquietava, pois, a formação com a alegria que anuncio nesta pesquisa traz a sua potência para pensar as potencialidades dos jovens discentes no curso de Pedagogia.

Não nego a “beleza” da pesquisa, não sei se realmente o termo é esse, mas a Formação na relação com alegria que anuncio nestas rotas de pesquisa é potência de agir e, como toda potência, é preciso que se crie em linha de fuga, de resistência e de bifurcação nos movimentos que provoca.

No processo de formação do grupo-pesquisador, criei um grupo no *Whatsapp* para facilitar a comunicação entre as pessoas que tinham interesse na pesquisa, tendo em vista que os jovens discentes são de diferentes períodos e alguns trabalham. Portanto, a criação do grupo nesse aplicativo facilitou para marcar os encontros, negociar, à distância, detalhes da pesquisa.

O dia 3 de julho de 2018 foi a data escolhida pelo grupo para o primeiro encontro coletivo. No planejamento, pensei no que poderia acontecer com a apresentação da facilitadora e dos jovens discentes, pois alguns deles não se conheciam. Para expandir seus corpos na negociação do tema da pesquisa, Formação em Pedagogia na relação com a alegria, pensei na caixa de afecções, pois era uma vivência que já tinha experimentado com a Sociopoética, por isso, sabia da importância de levá-la para despertar o corpo dos jovens para sentir as afecções. Isso serviu de aproximação entre o grupo, no momento inicial, como, também, criou aberturas para o tema da pesquisa. Com isso, baixei o vídeo “Caixa de Afecções”, dirigido por Carnielli (2014), levei como material para auxiliar na produção plástica: folhas de papel canson A4, giz de cera, papel A4 e canetas.

Fomos para a sala do OBJUVE – local que eu tinha marcado o encontro com os jovens. Aos poucos, eles começaram a chegar e, quando todos estavam presentes, pedi que me acompanhassem até a sala 04 do PPGEd/UFPI, pois a sala do OBJUVE não tinha espaço para

realizar as atividades que descreverei aqui. Foram convidados dez jovens discentes matriculados no curso de Pedagogia da UFPI. Compareceram ao encontro oito deles. Saímos em bando, “[...] mas o que há de bom em um bando, em princípio, é que cada uma cuida de seu próprio negócio encontrando ao mesmo tempo os outros, cada um tira seu proveito e, que um devir se delinea, um bloco que já não é de ninguém, mas está ‘entre’ todo mundo [...]” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 17).

Percorremos os corredores do CCE em bando e, neste dia, foi possível ouvir os vários ecos de nossas vozes nesse espaço, que se encontrava praticamente vazio devido ao período de férias (Figura 05).



Figura 05 – Copesquisadores caminhando no PPGEd/UFPI

Fonte: VAZ, Thaís Rocha. Arquivo pessoal, 2018.

Ao chegarmos à sala 04 do PPGEd, pedi aos jovens discentes para se sentirem à vontade e que procurassem uma cadeira para sentar, em seguida, solicitei que eles retirassem os sapatos e colocassem os seus materiais (mochilas, cadernos e pastas) nas cadeiras mais afastadas, de modo que as cadeiras ocupadas por eles ficassem livres, pois esse movimento

era necessário para realizar o processo de criação da caixa de afecção. Logo depois, pedi que eles se apresentassem e me apresentei também.

Após as apresentações, indiquei que, para a nossa pesquisa, precisamos das afecções e, para isso, pedi que eles continuassem sentados e iniciei a apresentação do vídeo sobre a caixa de afecções, já citado. Solicitei também que procurassem ficar à vontade e que não conversassem durante a apresentação do vídeo, e que procurassem se conectar com o seu eu ao assistir o vídeo. Desse modo, ressalto que não mencionei aos jovens o que era uma afecção ou o que eles pensavam sobre isso, pois, “[...] há de voar para aprender a voar, qualquer pássaro lhe dirá” (GAUTHIER, 2014, p. 15).

Após a apresentação do vídeo, pedi que eles se levantassem e, em silêncio, percorressem o espaço da sala, imediatamente, percebi que os corpos dos jovens estavam bem distantes um dos outros e, aos poucos, solicitei que fechassem os olhos, retirei a visão deles para que o corpo tivesse maior liberdade para se expandir no encontro com outros corpos. Todos fecharam os olhos tão logo solicitei e começaram a percorrer o espaço da sala, dessa vez, sem a visão. De olhos fechados, percebi que, aos poucos, eles se aproximavam e, em seguida, pedi que eles se encontrassem. Nesse momento de encontro com outros corpos, iniciei o questionamento: Se o meu corpo fosse uma caixa de afecção, como ela seria? E desloquei as questões do vídeo: O que eu vejo? O que eu penso do que eu vejo? O que eu faço do que eu penso do que eu vejo? (Figura 06).



Figura 06 – Jovens discentes caminhando pelo espaço da sala
Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.

Aos poucos, solicitei que eles abrissem os olhos e voltassem aos seus lugares e indiquei que desenhassem a experiência do seu corpo como caixa de afecção. Eles desenharam essa experiência e escreveram um diário sobre esse processo de criação. A seguir, apresento as caixas de afecções criadas pelos jovens discentes. Ressalto que, neste texto, constam apenas as caixas de afecções dos jovens que permaneceram na pesquisa para a formação do grupo-pesquisador. Com isso, após esse encontro inicial, três jovens desistiram de participar, por isso, a seguir, apresento apenas as caixas de afecção do grupo-pesquisador que foi consolidado no encontro que narro a seguir. É importante mencionar que os jovens desta pesquisa escolheram manter os seus nomes para a sua identificação. Para tanto, relato isso, no próximo encontro, em que foram estabelecidos os termos finais da negociação da pesquisa.



Figura 07 – Produção plástica I, Copesquisadora Minéa
Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.

CAIXA DE AFECÇÃO - ASAS DO AFETO

Bom, meu nome é Minéa. Sou do quarto período, mas estou pagando matérias do terceiro também, de Pedagogia, e meu interesse em participar desta pesquisa é a questão de aprendizado mesmo. A questão de crescimento pessoal também. Porque a pesquisa da professora Dolores me trouxe muitos saberes, assim, que eu não tinha nem ideia e eu acredito que aqui também vá acontecer isso. E é isso! Eu espero aprender o máximo com vocês. Além de que tudo, todo esse processo é uma coisa assim: muito linda. E é isso! Então, eu desenhei **AS ASAS DO AFETO**, porque, assim, eu senti como é importante a gente estar aberto para o afeto, para o outro e, muitas vezes, a gente não está preparado para isso, para descobrir o outro, para se descobrir, às vezes, a gente tem receio, a gente tem medo e, se eu acho assim, que se a gente tiver mais disposto a estar aberto a conhecer o diferente, o que é oposto a você, você vai ter a possibilidade de acrescentar mais na sua vida, entendeu? E quando a gente estava na experiência, que a gente teve que tocar o outro, tocar o diferente, aí, eu vi o quanto é importante a gente ter esse pensamento mais livre, como os meninos falaram aqui, de mais liberdade, da gente não estar só fechado na nossa caixa, né? E descobrir outras caixas, estar disponível para isso e também questão, é, do poder, assim, da união [...]. As asas de afeto é como eu vi e senti, quando a gente está aberto para se permitir sentir, a gente se deixa viver um momento e sentir um outro e a se permitir a conhecer o que é diferente, o que é diferente da gente e, nos permitindo sentir, eu passo a conhecer a mim mesma e, mais um pouquinho, do outro, e como as asas estão abertas, isso significa dizer o quanto é bom receber o afeto e o carinho do outro e destaco a importância do que devemos nos permitir, o carinho e o afeto, que, às vezes, a gente passa pelo outro e a vida é tão corrida. E a gente não se importa, não falar nem um oi, nem um bom dia, e, às vezes, um bom dia, um oi, um olhar, um sorriso, muda a vida daquela pessoa, porque todos nós passamos por experiências, muitas delas não são boas, todo o mundo tem seus problemas, todo o mundo tem a sua história. E, às vezes, a gente está tão frágil que, às vezes, um sorriso para a gente já muda a autoestima da pessoa, já muda o dia daquela pessoa, e a gente tem se deixar permitir, se deixar que o afeto e a alegria se multiplique, a gente tem que compartilhar o afeto, porque a gente como ser humano a gente é muito, assim, fechado mesmo e a gente se fecha mesmo no nosso mundo.



Figura 08 – Produção plástica I, Copesquisadora Carol

Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.

CAIXA DE AFECÇÃO - O MEU EU COMO CAIXA DE AFECÇÕES

É, eu sou a Carol, sou estudante do sexto período de Pedagogia, e o que me motivou estar aqui foi porque eu assisti à defesa da tese de doutorado da professora Socorro Borges. E ela utilizou também a Sociopoética, só que a gente só viu os resultados na hora da defesa. Então, a gente não viu o processo. E eu fiquei assim muito intrigada e curiosa para saber como se daria esse processo. E eu também queria ajudar, porque eu também quero ser futura mestranda. Então, eu quero ajudar, porque eu sei o quão é difícil a gente encontrar pessoas que estejam dispostas a ajudar. Então, também uma das minhas motivações foi essa, de querer ajudar. Primeiramente, eu fiquei imaginando, por isso eu tive dificuldade para escrever. Porque eu fiquei imaginando, mas caixa de afecções não é exatamente uma caixa! Então, o meu corpo, ele não vai ser exatamente uma caixa, mas é como se ele fosse, eu me identifiquei muito com que ele falou, não necessariamente, ele vai ser uma caixa, mas ele vai ser um receptáculo de todas as experiências que eu já vivi, que eu já guardei para mim, tudo aquilo que me chegou a me tocar. É eu coloquei aqui coisas que eu já venho guardando, que são diálogos com outras pessoas, que são pensamentos, são momentos felizes, são pessoas que convivem comigo e, a partir dessas relações, eu vou florescendo, eu vou crescendo, eu vou modificando e vou mudando para melhor.[...] E tentei fazer essas reflexões e meu corpo, nessa experiência, ele foi sendo chamado a ser uma caixa de afecções, então, eu nunca tinha ouvido essa palavra na minha vida e quando ela falou, hoje, nós vamos falar sobre afecções, eu nunca tinha ouvido e fiquei me perguntando: o que é afecções? E eu recebi uma pessoa diferente que, assim, que eu toquei ela, que eu fiquei tocando, eu disse: não, eu acho que é aquela menina da camisa vermelha! E, a partir dessa experiência que eu tive com ela, eu percebi que ela é uma pessoa muito afetuosa, ela é uma pessoa muito carinhosa. Então, você vai para a minha caixa de afecções, porque foi muito maravilhoso. Você não vai vir como objeto, mas como uma experiência vivida, por mais que esse momento tenha sido, assim, pequenininho. Mas foi bom! Então, foi isso que eu experienciei.



Figura 09 – Produção plástica I, Copesquisador Iann
 Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.

CAIXA DE AFECÇÕES – EU SOU VOCÊ

É, boa tarde! Meu nome é Iann, eu estou no segundo período, agora, eu vou para o terceiro período, graças a Deus. Então, eu vou para o terceiro período e eu quis participar, porque, na verdade, quem falou para mim foi a Lala, ela chegou e falou. Na hora que ela falou o tema, eu falei: quero! E também, eu queria saber como ocorre a pesquisa, porque eu, realmente, eu não sei de nada sobre. É muito vago aqui, as coisas passam muito rápido, então, participando a gente aprende mais e observa mais. E o tema me chamou muita atenção, que era uma coisa que a gente escuta muito, quando eu fazia Psicologia, que é a questão da alegria, e também na Pedagogia, eu acho que é essencial e até para ser professor. Bom, minha obra foi essa bem daqui. Essa menina aqui. Bom, eu fiz esse desenho, porque na hora que ela falou o nosso como caixa de afecções, eu lembrei que a caixa de afecções não é necessariamente uma caixa. E tem também a questão do beijo do receptáculo. E o nosso corpo é uma caixa de afecções, porque a gente carrega muita história, muitas lembranças. E os bonequinhos com essas pessoas, eu fiz com essas marcas, porque elas são as nossas afecções, porque são coisas que fazem a gente ser o que é hoje. Podem ser boas afecções ou não, mas todas elas carregam um peso, uma lembrança. É uma história que vai contribuir com a sua formação e das pessoas que têm ao redor. E é exatamente nessa interação de cada caixa, de cada pessoa, que a gente vai aprender mais, porque é socializando, é trocando que você vai criar novas afecções, novas relações, vai trocar afetos e, por isso, que fiz esse desenho. **O nome dele é EU SOU VOCÊ** e, de início, ele não tinha nome, porque cada um podia dar. Aí, **EU SOU VOCÊ**, porque quem se identifica quem vai saber como você é formado, a história que você carrega, todas as marcas te formam e formam cada um de nós, aí, por isso, o nome dele é esse. E o meu texto é exatamente isso, não tem nem sentido para mim: o meu corpo, como caixa de afecções, ela é uma série de fatores, o meu corpo carrega marcas boas ou ruins, vivências e experiências. É, eu sou alguém que é o que é graças às afecções que carrego no meu corpo, elas contam histórias! Eu vivo, eu interajo com essas afecções, eu socializo e ganho mais marcas sejam físicas ou mentais. A troca de experiência, contatos, informações e afetos são o que faço com as afecções, afinal, são com elas que eu faço a caixa.

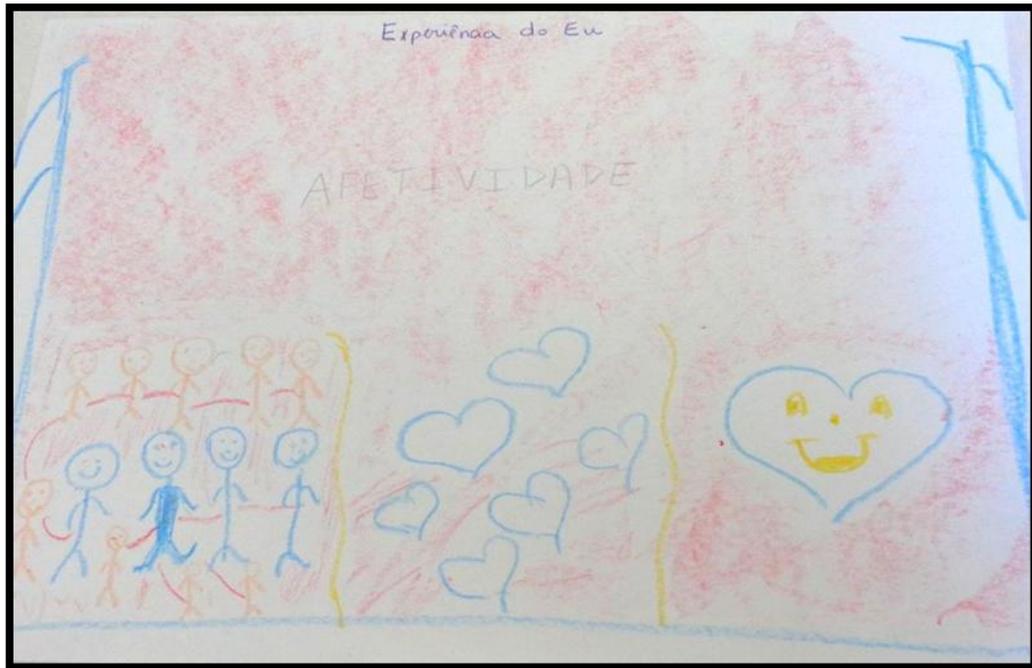


Figura 10 – Produção plástica I, Copesquisadora Wendy
Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.

CAIXA DE AFECÇÃO – EXPERIÊNCIA DO EU

Meu nome é Wendy, eu também sou do sexto período de Pedagogia e uma das minhas motivações também foi para aprender coisas novas e também em querer ajudar, que nem a Carol falou. Eu sempre pensei nisso! Que quando a pessoa tá fazendo pesquisa, é muito difícil, até mesmo aquelas que é para a gente responder um questionário, muitas vezes, as pessoas não querem, então, a minha maior foi querer ajudar e aprender. Bom, na minha experiência do Eu, no primeiro momento, eu só consegui assim. Ao mesmo tempo em que eu estava ligada aqui, ao mesmo tempo eu estava lá fora e quando ela falava assim: O que eu vejo? O meu corpo estava aqui, mas eu só conseguia pensar em coisas assim: em pessoas que estão na minha vida, mas que, nesse momento, elas não estão aqui presentes, como a Carol, que está aqui presente. Eu consegui pensar no Eu nas minhas relações pessoais, nas minhas amizades. E o meu desenho, que eu fiz aqui, foi em relação a isso: a todas as pessoas que estão na minha vida, ao meu redor, elas me constroem e completam a minha caixa e o que eu sou, as minhas relações, a afetividade, todas as pessoas que passam pela minha vida e também pensei que essas relações que ela gera afetividade que é o amor e o que eu vejo. Eu vejo alegria, eu vejo felicidade com todas essas relações que eu possa transmitir e que essas pessoas transmitem e que elas completam a minha caixa, quem eu sou. E eu botei isso: que eu vejo o meu corpo como uma grande caixa, mas não uma caixa que guarda objetos, e, sim, pessoas, os momentos vividos, bons ou ruins, que são o que me completam e que me fazem ser eu. Aí, eu botei também que essas pessoas, esses lugares, me deixam feliz. E eu tenho, dentro da minha caixa, a felicidade, que são, realmente, essas pessoas que constroem.



Figura 11 – Produção plástica I, Copesquisadora Jorrانيا
Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.

CAIXA DE AFECÇÃO – APECTO SENSÍVEL

Oi, eu sou a Jorrانيا e eu estou indo para o terceiro período e o motivo de eu estar aqui foi a convite da professora Shara e, como ela trabalha com a Sociopoética, ela fica indicando por esse caminho e uma coisa que a gente achou bem interessante o trabalho e quando falou alegria, eu fiquei assim: Alegria como? Como assim? Como é que ela vai trabalhar alegria? E eu fiquei supercuriosa! [...]. Eu acho muito interessante. É isso tudo que eu disse: o aspecto sensível. Meu corpo como sendo o escuro, e as imagens que eu criei daquilo que eu senti e daquilo que eu ouvi. No momento que fecho os meus olhos, está tudo escuro. Mas o meu corpo sente, os meus ouvidos escutam sons. Tive o prazer de oportunizar os meus outros sentidos e, dentre eles, pude ouvir a voz que me falava para pensar. Pude sentir o toque que os meus outros companheiros faziam em mim, pude perceber o peso dos olhares de outras pessoas, ouvi os batimentos do meu coração e tudo isso, ao mesmo tempo, me trazendo para a luz. Ao mesmo tempo que não me vejo com os meus olhos parecem imagens na minha cabeça sobre o que sinto, e a partir desse sentir, fico curiosa para saber mais, no caso, tocar mais, sentir mais sobre o que está na minha volta.

A produção da caixa de afecções pelos jovens discentes do curso de Pedagogia aproximou ainda mais o grupo, criando conexões de aproximações e confiança para se sentirem seguros no decorrer da pesquisa, como também para a construção da oficina de produção dos dados, uma vez que preparar o corpo para vivenciar as afecções foi essencial para que o grupo pudesse adentrar ao tema da pesquisa percebendo os lugares, os saberes e as experiências de Formação em Pedagogia na relação com a alegria.

É importante mencionar que, para a identificação dos confetos de Formação na relação com alegria, os problemas que os mobilizam, percebendo seus lugares, suas experiências e seus saberes, valorizando-os e reconhecendo-os, fiz o planejamento das oficinas: momento de escolha, organização e criação do dispositivo⁵ artístico de produção dos dados elaborado pela facilitadora, tendo em vista os objetivos traçados e o desejo de analisar como os jovens discentes transcriam a Formação em Pedagogia na UFPI na relação com a alegria de modo a reconhecer e valorizar seus lugares, saberes e experiências.

Neste caso, os registros da observação direta na oficina foram feitos com o uso do diário de itinerância e do audiovisual, que foi realizado mediante autorização dos participantes da pesquisa. Os relatos orais devidamente registrados em audiovisual no momento em que falaram das experiências estéticas vivenciadas nas oficinas e relacionadas com o tema-gerador negociado.

Com isso, organizei os materiais produzidos nas oficinas: imagens e relatos orais, transcritos para realização das análises, momento em que selecionei as categorias predominantes no pensamento grupo-pesquisador percebendo o que é semelhante, ambíguo, divergente e oposto tendo em vista o tema-gerador. Ou seja, mapeei os confetos (conceitos permeados de afeto), os impedimentos, os lugares, as experiências e os saberes de Formação em Pedagogia na relação com a alegria. Importante realçar que, na Sociopoética, as análises são levadas ao grupo-pesquisador em um momento chamado de contra-análise – ocasião em que poderão se contrapor às análises do facilitador ou, ainda, as ratificar. Destaco que, no caso desta pesquisa, não foi possível realizar a contra-análise e, em momento oportuno, farei as devidas justificativas para esta ausência.

A pesquisa bibliográfica foi atualizada no decorrer da investigação, dando suporte para a fundamentação teórica e filosófica da pesquisa.

⁵ Chamo aqui de dispositivo aquilo que mobiliza e provoca o processo de criação do grupo-pesquisador.

3.1 Construindo novos contornos para a consolidação da negociação com os copesquisadores

Agendamos o segundo encontro para instituição do grupo-pesquisador para o dia 25 de julho de 2018, pois alguns copesquisadores estavam com dificuldade de conciliar a disponibilidade de seu tempo com o da pesquisa. Ao sair do primeiro encontro com os jovens discentes, me senti muito feliz pela intensidade da entrega do grupo, pois, para realizar uma pesquisa com o método sociopoético, precisa-se que o grupo se permita viver as experimentações propostas.

No dia 23 de julho de 2018, enviei o TCLE (APÊNDICE A) e esclareci, no *e-mail*, que o documento estava sendo enviado para que eles tomassem conhecimento sobre a pesquisa e que, em nosso encontro coletivo, levaria o Termo impresso para que fosse devidamente esclarecido e também assinado por eles.

No dia 25 de julho de 2018, chegamos à UFPI às 14h10min, Thaysa e a copesquisadora Wendy estavam nos aguardando no OBJUVE. Aos poucos, os jovens chegaram ao local marcado, como mencionei anteriormente, três jovens discentes desistiram de participar, com isso, tinha cinco discentes para compor o grupo-pesquisador. Assim, deveria continuar o encontro com aqueles que estavam presentes: Minéa, Iann, Jorraina, Carol e Wendy compareceram.

Iniciei o encontro com a leitura do TCLE para os jovens discentes. Expliquei novamente a Sociopoética, bem como a importância deles como copesquisadores, os objetivos da pesquisa, os riscos e os benefícios. Questionei se eles tinham alguma dúvida sobre a pesquisa e, logo depois, fizeram a assinatura do TCLE. É importante colocar aqui que mencionei aos jovens sobre a importância do termo e que ele seria guardado por mim, durante algum tempo e, que eles poderiam se sentir à vontade para fazer qualquer questionamento sobre a pesquisa.



Figura 12 – Leitura e assinatura do TCLE
Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.

Em seguida, provoquei o grupo com a seguinte questão: O que me move na pesquisa? E falei das minhas próprias implicações e questões com a formação, provocando-os a pensar a formação inicial e o seu lugar na pesquisa sobre Formação em Pedagogia na relação com a alegria.

Pedi autorização para as fotografias e filmagens que seriam realizadas ao longo da pesquisa. Questionei como eles desejariam ser apresentados na pesquisa, se por meio de pseudônimo ou se queriam utilizar o nome. Com isso, eles escolheram ser identificados pelo nome. Logo depois conversamos sobre a questão-problema da pesquisa: Como os jovens transcriam a Formação em Pedagogia na UFPI na relação com a alegria de modo a reconhecer e a valorizar seus lugares, suas experiências e seu saberes? E acordamos o tema-gerador: **Formação em Pedagogia na relação com a alegria.**

O próximo passo foi tratar sobre o diário de itinerância, reafirmando a importância de acompanhá-los durante as oficinas, registrar experiências, lugares e saberes – companheiro de bordo e termômetro para compreender como vivenciaram o processo e seus atravessamentos na relação com o tema da pesquisa. As capas dos diários foram criadas pelos copesquisadores com gizes de cera, velas, fósforos e massa de modelar, sob as seguintes orientações: Como seria criar um diário para doar para alguém? Produzir o diário: queimar o giz de cera na chama da vela; pintar com a massa de modelar; escolher uma frase ou algo de si para doar para alguém; escrever sobre essa experiência no diário (Figura 13 e Figura 14).



Figura 13 – Processo de criação do diário: queimar giz de cera na chama da vela
Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.



Figura 14 – Processo de criação do diário: pintar com massa de modelar
Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.

Quando os jovens finalizaram o processo de criação do diário, pedi que escrevessem algo sobre o que gostariam de dizer para a pessoa que ficasse com o diário criado por eles. Logo depois, pedi aos jovens discentes que apresentassem o seu diário. A seguir, apresento os diários criados por eles. O processo de criação do diário foi algo necessário para que eu pudesse conhecer um pouco mais o grupo-pesquisador: Quem são esses jovens? O que eles trazem de si para o outro? Esse momento foi necessário para que os jovens discentes

pudessem se aproximar do tema da pesquisa ao vivenciar no corpo mais um processo de troca das afecções.

Após as apresentações dos diários, pedi aos jovens que os deixassem sobre a mesa e que andassem em volta para escolher um diário produzido por outra pessoa, sob a partir das orientações da facilitadora: “com os olhos, você vai se aproximar dele tendo em vista tudo que a pessoa falou que você vai escolher com os olhos. Se aproxime dele e fique em frente ao diário que você escolheu”.

Depois da escolha, reafirmei a importância do diário como companheiro de bordo, e provoquei os jovens a alimentá-lo e, nesse processo de alimentação, solicitei que eles fizessem a leitura da primeira página do diário, observando o que a pessoa escreveu para eles. Apresento a leitura dos diários criados pela copesquisadora Minéa (Figura 15), pelo copesquisador Iann (Figura 16), pela copesquisadora Jorrانيا (Figura 17), pela copesquisadora Wendy (Figura 18) e pela copesquisadora Carol (Figura 19).

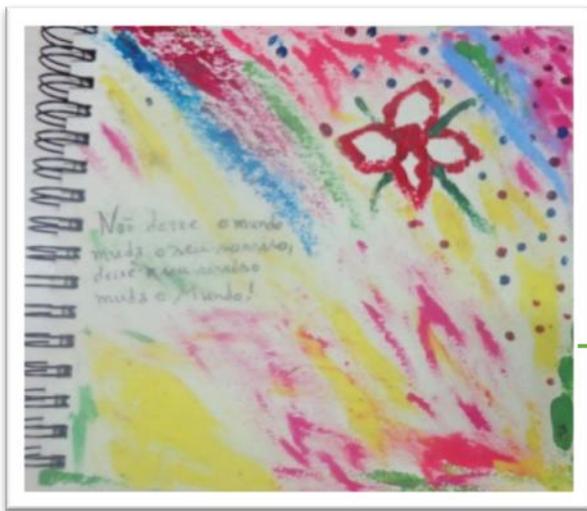


Figura 15 – Produção plástica II, Copesquisadora Minéa

Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.

Copesquisadora Wendy escolheu o diário criado pela copesquisadora Minéa

Com este diário, espero trazer um pouco de mim e um pouco de bom da vida: alegria, carinho, atenção, amor, esperança e um pouco do cuidar do outro. Ao fazer este diário, me senti importante pelo menos nesse instante!



Copesquisadora Jorrânia escolheu o diário produzido pelo copesquisador Iann

A arte no diário foi feita a partir de marcas que carrego e símbolos que me representam – a bandeira LGBTQ e o preto, representando minha cor. É muito importante que quem o receba aprenda a se amar com suas diferenças e imperfeições mesmo que não se encaixe no padrão.

Figura 16 – Produção plástica II, Copesquisador Iann
Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal da pesquisadora, 2018.



Copesquisadora Carol escolheu o diário criado pela copesquisadora Jorrânia

Quando penso em outra pessoa, em você que está lendo ou refletindo no que eu quero que as pessoas vejam em mim, ou seja, meus lados bons e que esteja feliz, pensando nisso, eu colori e fiz caminhos confusos para que, em mim, alguém se encontre, que, através de mim, construa um caminho e que leve um pedaço meu junto. Eu desejo um mundo colorido sem escolhas cruéis, um caminho de paz que traga novas descobertas.

Figura 17 – Produção plástica II, Copesquisadora Jorrânia
Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.



Copesquisadora Minéa escolheu o diário criado pela copesquisadora Wendy

No momento de elaborar esse diário, eu pensei em você, pensei muito, sei que, às vezes, você passa por momentos de tristezas, dor e se sente, muitas vezes, perdida nesse mundo louco onde os afetos sinceros são raros. Fiz um girassol como um símbolo de esperança para você ter esperança de dias melhores. Que as dores são passageiras e que dias de alegria também vão chegar. Acredite em você.

Figura 18 – Produção plástica II, Copesquisadora Wendy
Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.



Copesquisador Iann escolheu o diário da copesquisadora Carol

Na pintura, desejei trazer, por meio de cores vivas, as quais, muitas vezes, não encontramos em casa, no trabalho ou no curso superior. Aí, depende de você ser sua própria casa, fazer, criar a alegria maravilhosa, utilizando coisas simples como giz de cera, vela e massa de modelar.

Figura 19 – Produção plástica II, Copesquisadora Carol
Fonte: VAZ, Thaís. Arquivo pessoal, 2018.

A leitura dos diários nos emocionou muito e foi difícil controlar a emoção diante dessas manifestações de afetos descritas acima. Apresentar algo de si para o outro, trouxe um processo de invenção de si e de mundos, em que novas fibras foram se manifestando na existência desses jovens discentes.

Em seguida, agradei pelo encontro, marquei a data para o próximo e direcionei também uma atividade pensando na técnica de produção dos dados: andar pelos espaços da Universidade em seus lugares de afecção procurando perceber os espaços, com atenção aos encontros. Orientei que eles fotografassem esses locais, escrevessem no diário a experiência e

depois me enviassem as fotos. Esse material foi utilizado na continuação da produção dos dados que serão descritos e analisados na próxima Seção.

4 A TÉCNICA LUGARES DA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA E A CRIAÇÃO DA BAGUNÇA GOMELADA: PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS



Figura 20 – Jovens construindo os lugares da Formação em Pedagogia com Bagunça Gomelada

Fonte: OLIVEIRA, Neyla Cristiane Rodrigues de. Arquivo Pessoal, 2018.

PERDER-SE

Perder-se significa que entre nós e o espaço não existe somente uma relação de domínio, de controle por parte de sujeito, mas também a possibilidade de o espaço nos dominar. São momentos da vida em que aprendemos a aprender o espaço que nos circunda [...] já não somos capazes de atribuir um valor, um significado a possibilidade de nos perder-nos. Modificar lugares, confrontar-se com mundos diversos, ser forçado a recriar continuamente os pontos de referência é regenerante em nível psíquico, mas hoje ninguém aconselha uma tal experiência. Nas culturas primitivas, pelo contrário, se alguém não se perdia, não se tornava grande. E esse percurso era brandido no deserto, na floresta; os lugares eram uma espécie de máquina através da qual se adquiriam outros estalos de consciência. (FRANCO, 1988 *apud* CARERI, 2013, p. 48).

Nesta Seção, apresento a técnica de produção dos dados intitulada “Lugares de Formação em Pedagogia: experiências e saberes na relação com a Bagunça Gomelada” e a necessidade de desconstrução das ideias de alegria, descrevendo o processo de criação da Bagunça Gomelada, metáfora criada pelo grupo-pesquisador para a desconstrução das ideias ou dos conceitos prontos sobre a alegria. Além disso, aborda-se a análise classificatória dos dados.

4.1 Bagunça Gomelada na Formação em Pedagogia: desconstrução e invenção da alegria

Após a qualificação da dissertação e diante das argumentações da banca sobre não ver alegria nas fichas de informações dos copesquisadores, nas imagens e nos relatos da caixa de afecções da negociação da pesquisa, iniciei uma série de questionamentos sobre a alegria na Formação em Pedagogia, por exemplo: Quais os conceitos que os jovens graduandos tinham sobre alegria? Seria a alegria, para eles, algo cristalizado como um afeto positivo? Que pode a alegria na Formação em Pedagogia para esses jovens? Além disso, os examinadores da banca questionaram sobre a Formação em Pedagogia na UFPI, a partir dos dados apresentados no texto que os levaram ao seguinte argumento sobre essa formação:

O que inclusive o que eu acho, não sei se você concorda que o problema nessa Universidade, se a formação de Pedagogia é triste [...] da forma como ela se constitui, imagine nas outras graduações, pega um aluno de matemática. O professor chega pra ele e diz assim ‘nós somos quarenta, daqui só irão ficar dez’. (EXAMINADORES, 2018).

Seria a Formação em Pedagogia realmente triste? Os dados da pesquisa não apresentavam alegria? Isso me deixou confusa e recorri a Gauthier (2004, p. 127) para pensar o campo de forças que envolvem os dados da pesquisa. Para o autor, “[...] os dados já são interpretações do mundo, dependentes de quadros conceituais culturalmente marcados, em que posições políticas estão em jogo, lutas simbólicas, fraturas e redes de alianças, que permitem a negociação e constituição do sentido”.

Volto também a Spinoza (2013), para entender a complexidade do tema que investigava, pois, alegria, como ato, envolve o movimento de passagem de uma perfeição menor para uma maior que eleva a potência de agir dos sujeitos que vivenciam a alegria. Seria a alegria algo somente subjetivo? E, dentro do campo da subjetividade, quantas percepções teriam sobre alegria? Desse modo, é possível afirmar que não existia alegria nos dados

apresentados? Que representações de alegria se tinha para configurar os dados da pesquisa como não alegria?

Muitas questões surgiram após o exame de qualificação, mas elas foram necessárias para que fosse possível conhecer melhor o tema. Com isso, diante de tais questões, bem como da complexidade que eles traziam para se pensar a alegria na Formação, decidi sobre a necessidade de invenção de uma metáfora pelos copesquisadores para a alegria tendo em vista ser uma palavra que já vinha carregada de representações prévias. Criar uma palavra nova, desconstruindo o significado dado de modo que, ao relacioná-la com a formação inicial, causasse impacto, estranhamento e incômodo.

A metáfora está “[...] *entre* o mundo do sentido (interno à linguagem) e o mundo da referência (da realidade não linguística). Ela é o índice de um trabalho do espírito, [...] uma tensão dentro da língua (entre o que a metáfora é, por ser semelhante, e o que ela não é, por ser diferente) [...]”. Ao se configurar como “entre” a metáfora está “[...] entre a língua e o real (pois a metáfora visa a algo que não está dado, que não está presente, ela *dá vida* a um produto da imaginação)” (GAUTHIER, 2004, p. 13, grifos do autor).

Inspirei-me também na tese de doutorado intitulada “Do corpo sentido aos sentidos do corpo: sociopoetizando a produção de subjetividade”, de Silveira (2004), em que aborda o tema Saúde Mental, e devido este estudo estar carregado de representações, criou-se em oficina o confeto “bicofonia”. Nas palavras de Silveira (2004, p. 70):

Vale ressaltar que a palavra “bicofonia” sequer existe na língua portuguesa e, portanto, trata-se de um neologismo criado por um dos copesquisadores. Provavelmente ele devia estar querendo se referir a algum diagnóstico médico (como esquizofrenia). Mas, como nosso interesse era exatamente o de desconstruir o significado pronto, nada melhor para alcançar este objetivo do que uma palavra nova.

Nesse sentido, em 9 de outubro de 2018 foi agendado um encontro com o grupo-pesquisador para a criação da metáfora para a alegria. Mas como fazer? Reunimo-nos na sala do OBJUVE para a criação da metáfora da alegria. Além dos cinco jovens que fazem parte do grupo-pesquisador, uma jovem discente, que eu tinha convidado no início da pesquisa, pediu para compor o grupo, com o consentimento de todos, Gerciane passou a compor o grupo-pesquisador.

Às 16 horas, iniciamos o processo de criação, que ocorreu da seguinte forma: quando o grupo estava reunido na sala, os orientei sobre a experiência coletiva que iriam realizar naquele encontro. No primeiro momento, solicitei que sentassem ao redor da mesa, que já

estava forrada com papel cartão; no segundo momento, pedi para eles relaxarem o corpo, respirar profundamente e, imediatamente, com a ajuda da minha irmã, Neyla Oliveira, vendamos o grupo; no terceiro momento, coloquei algumas folhas de jornal sobre a mesa e, em seguida, joguei cola caseira – mistura de goma, vinagre e água. Após alguns minutos que o grupo estava em contato com os materiais citados, pedi para retirarem as mãos da mesa e aos poucos retiramos as vendas deles.



Figura 21 – Processo de criação da Bagunça Gomelada
Fonte: OLIVEIRA, Neyla Cristiane Rodrigues de. Arquivo pessoal, 2018.

Ao retirarmos as vendas, o grupo-pesquisador foi interpelado pelas seguintes questões: O que era alegria ali? O que você sentiu? O que afetou você? Qual o nome que eles dariam para a metáfora criada por eles? Quem se afetou com o nome? Sobre a alegria na Formação em Pedagogia, o processo de criação levou o grupo a problematizar a formação na relação com a alegria, por isso, os copesquisadores destacaram:

Eu acho que alegria, no caso, seria a questão de todo mundo descobrir junto, da forma da gente se tocar, da curiosidade de saber o que a gente estava mexendo. [...] E isso era muito engraçado pra mim, na hora, e eu achei bastante interessante, porque ficava de forma coletiva e eu ficava

imaginando o que a gente estava fazendo. (COPESQUISADOR IANN, 2018, grifos nossos).

Que a alegria da gente, muitas das vezes que o nosso ambiente da Universidade seja um caos, de certa maneira, né, cheio de responsabilidade, de cobranças. **Em meio ao caos, também que a gente também se sente alegre, com as companhias, com as conversas, com as dormidas que a gente faz na biblioteca.** Então, eu acho que **ela se manifesta em meio ao caos, né, em meio às situações difíceis.** (COPESQUISADORA CAROL, 2018, grifos nossos).

É interessante a gente pensar assim: que, muitas vezes, **a gente pensa que a alegria é algo assim que é eterno e não. São momentos que vivemos que são alegres,** por exemplo, agora, estávamos felizes, todo mundo se encontrando e tentando construir ao mesmo tempo, enquanto uns tentavam construir outros tentavam desconstruir e essa nossa alegria desse momento. Mas daqui alguns minutos ou ônibus ou quando chegar em casa, pode não tá essa alegria, já vai ser outro sentimento. (COPESQUISADORA WENDY, 2018, grifos nossos).

Então, a gente vê que essa **alegria é muito momentânea e vai depender muito da gente [...]** de **valorizar esses pequenos momentos que a gente tem, porque é chato passar o dia aqui todinho [...]** mas encontro pessoas que eu converso, com quem me sinto à vontade. Eu sorrio, falo sobre várias coisas que me distraem e não me deixam com a barra de coisas para fazer. (COPESQUISADORA JORRANIA, 2018, grifos nossos).

Com base na experiência e nas problematizações, os jovens iniciaram a seleção dos nomes para a metáfora da alegria, tais como: caos (escolhido pelos copesquisadores Iann e Jorrانيا); bagunça (escolhido pelas copesquisadoras Minéa e Wendy); Navegomelada (pensado pela copesquisadora Gerciane).



Figura 22 – Finalização do processo de invenção: eis que surge a Bagunça Gomelada
Fonte: OLIVEIRA, Neyla Cristiane Rodrigues de. Arquivo pessoal, 2018.

Com base nos relatos, conclui-se que a **Bagunça Gomelada** é a forma coletiva da alegria, de todo mundo descobrir junto, se tocando, da curiosidade de saber o que a gente estava mexendo. A alegria se manifesta na Universidade em meio ao caos, em meio às responsabilidades, às cobranças, às situações difíceis. A alegria é algo que se pensa eterno, mas são momentos que vivemos, que são alegres. E vai depender de a gente valorizar esses pequenos momentos, porque é chato passar o dia todo pensando na rotina da Universidade.

4.2 Descrição do processo de criação da técnica de produção dos dados

No texto da qualificação, a técnica ainda não estava pronta, pois estávamos em processo de criação. Com isso, as arguições da banca foram relevantes para essa fase, pois percebermos a necessidade de invenção da metáfora sobre a alegria, a qual foi inventada pelo grupo-pesquisador, a Bagunça Gomelada. Portanto, ao ganhar *vida* no pensamento do grupo, ela tornou-se importante para a construção da técnica de produção dos dados.

Após a qualificação, concentramo-nos no processo de criação da técnica de produção, desse modo, foram necessários dois meses para que ela estivesse pronta para a experimentação. Onde e com quem deveria fazer a experimentação? Geralmente, recorreremos ao nosso grupo de estudos, mas devido à especificidade da técnica, não seria possível, pois precisava de um público e de um espaço que se aproximasse da proposta criada para a oficina produção de dados, pensei também em fazer uma oficina para experimentar em outro departamento da Universidade, mas não tive público para a realização.

Após essas tentativas, decidi fazer com meus alunos da Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPI), *campus* Uruçuí, pois a data da viagem à Uruçuí se aproximava e não tinha mais tempo para fazer a experimentação. Imediatamente, solicitei ao IFPI o mapa do *campus*, uma vez que até aquele momento não imaginava a complexidade da técnica que estava criando, pois precisei da ajuda de um arquiteto para formatar as pranchas do *campus* Uruçuí, como também do CCE, uma vez que é preciso colocar o mapa em um formato que seja possível a impressão no tamanho fundamental para a realização da técnica. Após a plotagem dos mapas, realizei o processo de impressão das pranchas de cada um deles, que foram impressos em tamanho A0, na cor preto e branco.

Em 1º de outubro de 2018, realizei a experimentação com nove discentes do VI módulo da Licenciatura em Matemática do IFPI, *campus* Uruçuí. O plano da oficina criado para o CCE foi adaptado para o IFPI, pois, ao experimentar a técnica, é necessário trazer os

elementos de forma aproximada ao que se pretende realizar, a fim de que o pesquisador possa (re)ver todas as possibilidades. Com isso, a experimentação segue um roteiro semelhante ao (APÊNDICE B) da produção final da técnica, com algumas ressalvas:

1. Na experimentação, foram utilizadas algumas tesouras para recortar as imagens, mas percebi, no final da realização da técnica, que não seria necessário as utilizar, pois os jovens tinham maior dificuldade em desmontar as imagens. Com isso, sem o uso das tesouras, as imagens foram rasgadas com as mãos ao realizar a técnica com o grupo-pesquisador no CCE.
2. Na experimentação, as fotos foram colocadas em envelopes com o nome da respectiva pessoa que a fotografou, mas, no final desse momento, ao avaliar a técnica, percebi que as imagens deveriam ficar misturadas no mapa. Foi exatamente isso que fiz ao realizá-la com o meu grupo da pesquisa.
3. Na experimentação, os lugares foram montados em papel canson A3 e depois inseridos no mapa. Mas, na avaliação, observei que seria mais potente que a produção dos lugares fosse realizada diretamente no mapa, e assim fizemos na produção da técnica com os jovens discentes de Pedagogia.

Ao finalizar a experimentação, refiz o plano sobre os elementos observados nesse processo, dando-me mais segurança no momento de realizá-la no grupo da pesquisa.

Em 10 de outubro de 2018, realizei a técnica no CCE com o grupo-pesquisador. Destaco que a copesquisadora Jorrânia não participou da oficina de produção, pois mencionou ter um compromisso, com isso, compareceram à oficina Minéa, Iann, Wendy, Carol e Gerciane. Reunimo-nos em uma sala no PPGEd, no horário de 14h às 18h. Cheguei bastante cedo, pois precisava colocar as pranchas do mapa no chão e isso demanda muito tempo, uma vez que ao fixar as pranchas uma ao lado da outra, é necessário observar a sequência delas no mapa como se estivesse formando um grande quebra-cabeças. Às 14h, estava tudo pronto e me concentrei na espera dos copesquisadores que, aos poucos, começaram a chegar. Quando todos chegaram, fui avisada pela secretária do PPGEd que a sala estava reservada para outra pessoa. Imediatamente, entrei em desespero e saí pelo espaço do CCE à procura de outra sala.

Após muitas buscas, encontrei uma sala de aula e, com isso, pedi aos copesquisadores que me ajudassem na organização. Desse modo, tivemos muito cuidado ao retirar o mapa do chão da sala para que não fosse danificado. Ao chegar à outra sala, organizamos o espaço e iniciamos a oficina de produção dos dados. No primeiro momento, fiz alguns exercícios de alongamento para despertar o corpo dos jovens e acolher o grupo (Figura 23). Após os exercícios, pedi aos jovens para deitar no chão e sentir o corpo (Figura 24).



Figura 23 – Exercícios para ativação do corpo dos jovens copesquisadores
Fonte: OLIVEIRA, Neyla Cristiane Rodrigues de Oliveira. Arquivo pessoal, 2018.



Figura 24 – Jovens sentindo o corpo no chão para iniciar a viagem imaginária aos lugares da formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada
Fonte: OLIVEIRA, Neyla Cristiane Rodrigues de Oliveira. Arquivo pessoal, 2018.

Ao deitarem-se no chão, os jovens vivenciaram uma viagem (APÊNDICE C) aos lugares da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada, em que eles voltaram aos lugares que escolheram e fotografaram observando as experiências, os impedimentos e os saberes dos lugares da Formação na relação com a Bagunça Gomelada. Para tanto, ao vivenciarem este momento eles destacaram:

Foi muito bom! O relaxamento serviu para pensar nesses locais, outros locais que eu nem cheguei a tirar foto de uma forma bem mais tranquila, bem mais calma. Em alguns momentos dei aquela relaxada que quase cochilei, mas foi uma coisa que veio vários pensamentos, veio realmente, eu pensei nessa viagem andando a pés, andando. Refiz o percurso que eu faço praticamente todos os dias e também pensei um pouco mais. (GRUPO-PESQUISADOR, 2018).

Diante disso, Gauthier (2012, p. 81-82) afirma sobre o relaxamento que “[...] o importante está aqui: que as pessoas parem de racionalizar tudo, se entreguem totalmente à pesquisa e deixem surgir os conteúdos sem censura, sem ter tempo para refletir, avaliar, ‘melhorar’ o que vai surgindo”. Ao retornarem do relaxamento, os jovens foram encaminhados para o mapa do CCE (3m impresso em tamanho A0, preto e branco) no chão da sala de aula. Além disso, encontraram as fotos (10 cm x 15 cm) dos lugares enviados à facilitadora antes da oficina.

As orientações da facilitadora seguintes foram: olhar e escolher as imagens dos lugares; desmontar e montá-las: desmontar as imagens, rasgando-as. Para remontar, juntar as imagens rasgadas, colando-as formando, sobre o mapa do CCE, um lugar híbrido da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. Após a criação, cada lugar recebeu um nome, uma metáfora.

Em seguida, solicitei que traçassem linhas no mapa, expressando os percursos aos lugares escolhidos. Logo após, destacaram com pontos os caminhos das experiências e os saberes que aprenderam neste caminhar pelos lugares da Formação na relação com a alegria e os impedimentos de pensar a Formação nesse lugar. Nesse sentido, “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível suscetível a receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30).

Após aquele momento, o grupo foi convidado a falar da experiência de encontrar os lugares escolhidos, fotografados e da remontagem na oficina. A facilitadora, durante a

apresentação dos lugares criados por eles, fez os seguintes questionamentos: Se esse lugar fosse a Formação em Pedagogia, como seria? Qual a relação com a Bagunça Gomelada? Quais os impedimentos para pensar Bagunça Gomelada neste lugar? Quais são as experiências neste lugar? Quais são os saberes deste lugar da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada?

A seguir, a imagem do lugar construído no mapa e o relato oral de cada copesquisador(a).

COPEQUISADOR IANN

LUGAR ACOLHIMENTO DA FORMAÇÃO NA RELAÇÃO COM A BAGUNÇA GOMELADA

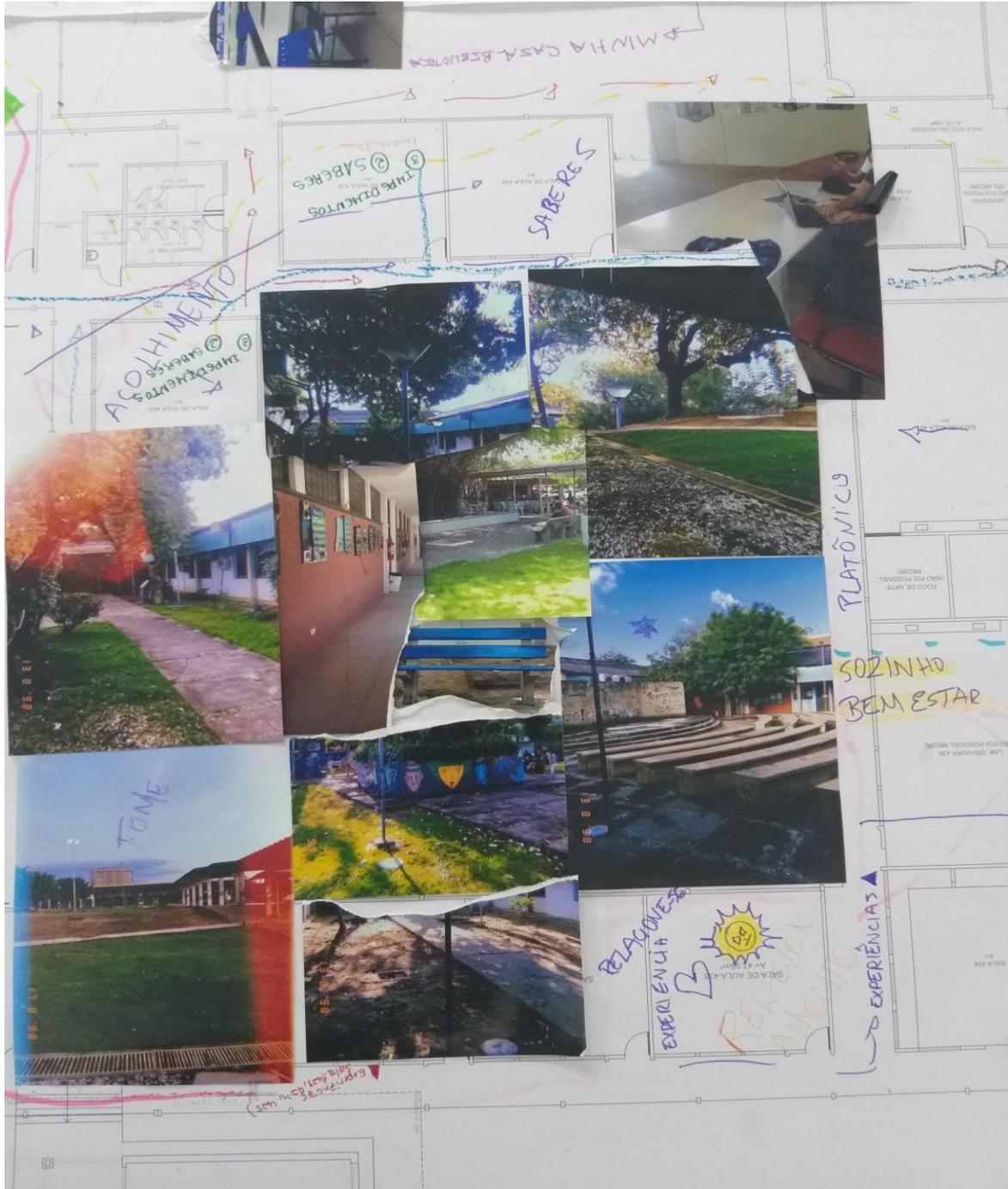


Figura 25 – Produção plástica III, Copesquisador Iann

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2018.

RELATO ORAL

COPESQUISADOR IANN

Meu nome é Iann e eu vou falar sobre a minha produção Gomelada, sobre as afecções e os lugares que me tocam, que me atravessam e, sobretudo, são lugares que eu mais percorro nesta Universidade, desde que eu entrei aqui, são as constantes onde sempre vou, onde eu estou interagindo com as pessoas, fazendo amizades, outras coisas também. Dentro desses lugares, o mais importante, para mim, o mais importante não tem uma carga emocional muito grande. Algumas coisas aconteceram por ter sido o primeiro lugar que eu fui quando eu cheguei aqui, que foi no anfiteatro, que tem ali no Jornalismo e lá foi recente de movimento que os alunos fizeram e também foi algumas coisas que acumulam nesse lugar. Eu sempre passo por ele, eu vejo coisas acontecerem nele [...] até mesmo gente se formando, tirando as placas. Tem esse aqui na frente, que é esse espaço, que, geralmente, o pessoal de artes fica sentado ao redor, e eu fui para lá quando eu cheguei, mas eu não me senti tão [...]. Eu gostava muito do local, mas eu não me sentia incluso, porque, realmente, eram pessoas que nunca tinha sido incluídas, mas eu gosto bastante desse local. Tem o caminho para o Restaurante Universitário (RU), que é perto do espaço integrado, que eu até botei o nome fome, que eu sempre vou bastante quando eu vou para a biblioteca ou quando eu vou com amigos, ou quando eu vou mesmo para o RU, só porque eu estou andando por ali. Tem o espaço dessa sala, onde fica a minha sala que é onde, até o momento, da Pedagogia, é onde eu sempre estou, tem a cama elástica, que a gente faz bastante coisa lá em frente. Tem aqui o mesão do CCE, que eu acabo ficando lá, às vezes, para passar o meu tempo, mas lá também eu aprendo outras coisas e todos esses locais que eu tenho são acolhedores, porque eu estava com os meus amigos mesmo, porque o local é muito bom para refletir sobre as coisas, pensar, até mesmo estudar. E eu coloquei algo que podia impedir não formação na Pedagogia, mas da alegria é que a Pedagogia não sai do seu espaço, os alunos também não saem desse espaço. É tudo muito fechado, é tudo muito entre as coisas ou entre mesmo as pessoas, a gente não sai, a gente não se expande. E eu acho que essa bagunça de locais que ela liga um campo a outro, os alunos, as pessoas, os indivíduos que estão dentro, eles deveriam se ligar mais aos outros e eu acho que a alegria se constitui dessa forma. Você pode ficar ali sozinho, mas você compartilhando ela é bem melhor. Os locais de afecção são a bagunça, algumas partes se ligam e outras não. É, a gente, realmente, não sabe para onde vai, acaba conhecendo outras pessoas, outros mundos e eu acho que isso é uma bagunça, uma bagunça muito boa, você quebra esse padrão, eu acho que isso que a Bagunça Gomelada se encaixa. O relaxamento foi muito bom! O relaxamento serviu para pensar nesses locais, outros locais que eu nem cheguei a tirar foto de uma forma bem mais tranquila, bem mais calma. E o meu espaço da Universidade quanto da formação como um todo. Eu percebi que cada espaço tem uma pessoa diferente em minha cabeça, alguém que, pessoas que são importantes, pessoas que eu sempre vejo apesar de eu nem conhecer, mas elas são tipo marcadores, são constantes nesses locais. Montar esse lugar de afecção, no início, foi complicado. A foto do anfiteatro eu não queria rasgar de jeito nenhum, é um local muito importante que eu acho e os outros locais e na verdade eu não queria rasgar total nenhum, só queria grudar uns aos outros, mas eu quis fazer uma Bagunça Gomelada. Então, eu tive que me desprender de alguns sentimentos, de algumas lembranças, de associar as lembranças a esses locais que foram fotografados para poder rasgar eles e construir novos. Então, no início, foi bem difícil, mas, depois, começou a fluir naturalmente. O nome do meu lugar é Acolhimento. Se o acolhimento fosse a Formação em Pedagogia, como ela seria grande, alta e braços bem largos, porque o acolhimento teria como abraçar as pessoas de uma forma confortável, de não só acolher, mas também, não sei se essa é a palavra, de ajudar as pessoas a se sentirem dentro do todo, não se sentirem sozinhos assim ou se sentirem sozinhos, elas não se sentirem ruim estando sozinhas, porque estar sozinho também é bom para pensar, refletir. A Formação-Acolhimento é algo bem importante, ela vai te motivar, de certa forma, vai te levar para frente. A gente fala bastante que existem pessoas que nos impulsionam para frente da mesma forma que existem alguns que levam a gente a querer prosseguir. E sem o Acolhimento, você sendo não sozinho, mas sendo solitário, você acaba nem conseguindo chegar nessa formação. A relação com o lugar de afecção Acolhimento com a Bagunça Gomelada é que dentro do Acolhimento fica uma bagunça e acolhe pessoas diferentes e não são sentimentos, é subjetividades diferentes e quando você vai preencher esse espaço Acolhimento, é

normal haver não desavenças, mas diferenças que não se encaixam, não é um quebra-cabeça que vai se formando e, realmente, fica uma bagunça e é importante respeitar que existe essa bagunça, essa diferença e que, mesmo assim, a gente vai se acolhendo, se juntando. As experiências do lugar de afecção Acolhimento da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada existe por um lado uma experiência política que a gente se formando e para que a gente está se formando em Pedagogia e, sobretudo, porque a gente tem um modelo de educação e de sociedade em que a gente também luta contra. E eu acho uma experiência de vários locais dentro dessa Bagunça Gomelada que foram os meus locais de afecções, outras experiências, é o passar, é sentir os espaços da Universidade, as pessoas que estão ao redor, são essas experiências. Os encontros, atalhos e bifurcações, algumas vezes, eu usei atalhos, você indo por trás do pé de caju, que fica nesse espaço aqui ou indo pela parada do CCE, do lado da Nossa Senhora de Fátima, eu chegava nesses locais. Os saberes do lugar de afecção Acolhimento da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada, os saberes, acredito que essa parte humana que você vai absorvendo dessa Bagunça Gomelada, seja de interação, compreender o outro, a diversidade que ocorre nesses locais e são esses os saberes, como pegar para a formação que vê toda a diversidade, a diferença, o acolhimento com essa diferença. E os impedimentos são o que eu tinha falado antes, que a Pedagogia não sai de seu espaço. É muito difícil a gente compreender toda essa diversidade que ocorre na Universidade, fora dela, seja como professor, como gestor, trabalhando em gestão. Para você entender a diferença, a diversidade, a gente precisa sair do nosso quadrado e, na Pedagogia, muitas vezes, não ocorre isso, seja por decisão da coordenação ou dos alunos, do corpo docente ou do corpo discente. A Pedagogia precisa se expandir mais. Ela é uma área bem ampla, mas do que adianta a área ser ampla se o profissional, a pessoa que está se formando, ela acaba fechada dentro do espaço, ela não vai ter entendimento maior do que é visto científico, onde a gente observa.

COPESQUISADORA GERCIANE

LUGAR CRIAGUNÇA DA FORMAÇÃO NA RELAÇÃO COM A BAGUNÇA GOMELADA



Figura 26 – Produção plástica III, Copesquisadora Gerciane

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2018.

RELATO ORAL

COPESQUISADORA GERCIANE



Eu sou Gerciane e o local que eu escolhi como afecção é uma praça que, desde que eu entrei, aqui ela foi como um imã, ela me chamou. Gosto de ficar nela, né! E como espaço de afecção, eu dei o nome de Criagunça, que foi a junção da Bagunça Gomelada e dessa noção de criatividade, porque nessa praça, ela ocorre várias coisas, vários sentimentos, vários pensamentos e isso fica como uma bagunça, mas também dessa bagunça eu também posso ter criatividade. Então, eu chamei de Criagunça e lá nessa praça é o local que não ocorre somente os momentos de alegria, mas de pensar, de reflexão, de criar, de escrever os poemas, de tirar foto da natureza e de ficar pensando na vida. Às vezes, nós queremos fazer nada e às vezes isso é bom. Então, eu vou para essa praça, fico em um banco e fico lá. O relaxamento foi interessante, porque, num dos exercícios, eu testei até onde é o limite do meu corpo. Então, eu percebi até onde eu posso ir e também percebi os limites que eu tenho. Foi interessante, foi bom! A viagem imaginária foi muito boa! Em alguns momentos, dei aquela relaxada que quase cochilei, mas foi uma coisa que veio vários pensamentos, veio realmente, eu pensei nessa viagem andando a pés, andando. Refiz o percurso que eu faço praticamente todos os dias e também pensei um pouco mais. Montar e remontar esses lugares foi um pouco difícil, porque eu também não queria rasgar a foto. Às vezes, eu tenho medo do novo, mas é como o Belchior diz, né: “Amar e mudar as coisas isso me interessa mais”. Então, foi interessante esse passo de perder o medo de rasgar a foto e rasgar e fazer uma nova montagem e criar um novo espaço, foi bom. Isso estimula também a minha criação. Se a Criagunça fosse a Formação em Pedagogia, eu a usaria de uma forma na minha formação é como vendo a criatividade como algo positivo na minha formação, porque, às vezes, nós temos só aquele pensamento fechado de estar ali, só os livros e só reproduzindo o que aqueles autores disseram, mas com a Criagunça, uma formação diferente, em que eu posso organizar essa bagunça de pensamento, de criatividade e pensar em algo inovador, em algo que potencialize as criatividade. A formação Criagunça é uma junção de várias coisas que têm o seu momento bom, mas também tem o seu momento ruim e que disso saem coisas novas também. A relação da Criagunça com a Bagunça Gomelada é essa questão que o coletivo criou através de toques, de contágio, criou uma bagunça e essa bagunça é uma coisa criativa também. Então, eu relacionei isso, nós criamos uma bagunça, mas essa bagunça foi uma coisa positiva. Os impedimentos para pensar a Bagunça Gomelada no lugar de afecção Criagunça talvez seja eu mesma, porque, às vezes, eu goste de trabalhar no coletivo, mas, às vezes, não. O meu lado de fazer as coisas sozinha é um pouco mais alto do que essa coisa do coletivo. As experiências da Criagunça da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada é o espaço de refletir o novo, de buscar novas formas de educar, novos conceitos, deixar que a nossa criatividade não seja ofuscada pela pressão que nós temos na Universidade. Esse foi o momento que nós podemos exercer coisas que estava preso e que, às vezes, nós nem praticamos, mas envolvemos arte com materiais e a nossa capacidade de dar luz a uma coisa nova, criar. Não fiz atalhos, mas eu também apresso o meu caminho para chegar nesses locais. Os saberes da Criagunça da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada, é que, se eu quiser, eu posso, sim, tá mudando a minha forma de ver a Pedagogia e de lidar com ela no dia a dia, não sendo apenas uma coisa monótona, mas uma coisa que envolve arte.

COPESQUISADORA MINÉA

LUGAR ACONCHEGO DA FORMAÇÃO NA RELAÇÃO COM A BAGUNÇA GOMELADA



Figura 27 – Produção plástica III, Copesquisadora Minéa

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2018

RELATO ORAL

COPESQUISADORA MINÉA

Bom, o meu nome é Minéa e o nome do meu lugar é Aconchego, porque ele tem um pouquinho assim de mim, dos espaços que eu frequento. E eu coloquei, assim, digamos que, de uma forma, que ele ficasse mais aconchegado e o nome dele é Aconchego é porque qualquer um pode chegar e se sentir mais à vontade, porque a UFPI é uma segunda casa para mim e eu acredito que seja para muitas pessoas. E os lugares têm lugar que lembra muitas experiências, principalmente no início do curso de Pedagogia, às vezes, a gente sente muito medo, se sente inseguro, só que também tem espaços que a gente vai conquistando de acordo que a gente vai conhecendo as pessoas, os amigos, os professores, que esses lugares se tornam mais especiais, se tornam locais de encontro, de reencontro, de aprendizagem, de formação. Eu acredito que desde que eu entrei no curso de Pedagogia, eu cresci como ser humano mesmo me tornando mais compreensiva aprendendo mesmo, porque cada conhecimento que é dado na sala de aula parece que vai preenchendo como se fosse um quebra-cabeça, tanto no aprendizado aqui dentro da UFPI como fora. E eu coloquei esse espaço de uma forma que ele se tornasse mais alegre, porque se ele é mais alegre, mais aconchegante, ele tem esse espaço para todo mundo se encontrar. Toda caminhada, ela fica mais fácil, ela fica mais leve. E isso é muito bom quando a gente aprende brincando. Para fotografar e escolher estes lugares, eu fui pensando, lembrando de cada espaço, de cada experiência, assim, que é apesar da gente achar que as coisas tudo é mil maravilha, não é. Às vezes, no início, você sente medo, sente solidão. Tem espaço que eu me sinto mais à vontade, espaço que é, geralmente, mais isolado, às vezes não tem ninguém, às vezes sim, às vezes meus amigos ficam nesse espaço comigo até mesmo para estudar, para aprender mesmo. E fotografar esses espaços é, de certa forma, é, digamos assim, eternizar ele dentro da nossa formação, da minha formação, porque a fotografia eterniza, né! Aquele momento que você viveu! A viagem imaginária foi massa demais eu imaginei assim um local mais verde, mais florido, porque eu acho que quando tem mais natureza, mais plantas, o lugar se torna mais agradável, mais frio, mais aconchegante mesmo. Montar e remontar esse lugar foi bem difícil, porque estava a foto do lugar e eu, no início, não queria rasgar mesmo a foto, porque era como se tivesse rasgando parte de mim, mas, ao mesmo tempo, eu percebi que, de certa forma, que eu rasgando esse pedaço eu poderia construir um outro novo, um que eu gostasse mais que juntasse todos esses lugares e tornar cada pedacinho dele um lugar mais especial. Se o Aconchego fosse a Formação em Pedagogia, ela seria mais alegre, ela seria mais humana, porque, muitas vezes, a gente não é. Assim, o percurso não é fácil, muitas vezes, é dolorido, é sofrido, só que o sofrimento, apesar de ser sofrimento, ele não é totalmente ruim, porque o sofrimento ele também ajuda a gente a crescer, a se tornar mais forte com todas as experiências que a gente vive. De certa forma, ele é positivo. A formação-Aconchego é a alegria, porque você está aprendendo com mais gosto, com mais determinação, com vontade. Tudo que se aprende com vontade se torna mais gostoso, se torna mais prazeroso. A relação do Aconchego com a Bagunça Gomelada é que a Bagunça Gomelada ela viaja e ela pode chegar em qualquer espaço que ela quiser. E tudo que se tem bagunça, de certa forma, é melhor, é mais alegre, mais construtivo. Eu acho que ajuda, de certa forma, na criatividade da gente, no aprendizado da gente, no crescimento da gente como professor formador, porque a gente está aprendendo para formar pessoas e isso é muito importante, é uma responsabilidade enorme e se cada aprendizado que a gente vai adquirindo aqui ao longo do percurso se torna mais alegre, com mais gosto. Eu acho que, de certa forma, é uma a mais para a gente passar para os nossos alunos futuramente, porque quando você tem um professor na sala de aula que você vê, assim, um esforço nele e vê, assim, a dinâmica dele de agir, de ser aquela pessoa positiva, pessoa alegre, determinada que faz, assim, tudo se importando mesmo com o aluno, porque tem muito professor que dá o assunto e só joga e não está nem aí se você aprendeu ou não. Quando tem essa relação entre professor e aluno e todos ficam à vontade isso é muito mais gostoso a gente aprende mais rápido, com mais facilidade. a Bagunça Gomelada é mágica, porque ela é alegre e a alegria, dentro da nossa formação, ela é muito importante, porque, às vezes, a gente está a ponto de desistir de tudo e quando você tem alegria, acho que isso nem passa pela sua cabeça. Você tem mais amor pelo que você está fazendo e ela é essa Bagunça Gomelada de uma forma mais gostosa. Ela é, de certa forma, um

empurrão, assim, que ajuda a gente a vencer os obstáculos, as expectativas que a gente tem. Os impedimentos para pensar o lugar de afecção Acolhimento da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada acho que é a intolerância, o medo que a gente, a insegurança. Às vezes, a gente cria uma expectativa em relação aos outros que a gente não está, não sei. Tem gente que passa, assim, uma energia negativa, como se a gente não fosse capaz. Os encontros, as amizades construídas na sala de aula, nos corredores e com a própria formação mesmo com os conhecimentos que a Pedagogia traz para a gente. É um encontro maravilhoso, porque você vai se refazendo. Eu não sou a Minéa, que entrou no início ali, eu sou uma que cresceu aos poucos e a todo momento eu estou me reconstruindo. Cada pedacinho de cada um que eu tenho contato parece que vai preenchendo as amizades, os momentos que a gente vive, tanto os momentos alegres como os tristes, acho que vai recompondo a gente, que vai juntando e reconstruindo todo tempo a gente e isso é bom, porque a gente não fica aquela coisa parada, estagnada. As experiências do lugar de afecção Aconchego da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada, todas as experiências são aprendizados mesmo, mas correr atrás do conhecimento não é fácil, não é fácil, você tem n motivos para desistir, mas se você tem pessoas do seu lado lhe apoiando, dá um gás, uma energia maior e se você tem uma Bagunça Gomelada lhe incentivando, é, se torna mais fácil, se torna mais legal, se torna mais divertido. Os saberes do lugar de afecção Aconchego da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada é o amor, esperança, amizade, a formação, o conhecimento que ela traz para a gente, clareza em relação a tantos assuntos e a vontade se tornar cada vez melhor, porque você sabe que você vai transformar vidas diferentes e a gente quer fazer isso da melhor forma possível.

COPEQUISADORA WENDY

LUGAR 0015 DA FORMAÇÃO NA RELAÇÃO COM A BAGUNÇA GOMELADA



Figura 28 – Produção plástica III, Copesquisadora Wendy
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2018.

RELATO ORAL

COPESQUISADORA WENDY

Bom, meu nome é Wendy, quando eu pensei no meu lugar de afecção, eu escolhi algumas imagens e depois fiquei pensando que ele poderia ser bem maior do que ele está, porque eu poderia ter pego um pedacinho de cada um, menos aquela foto que eu não sei que lugar é e poderia ter colocado nos meus lugares de afecção. E quando eu fiz aqui, eu pensei nessa foto como a entrada para novos caminhos, novos lugares de ligação que, apesar deles estarem separados, mas eles são uma coisa só porque eles estão ligados assim como é aqui na Universidade. Então, coloquei aqui a Biblioteca Central com o início, onde esse início teve os saberes, as experiências, os contatos, as amizades. Aqui como meio caminho, porque simboliza o lugar que todo dia eu tô, que é a fila do RU, esse meio, e aqui, não como um fim, mas como os últimos lugares de afecção, um dos últimos, assim, porque não é o último aqui dentro da Universidade, que é a tia do anexo. Escolhi e fotografei esses lugares, foi justamente pelas experiências que eu tive aqui, desde que o nome do meu lugar é 0015, que significa o ano que eu entrei aqui, então essas experiências foi desde 2015 e foi mesmo assim do que me afetou. A Biblioteca me afetou desde o início que foram pelas amizades, as novas ideias que vão surgindo na entrada do curso, aqui, por seu meio e, aqui, por ser os últimos lugares. A viagem imaginária foi ótima, porque, realmente, eu consegui me colocar, é como se eu estivesse naquele lugar, mas como se eu estivesse me olhando naquele lugar, então, ao mesmo tempo em que estava lá, estava me olhando me percebendo e me sentindo como era estar nesses lugares novamente. E fazendo o percurso desde quando eu desço da entrada até chegar na sala e foi bem interessante. Montar e desmontar um só lugar de afecção eu acho bem interessante essa parte do desconstruir, eu não tive assim esse receio em rasgar a foto, eu já queria mesmo rasgar e fazer criar o novo, então, foi bem interessante foi, assim, como é que eu posso dizer, foi algo que é novo e, ao mesmo tempo, está desconstruindo e reconstruindo, é outra coisa que significa algo para mim. Se o lugar de afecção 0015 fosse a Formação em Pedagogia, eu acho que ela seria múltipla, ela seria diversa, ela não seria tão tradicional, como é o curso de Pedagogia aqui na Universidade. Eu acho que ela seria mais um saber, mas também seria um saber relacionado à prática que pudesse tá caminhando e percorrendo por todos esses lugares. A formação 0015 seria justamente isso, a formação 0015 é uma formação que seria uma formação sociopoética, uma formação mais humana, uma formação, como é que eu posso dizer, uma formação assim que incomoda, nesse sentindo de incomodar de sair de dentro da sala e tá buscando conhecimento fora desse ambiente que nós já estamos acostumados todos os dias, então, seria olhar esses lugares, esses pontos de afecção, esses lugares que marcam e que eles pudessem estar construindo para nossa formação. A relação do lugar de afecção 0015 com a Bagunça Gomelada seria justamente que eles são uma bagunça ao mesmo tempo em que eles transmitem a bagunça, mas ao mesmo tempo é alegria que é justamente isso que precisa no curso na formação inicial do curso de Pedagogia, que seria essa alegria que, muitas vezes, não temos. Apesar de a alegria ser, muitas vezes, subjetiva e ser momentânea e ela vai ser diferente para cada indivíduo. Mas eu acho que seria justamente isso. O pensar diferente, o pensar no outro, a empatia, o olhar que foi justamente isso que esses novos caminhos me permitiram. Que foi esses óculos significam novos olhares, então, não olhar para o outro e para o curso também. A Bagunça Gomelada! Eu acho que a Bagunça Gomelada seria o coletivo, seria um construir juntos, o pensar juntos, o ser você, mas não deixar que o seu eu possa tá cobrindo outro, ele possa tá rebaixando o próximo. As relações Bagunça Gomelada com a formação 0015 que elas possuem são que, eu acho que seria o pensar diferente, o pensar fora da caixinha, então, é isso que elas possuem igual. As experiências do lugar de afecção 0015 da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. As experiências positivas? Foi justamente isso que eu coloquei, que, no meio desse caminho, cada pontinho desse significa um caminho, toda vez que eu pensava no meio do caminho que eu encontrei, então, essas experiências, eu acho que seria justamente a insegurança, o medo, o medo do pensar diferente de ter uma nova experiência, que foi o que nós tivemos com a Bagunça Gomelada. Os impedimentos de pensar a Bagunça Gomelada nesse lugar 0015, eu acho que seria, justamente, porque o 0015 ainda é um lugar muito tradicional e a Bagunça Gomelada já é mais contato, já é mais o outro já é um pensar no próximo. O 0015 ainda está meio em construção ainda

está começando a se encontrar. Os encontros seriam as novas amizades. Os atalhos são, muitas vezes, o que nós fazemos todos os dias para chegar a determinado lugar e, nesse atalho, você acaba tendo uma nova experiência, conhecendo uma nova pessoa. Muitas vezes, por exemplo, de tá saindo um pouco do CCE e tá indo para Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL), então, seria um atalho para o novo caminho, para conhecer novas pessoas e ter essas novas relações. Os saberes do lugar de afecção 0015 na Formação em Pedagogia com relação da Bagunça Gomelada eu acho, que os saberes seriam justamente por essa pela troca de conhecimento com outro. Que esses saberes seriam construídos, então, através da troca e das novas experiências, esses saberes vão sendo adquiridos.

COPESQUISADORA CAROL

LUGAR RECARREGAR DO/PARA CAMINHAR DA FORMAÇÃO NA RELAÇÃO COM A BAGUNÇA GOMELADA



Figura 29 – Produção plástica III, Copesquisadora Carol

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2018.

RELATO ORAL

COPESQUISADORA CAROL

Meu nome é Carol. O nome que eu dei para meu lugar de afecção foi Recarregar do/para caminhar. Depois é que eu fui perceber que escolhi somente três fotos, eu fiquei na dúvida, no início, de quais fotos escolher, porque tinha lá umas fotos que eu tinha tirado também, tinha outras que não eram minhas, então, só peguei três que tinha tirado. Posteriormente, é que fui perceber, quando estava montando, que são lugares que eu utilizo para recarregar. Que é a cabine de estudos da Biblioteca Central, o café da tia do CCHL e a barraca da tia Neide do anexo, são três lugares que, depois, eu fui perceber que são os lugares que uso para recarregar, o lugar que eu uso para descansar, para conversar, para sorrir, então, por isso, que eu coloquei esse nome. Eu, primeiramente, pensei nos lugares de afecções, são lugares que afetam, são lugares que me tocam e são os três lugares, eu tirei as fotos pensando assim nos lugares que mais amo, nos lugares, assim, todos os dias, porque dois desses três lugares são os lugares que todos os dias eu vou, que eu permaneço por alguns minutos. E, antes de tirar as fotos, eu pensei muito nos lugares do início do curso, que eu entrei em 2015, e nos lugares que eu mais percorri de 2015 até aqui. São lugares, assim, que me marcaram muito, porque, no início, eu tive que me esforçar para eu tentar, e no ritmo do curso, que era bem diferente do meu ensino médio, tinha que me adequar ao que meus professores exigiam, as discussões em sala, que eu precisava estudar bem antes, para quando eu chegar na sala, eu estar mais um pouco preparada. Então, eu pensei muito nas minhas dificuldades de início, nos lugares que usava para estudar, porque, antes, eu passava o dia todo aqui. Então, eu fui tirar essas fotos, e, antes disso, eu pensei nos lugares que eu mais utilizava, que eu mais permanecia. Na viagem imaginária, eu me imaginei com essa roupa, e, de início, eu me imaginei que, nesse corredor da 423, e eu pensei na sala 423, que foi a minha primeira sala do curso. E foi uma sala que eu apresentei os primeiros seminários, foi a sala que eu fiz amigos, a Wendy é uma das minhas amigas do início. E eu me imaginei na praça de alimentação do CCHL, depois eu fui à tia do café do CCHL, depois eu voltei, passei por um corredor daqui do OBJUVE e depois eu fui para a barraca tia Neide. Esse foi o percurso que eu fiz. Montar um só lugar de afecção, de desmontar e montar esse lugar, de início, fiquei imaginando, porque quando falou que era para montar, já de imediato eu pensei, tem que rasgar. Então, eu comecei a rasgar, não tive dificuldade para fazer isso, e eu fui rasgando da maneira que desse para eu montar. Então, foi tranquilo. Se o lugar de afecção recarregar do/para caminhar fosse a formação em Pedagogia, com ela seria mais sossegada e teria muito café. E seria muito, muito alegre, porque quando eu chego à barraca da tia Neide, ela começa muito a sorrir, porque as coisas que ela conta são extraordinárias, muito engraçadas. E eu me sento ali, e me sinto como se eu tivesse em casa, porque eu não só partilho coisas aqui do curso, porque ela sempre pergunta como a gente está. Mas ela pergunta muito sobre a nossa vida, porque ela pergunta: Como é que está? Onde você está morando agora? Então, eu acho que seria esse espaço mais do sossego, da alegria, do acolher e de muito café, que é uma das coisas que mais gosto de fazer para poder me manter em pé. A formação-recarregar-do/para-caminhar é difícil. É uma formação, eu acho, que mais que tem um peso um pouco menor, menor de modo que eu consiga levar com mais facilidade. Porque, se fosse somente com a rotina de estudos aqui na Universidade, eu acho que já tinha desistido. Se não fossem esses espaços, assim, de afecções que eu tenho aqui na Universidade, acho que de 2015 para cá, eu já tinha saído. Então, a formação, ela seria menos pesada, ela seria, assim, mais sossegada e constituída de momentos mais tranquilos, não só de momentos que a gente está sob pressão, de momentos de datas para trabalhos que você tem que entregar, de seminários que, às vezes, você tem que estudar em cima da hora, porque não deu tempo de você estudar antes. Então, seria, assim, uma formação, assim, um pouco mais tranquila do que eu tenho hoje na Pedagogia. A relação do lugar de afecção, Recarregar, do/para Caminhar na relação com a Bagunça Gomelada. A relação que eles têm é porque como a Bagunça Gomelada é alegria que a gente registrou ontem. É essa relação justamente de eu chegar nesses lugares e eu me sentir bem, às vezes de me encontrar, de conversar, de descansar, então, a Bagunça Gomelada, como a gente tinha feito antes de forma coletiva, e essa relação que ela deu com esses espaços que eu escolhi são justamente essa característica de eu me sentir bem, de eu me sentir à vontade. Os impedimentos para pensar na Bagunça Gomelada nesse

lugar de Recarregar do/para Caminhar, primeiramente, a rotina, que é cansativa, o tempo que, às vezes, é muito corrido. O meu próprio eu, porque, de início, eu era muito fechada para a opinião de outras pessoas, com o tempo, foi que eu fui me abrindo, eu aprendi a ouvir mais e enxergar mais, a escutar até mais do que falar. Então, às vezes, até o que me impede e me impedia é eu mesmo. As experiências do lugar de afeção Recarregar do/para Caminhar da Formação em Pedagogia com a Bagunça Gomelada são as oportunidades, assim, que eu tenho para pensar mais as dificuldades que eu tenho, para conversar mais com novas pessoas, porque são lugares que, por exemplo, a Biblioteca, a banca tia do café, da tia Neide, são lugares que várias pessoas frequentam. Então, muitas das vezes, eu tenho a oportunidade de conhecer novas pessoas, de escutar mais o que elas têm a falar sobre acontecimentos e coisas que estão acontecendo no hoje. É justamente essas experiências que eu tenho de conhecer novas pessoas, de partilhar, de contar mais sobre minha vida. Os encontros e os atalhos desse caminho desse lugar. Atalhos, que tu fala, é no sentindo atalho mesmo, os caminhos? Os caminhos que eu sempre percorro para esses lugares, para a tia do café saindo das salas e percorrendo esses corredores aqui do CCE para poder chegar lá, passando pelo anexo do CCHL. Raramente uso atalho e eu costumo sempre pegar os mesmos caminhos que eu percorro todos os dias. Os saberes desses lugares de afeção da Formação em Pedagogia em relação com a Bagunça Gomelada é o saber partilhar, saber conversar, não sei se eu estou fugindo muito. E, acho que é isso, saber partilhar e saber conversar, e saber estar aberto para novas coisas.

Após os relatos individuais, momento coletivo da produção dos dados, pedi para o grupo realizar a conexão dos lugares criados no mapa do CCE, destacando os caminhos, as bifurcações – lugares de encontros entre eles. Destacaram as rotas das conexões entre os saberes, as experiências da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. Logo depois, pedi para eles apresentarem suas legendas e as rotas dos lugares da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. A seguir, o mapa das conexões com as respectivas legendas.

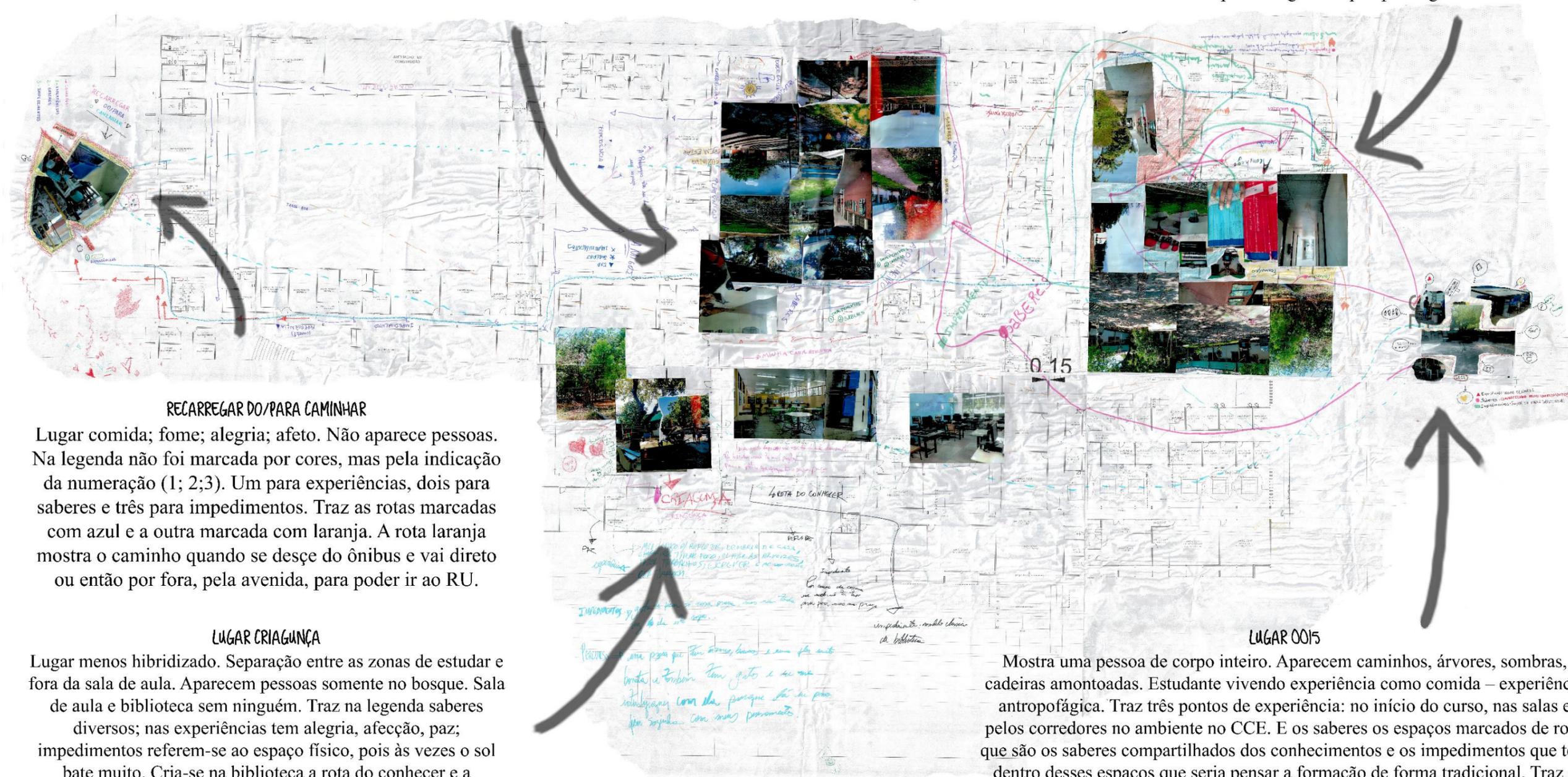
LUGAR ACOLHIMENTO

Apresenta lugares da formação em espaços de sociabilidade com corredores de ligação, banco de praça, gramas, grafites, pichações nas paredes e placas de formatura. Na legenda traz a experiência como locais saberes, porque existe uma troca de interação entre as pessoas. Os impedimentos são o medo do desconhecido, do novo. As rotas desse lugar se encontraram com a rota do Lugar **Aconhego, 0015** e do Lugar **Recarregar do/para caminhar**. A rosa é a rota do conhecimento, a vermelha é da curiosidade e a rota lilás não tem nome. A rota rosa e a vermelha chamam-se Rota da curiosidade de conhecer novos locais.

LUGAR ACONCHEGO

Neste lugar as pessoas não são vistas de frente. A formação acontece dentro e fora da sala de aula, pois ela acontece em bancos, pátios, árvores, corredores e ao mesmo tempo com livros e cadeiras.

Traz uma legenda da esperança ou da experiência que é o encontro, o amor, a esperança, o reencontro, a amizade; os impedimentos são: medo, insegurança; e os saberes: aprendizado, conhecimento e experiência também. A rota desse lugar não tem nome, mas é conectada, uma ideia de teia, porque ela tem acesso de todas as formas por vários pontos e ela se entrelaça nas outras rotas, encontra e reencontra. Com essa rota se pode chegar em qualquer lugar.



RECARREGAR DO/PARA CAMINHAR

Lugar comida; fome; alegria; afeto. Não aparece pessoas. Na legenda não foi marcada por cores, mas pela indicação da numeração (1; 2;3). Um para experiências, dois para saberes e três para impedimentos. Traz as rotas marcadas com azul e a outra marcada com laranja. A rota laranja mostra o caminho quando se desce do ônibus e vai direto ou então por fora, pela avenida, para poder ir ao RU.

LUGAR CRIAGUNÇA

Lugar menos hibridizado. Separação entre as zonas de estudar e fora da sala de aula. Aparecem pessoas somente no bosque. Sala de aula e biblioteca sem ninguém. Traz na legenda saberes diversos; nas experiências tem alegria, afecção, paz; impedimentos referem-se ao espaço físico, pois às vezes o sol bate muito. Cria-se na biblioteca a rota do conhecer e a experiência da leitura. Traz a rota verde que cruza com rota a rosa e essa outra verde claro para o espaço Lugar **Aconhego**.

LUGAR 0015

Mostra uma pessoa de corpo inteiro. Aparecem caminhos, árvores, sombras, cadeiras amontoadas. Estudante vivendo experiência como comida – experiência antropofágica. Traz três pontos de experiência: no início do curso, nas salas e pelos corredores no ambiente no CCE. E os saberes os espaços marcados de rosa que são os saberes compartilhados dos conhecimentos e os impedimentos que ter dentro desses espaços que seria pensar a formação de forma tradicional. Traz a Rota dos rumores que cruza com a rota azul do Lugar **Recarregar do/para Caminhar**, do Lugar **Acolhimento** e com a do Lugar **Aconhego**.

4.3 Análises da técnica Lugares de Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada: plástica e classificatória

Após realizar a técnica, me detive na análise das imagens, pois esse é o próximo passo depois da produção dos dados. Observo que fiz esse momento antes da transcrição dos relatos orais para não me contaminar com eles, pois, ao transcrever, imergimos nos dados. E o objetivo desse olhar sobre as imagens produzidas “[...] é descobrir, mediante leitura intuitiva, o que os próprios desenhos/figuras [...] nos comunicam. Geralmente este exercício é difícil para nós acadêmicos, de tão contaminados que estamos pela linguagem escrita [e oral]!” (PETIT, 2013, p. 12 *apud* SOUSA, 2013, p. 80).

Com isso, no dia 11 de outubro de 2018, estendi o mapa sob o chão da sala do meu apartamento e iniciei o processo de análise, olhei o mapa por inteiro, ora mais perto, ora mais distante, procurando identificar diferenças e semelhanças. Fiz algumas anotações sobre aquilo que via no primeiro até o último olhar. Esse momento foi muito difícil, pois o mapa é muito grande e está permeado de informações e, assim, procurei sentir o mapa percebendo os atravessamentos que as suas informações provocavam em mim, tendo em vista o tema-gerador. A partir do que me toca, fui inspirada a escrever um conto policial intitulado **Operação lugares suspeitos na Formação em Pedagogia.**

Operação lugares suspeitos na Formação em Pedagogia

Sexta-feira, 19 de abril de 2018. Às 14h e 16 minutos, a polícia universitária foi comunicada sobre a criação de cinco lugares suspeitos no mapa da Universidade. Imediatamente, o delegado acionou reforços para fazer a verificação da denúncia. Para tanto, antes de sair do departamento de polícia, solicitou que a prefeitura universitária liberasse o mapa do *campus* para eles mapearem o local e localizar os lugares suspeitos. Mas os lugares suspeitos não estavam inseridos no mapa e, de repente, o delegado decidiu que deveriam fazer uma busca em todo o território do *campus*. Eles andaram muito e, ao chegarem ao CCE, depararam-se com um elemento muito suspeito, que se chama Bagunça Gomelada. Bagunça Gomelada era o mago da Pedagogia. O delegado achou muito estranho e não acreditou que teria um mago naquele lugar, pois não acreditava em magia. Para ele, tudo deve ser verificado e examinado com dados consistentes. Eis que o mago explica a eles que aquele centro era um lugar mágico e que eles deveriam se preparar para vivenciar experiências inesperadas. O primeiro lugar apresentado pelo mago foi o **Lugar Criagunça**, é lugar aberto e fechado, tem bosque encantado, praça imã, biblioteca casa e máquina informática do tempo. Não existem pessoas nesse lugar, exceto no bosque encantado, pois apenas nesse lugar é permitida a presença humana. Continuaram caminhando e chegaram ao **Lugar Recarregar do/para o Caminhar**, o mago foi logo avisando ao delegado e aos seus companheiros que, para entrar nesse lugar, é preciso sentar, sentir o cheiro e o gosto do café da tia Neide (feiticeira antiga dos corredores

do centro que tem o poder de encantar as pessoas com o sua conversa sobre a vida). Esse é lugar-comida, alegria e afeto recarregam a formação. Ao passar pelos corredores, os jovens são atraídos pelo cheiro do café e pelo papo encantado, assim, ao entrar nesse lugar, só se consegue sair depois de recarregar. O terceiro lugar apresentado foi o **Lugar Acolhimento**, que é lugar mágico. Ao chegar nesse lugar, as pessoas são tocadas pela magia, possui muitos lugares encantados, cheios de armadilhas com entradas e saídas invisíveis. Com isso, a bruxa Sala de aula prende os alunos e não os deixa sair dos espaços da Formação em Pedagogia. O quarto lugar apresentado foi o **Lugar 0015**, é lugar de corpo inteiro, cheio de caminhos labirínticos, plantas carnívoras, sombras, cadeiras amontoadas, com isso, esse lugar afasta a Pedagogia do ensino tradicional. O último lugar apresentado pelo mago foi o **Lugar Aconchego**, é lugar corredor de ligação deslizante, banco de praça, gramas, grafites, pichações nas paredes e placas de formatura movediças. Seu poder é criar conexões entre as pessoas, assim, para entrar nesse lugar, as pessoas precisam se ligar umas às outras. No final das apresentações, o delegado ficou assustado e alguns de seus companheiros não conseguiram permanecer no centro até o final da verificação. O delegado tomou sua decisão: convocou seus companheiros para prender todos os locais de Formação com a Bagunça Gomelada, pois verificou que eram lugares perigosos. Assim, acionou vários homens para enquadrar os lugares, mas, de repente, num passe de mágica, os lugares desapareceram dos locais que estavam, pois não é possível enquadrar esses lugares da Formação com a Bagunça Gomelada. Tratam-se de lugares movediços, dissolventes. O delegado retornou à delegacia para entender o que tinha se passado naquele lugar mágico.

Como não houve contra-análise para contraposição dos discentes em relação ao texto imaginário, essa análise das imagens serviu para a aproximação com o material produzido e me levou a uma intimidade com os dados, abrindo minha percepção para os relatos orais e a análise desse material.

A análise classificatória da técnica de produção dos relatos orais **Lugares de Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada**, para mim, foi o momento mais desafiador da pesquisa devido à complexidade e à diversidade do pensamento do grupo nos dados produzidos. Além disso, contava com pouquíssimo tempo para realizar essa etapa. Faz-se necessário que o pesquisador possa observar atentamente os dados produzidos, pois, para Gauthier (2012, p. 92):

Eis o ponto mais delicado e difícil. Se a Sociopoética é prazerosa e lúdica, ela também exige muito, pois a diversidade e complexidade dos dados criados geralmente superam aquilo que se encontra com técnicas mais convencionais. Os facilitadores não produzem dados. Seu papel é de cuidar do dispositivo de pesquisa (favorecer a implantação do grupo-pesquisador, ser guardiãs do tempo, garantir a igualdade no seio do grupo, enfrentar o imprevisto com criatividade etc.) e de fazer o que os demais membros do grupo-pesquisador não tem disponibilidade e/ou competência e/ou interesse de fazer: um estudo atento, rigoroso e preciso, na solidão, de como se organizam os dados da pesquisa.

Como fazemos tal estudo? Primeiramente, realizamos a transcrição cuidadosa dos relatos orais produzidos na oficina de produção dos dados, em seguida, fazemos uma análise classificatória desses relatos. Momento que chamamos de análise por categorização, em que os dados produzidos não são vistos como falas individuais dos copesquisadores, mas como obra de um só Cérebro – grupo-pesquisador, responsável pelo pensamento filosófico na pesquisa (GAUTHIER, 2012). Com isso, em cada relato, as falas foram separadas por categorias identificadas no discurso do grupo. Desse modo, realizei a análise dos relatos orais, separando as frases conforme as ideias e o sentido comum entre elas, que se repetia, o que me permitiu criar a categoria e enumerá-la, sendo que as categorias foram criadas tendo como parâmetro os meus objetivos e as perguntas realizadas no processo de produção dos relatos sobre a experiência e já expostos anteriormente.

Nesse sentido, foram identificadas, no pensamento do grupo-pesquisador, seis categorias:

CATEGORIA I: Conceitos de Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada.

CATEGORIA II: Impedimentos da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada.

CATEGORIA III: As experiências nos locais da Formação que potencializam a Formação na relação com a Bagunça Gomelada.

CATEGORIA IV: Os lugares que potencializam a Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada.

CATEGORIA V: Sentidos do relaxamento.

CATEGORIA VI: Saberes que potencializam a Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada.

Categorias mapeadas, o próximo passo foi organizá-las em quadros contendo as frases selecionadas e enumerá-las sequencialmente em um quadro. Em seguida, foi realizado o cruzamento das ideias no interior de cada categoria, permitindo perceber as complementaridades ao identificar as semelhanças; as divergências entre as ideias que possuem sentidos diferentes; as oposições que apresentam dualidade; ambiguidade identificada quando a mesma ideia possui mais de um sentido, momento que os confetos são produzidos pela facilitadora quando percebe os problemas em torno das metáforas. Nesse sentido, ao misturar-se com os dados produzidos pelo grupo como obra coletiva de um único cérebro, o pesquisador cria os confetos como elemento original do pensamento do grupo-pesquisador.

Em meio às análises classificatórias dos dados, em maio de 2018, fui diagnosticada com Síndrome de *Burnout*, provocada por *stress*, devido à sobrecarga de trabalho e ao estudo, diante da condição de docente do ensino superior no IFPI, *campus* Uruçuí, com jornada de trabalho específica de um profissional docente, sem redução de carga-horária e também como mestranda do PPGEd/UFPI. Dessa forma, precisei intensificar a jornada de estudo para dar conta do trabalho e do mestrado, com as viagens semanais Teresina x Uruçuí x Teresina, trajeto de 480 km (10h de viagem). Ao chegar no mês de dezembro, acometida por uma elevação do meu quadro clínico, os sintomas se agravaram e já não conseguia fazer uma produção de forma rápida, pela condição de trabalhar e estudar em lugares separados por uma distância considerável.

Diante disso, não consegui encontrar o grupo-pesquisador para realizar a contra-análise dos dados. Momento em que se dar a ver ao grupo-pesquisador os resultados dos estudos transversais da análise classificatória dos dados. Os estudos transversais dos dados analisados serão apresentados no capítulo a seguir, no qual realizei a transversalização da análise categórica conectada às outras produções, como diários e os teóricos que abordam o tema-gerador da pesquisa Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomehada.

5 ENTRELAÇANDO LUGARES, EXPERIÊNCIAS E SABERES DA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA NA RELAÇÃO COM A BAGUNÇA GOMELADA

Tecelã

Sinto a textura de cada fio da vida
E vou desvendando a arte de tecer
Cada ponto, cada canto.
O novelo se desenrola
Por vezes frágil
Por vezes ágil
E em cada ponto encontro o gesto

Em cada verso escuto o eco
De minha voz
Dos meus desejos
De gritar pro mundo
Ei, estou aqui!
Vejo que me vê
Escuta-me e descostura
A tua insensatez
Não adianta fugir de mim
Já cheguei
Pus agora meus pés
No "fluxo da vida"
Serei, eu, agora
Em cada fio
Em cada linha
O próprio tecido
Ora escondido
Ora adormecido
Dentro de mim
Mas descobri
Nesse entremear de fios
Que posso acordar meus sonhos
E fazer-me
E (re) fazer-me
Sempre
Afinal, o novelo da vida
Traz consigo
A possibilidade da costura
E da (re) costura
E da ventura e aventura
[...]

(Lina Passos)



Figura 30 – Tecido feito à mão com linha e agulha
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2019.

A tarefa que se inicia agora é a mais minuciosa, pois, como pesquisadora e parte do grupo-pesquisador, dei-me à incumbência de tecer, transversalizando, os fios das análises realizadas sobre o material produzido acerca da Formação de Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. Diante dessa tarefa, é preciso cautela ao cartografar os fios de pensamentos produzidos no decorrer desta pesquisa – acompanhando a complexidade e a heterogeneidade que esse pensamento apresenta para não correr o risco de mostrar uma história única sobre esta Formação.

Além disso, para a Sociopoética, entende-se este pensamento heterogêneo como o de um único pensador, que, entrelaçados os fios aos poucos, cria-se um novelo com múltiplas cores, para dar tecitura transversal às categorias mapeadas e agregadas a outros pensadores da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. No desenrolar do novelo para dar início à tecitura desses estudos, soltei os fios de pensamentos do grupo-pesquisador por lugares, experiências e saberes de Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada, mostrando a variedade de modos de pensá-los.

Com isso, fez-se necessário, nesses estudos, que se conhecesse o perigo por quem de fato o conhece. Chimamanda Adichie (2012) conta, no vídeo “Perigo de uma história única”, algumas histórias pessoais que representam esse perigo. Inicia o vídeo relatando ser uma contadora de histórias. Ela diz ainda que cresceu em um *campus* universitário no leste da Nigéria. Iniciou na leitura aos dois anos de idade, segundo as informações dadas por sua mãe. Foi uma leitora precoce. E o que ela lia? Livros infantis britânicos e americanos. Relata ser também uma escritora precoce, que começou a escrever por volta dos sete anos de idade, e que escrevia exatamente os tipos de histórias que estava habituada a ler. Consequentemente, os seus personagens eram brancos, de olhos azuis e caracterizavam-se por “brincar na neve, comer maçãs e falar muito sobre o tempo”.

Desse modo, relata que nunca havia estado fora da Nigéria, que eles não comiam maçãs, comiam mangas, não falavam sobre o tempo, pois não viam necessidade de fazer isso. Por outro lado, traz que os personagens de suas leituras bebiam muita cerveja de gengibre e mesmo que ela não tivesse a menor ideia do que seria uma cerveja de gengibre, desejou imensamente experimentá-la. Justificando esse fato devido à nossa capacidade de sermos impressionáveis e vulneráveis diante de uma história. A autora traz livros e personagens estrangeiros com os quais ela não poderia se identificar.

Ao conhecer os livros africanos, a sua percepção mudou, descobriu que não existiam muitos deles e que não eram fáceis de ser encontrados tanto quanto os livros estrangeiros, entretanto, graças aos escritores, a exemplo de China Achebe e Camara Laye, a autora

passou por uma mudança na sua percepção acerca da literatura: “eu comecei a escrever coisas sobre as quais eu me reconhecia”. Para ela, os livros africanos a salvaram de ter uma única história.

De família nigeriana convencional, o pai professor; a mãe, administradora, sua família tinha uma empregada doméstica que vinha das aldeias rurais mais próximas. Fala que quando tinha oito anos de idade um garoto chamado Fide foi morar em sua casa. Sobre a família de Fide, “a única coisa que minha mãe nos disse sobre ele foi que sua família era muito pobre”. Descreveu ainda a visita à aldeia do garoto, em que sua mãe mostrou a ela um cesto criado pela família do garoto. Ficou muito surpresa com aquilo que viu na visita à aldeia de Fide, pois argumenta que ouvira apenas que eles eram pobres e teria se tornado impossível para ela vê-los de outra forma. Com isso, a pobreza tornou-se a sua história única sobre eles.

Aos 19 anos, cursou a universidade nos Estados Unidos. Conta sobre os questionamentos de sua colega de quarto: Onde ela teria aprendido a falar inglês tão bem? Se poderia ouvir a sua “música tribal”? Relata ter explicado a ela que a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial, além disso, ficou surpresa quando mostrou sua fita da “Mariah Carey”. Desse modo, além dos questionamentos da colega de quarto, a autora descreve os sentimentos de que “ela sentiu pena de mim antes de ter me visto”. Afirma isso, devido à posição padrão da colega com ela, como uma africana. A sua colega tinha uma única história sobre a África, uma história baseada em catástrofes, de modo que, são negadas as possibilidades de os africanos serem iguais a ela. Nesse sentido, ressalta o fato de crescer na Nigéria e viver nos Estados Unidos como africana para que pudesse perceber como os africanos realmente são e não a partir de única história da África que vem da literatura Ocidental.

Ao mencionar acerca da avaliação do professor sobre o seu romance, Adichie afirma que ele falou que sua obra falhou na sua “autenticidade africana”. Mas o que seria essa “autenticidade africana”? Ela relata que o professor disse que suas personagens são iguais a eles, “dirigem carros, elas não estavam famintas”. Por isso, elas não eram “autenticamente africanas”.

Na viagem ao México, a autora relata uma história acerca da sua percepção sobre os imigrantes que vivem naquela região e a história que se tinha sobre eles antes de adentrar ao país. Ela ficou surpresa ao encontrar essas pessoas em suas atividades rotineiras, com isso, sentiu vergonha, pois menciona que ao estar imersa na cobertura da mídia sobre os mexicanos e sobre o que eles tinham se tornado, para ela, “o imigrante abjeto”. Ela tinha assimilado uma única história sobre os mexicanos e, por isso, estava envergonhada de si mesma.

Para tanto, é importante colocar que é assim que se cria uma história única, quando se mostra um povo como uma coisa, até que, repetidamente, será essa coisa que ele se tornará. Diante disso, ela coloca que é praticamente impossível falar de uma única história sem falar sobre poder, e traz a expressão “*nkali*” que significa “ser maior que o outro”, em que o poder define como, quem, quando e quantas histórias são contadas. Imediatamente, ao fazer uma conexão do poder com a Formação em Pedagogia, ressoa em mim a expressão trazida por Chimamanda que se traduz em “ser maior que o outro”.

Desse modo, como dar passagem à voz dos jovens discentes na Formação em Pedagogia? É preciso ter cuidado com poder e, principalmente, quando ele oprime, aniquila, reprime, exclui o outro. Ser maior que o outro ressoa em mim como um olhar de cima sobre o outro, em que não é possível perceber as possibilidades de potência que emergem dos outros. O olhar por cima faz com que o outro seja apenas outro e não produza aproximações e atravessamentos entre os sujeitos que vivenciam essa formação. Corroborando esse pensamento, o grupo-pesquisador argumenta:



Diário do Grupo-pesquisador, Teresina-PI, 10 de agosto de 2018

Dizem que a cada passo que se dá a gente vai escrevendo a própria história! E, nesses corredores, esses passos parecem decisivos na nossa vida, na nossa formação, daí, vem a sua importância. A caminhada é dura, eu sei, todos os dias vencemos ou perdemos algumas batalhas, mas ficamos de pé para lutar outro dia e, assim sucessivamente, e quando estamos dispostos a caminhar de forma útil, nos importando uns com os outros, principalmente dentro da sala de aula, essa luta se torna mais suave, e não tão dura, às vezes, na correria, na competição em se importar só com o eu, acabamos excluindo aqueles à nossa volta, porque não tivemos o cuidado de olhar direito, de perceber o outro, conhecer o outro e de respeitar as suas diferenças (GRUPO-PESQUISADOR, 2018).

O grupo-pesquisador mostra que, ao escrever sua própria história na formação, é preciso ter atenção para que a caminhada formativa se torne mais leve com a inclusão do outro. Como a Formação em Pedagogia pode criar aproximações entre os sujeitos que a vivenciam? Nas palavras de Larrosa (2004, p. 285), é necessária uma potência da igualdade, em que sua verificação,

[...] não necessita de maestros, nem de pedagogos, nem de líderes, nem de sociólogos, nem de especialistas, nem de políticos. Necessita, isso sim, de seres humanos dispostos a aprender, a pensar, a falar, e a atuar com outros seres humanos. Sem outras intenções. Sem outra legitimidade. Sempre em presença. Sempre horizontalmente. No chão.

Nesse encontro, na horizontalidade do chão, atravessados pelo desejo de aprender com os outros, vamos evitando olhar o ser humano por cima, para não correr o risco de utilizar-se do poder como uma habilidade de contar e fazer da história algo definitivo de uma pessoa. Para tanto, Chimamanda afirma, ainda, que a história única cria estereótipos “e o problema com estereótipos, não é que eles sejam mentira, é que eles são incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história”. Uma única história restringe as possibilidades de contar outras histórias, de conhecer novos caminhos e percepções para conhecê-las e contá-las em meio às diferentes experiências vivenciadas.

Após conhecer os perigos de uma história única, relatados a partir da experiência vivenciada por Adichie, faz-se necessário que eu tenha a compreensão da minha responsabilidade diante da incubência de tecer os fios de pensamentos do grupo-pesquisador transversalizando-os no desenrolar do novelo criado para esta tarefa. Para tanto, no desenrolar desse novelo, mostrou-se a diversidade do pensamento desse grupo, sobre como eles pensam a Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. Uma nova história sobre essa Formação anuncia-se a partir dos fios de pensamento desses jovens discentes. Ao desenrolar os fios do novelo, segue o início da tecedura:



Diário do grupo-pesquisador, Teresina-PI, 7 de dezembro de 2017

Ando com os pés descalços e, com eles, permito-me sentir a intesidade dos caminhos da Formação em Pedagogia que se mostram no meu ato de caminhar pela formação. Por vezes, caminho em chão de barro com areia e água, mas também adentro nas rachaduras de caminhos pedregosos. Ao andar como pesquisadora estrangeira, permito-me, aos poucos, me perder nos espaços da formação. Com isso, às vezes, perco o rumo que tinha destinado para pensar a formação. Ao perder-me, ando por outros caminhos como um estrangeiro sem codificar todos os espaços, porque sinto um andar de olhos fechados e mesmo que os olhos permaneçam abertos, procuro não codificar o espaço pelo primeiro olhar apressado que se apresenta para dar nome às coisas. Observar os lugares da Formação em Pedagogia pela ótica de um estrangeiro me permitiu mapeá-los por meio de uma percepção sensível nas diferentes entradas e saídas dos lugares dessa Formação.



Figura 31 – Ciranda da Invenção no III Encontro Internacional de Sociopoética: sentindo o chão com sons e ecos

Fonte: Acervo do III Encontro Internacional de Sociopoética e Abodagens Afins, 2018.

É sentindo, estranhando e caminhando no chão da Formação em Pedagogia que teço os fios de pensamento do grupo-pesquisador, iniciado por meio da problemática levantada por eles com o confeto **Formação em Pedagogia no quadrado**, aquela que não sai do seu espaço, não entende a diferença.

[...] a Pedagogia não sai do seu espaço, os alunos também não saem desse espaço. É tudo muito fechado, é tudo muito entre as coisas ou entre as mesmas pessoas, a gente não sai, **a gente não se expande**. É muito difícil compreender toda essa diversidade que ocorre na Universidade, fora dela, seja como professor, como gestor, trabalhando em gestão. Para você entender **a diferença, a diversidade, a gente precisa sair do nosso quadrado** e, na Pedagogia, muitas vezes, não ocorre isso, seja por decisão da coordenação ou dos alunos, do corpo docente ou do corpo discente. (GRUPO-PESQUISADOR, 2018, grifos nossos).

Sem sair do quadrado, como entender a diferença, a diversidade em Pedagogia? O grupo argumenta que, por não sair do seu espaço, os discentes e docentes não conhecem toda diversidade da Formação – o aspecto humano e as afecções que acontecem com as pessoas nos lugares dessa Formação. Não há uma expansão, uma abertura, uma passagem na estrutura política e curricular: “a gente não se expande”.

Formosinho (2009) chama a isto de academização da formação docente no ensino superior que é um “[...] processo de construção de uma lógica predominantemente acadêmica numa instituição de formação profissional”. Ao instituir-se nessa lógica, a instituição

permanece num circuito fechado sobre ela, de modo que “[...] corresponde a um encarceramento da academia sobre si, funcionando em circuito fechado, potencializando os seus conflitos, em detrimento da interação com a comunidade para cuja promoção profissional contribui” (FORMOSINHO, 2009, p. 75-77).

Volto ao grupo-pesquisador: “Do que adianta a área ser ampla se o profissional, a pessoa que está se formando, acaba fechada dentro do espaço, do seu quadrado?” Ao analisar a matriz curricular (ANEXO B), como as disciplinas estão contempladas nos nove blocos do Curso e o PPP do Curso de Pedagogia da UFPI (UFPI, 2009), percebo que esses documentos mostram uma área ampla de formação, com atuação desse profissional abrangendo desde a educação infantil, os anos iniciais do ensino fundamental, a formação pedagógica do profissional docente e a gestão educacional, pautada em quatro dimensões:

- 1) Conhecimentos relativos, à reflexão crítica sobre a educação, escola e sociedade;
- 2) Conhecimentos relativos ao exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental;
- 3) Conhecimentos relativos ao exercício da docência na formação pedagógica do profissional docente;
- 4) Conhecimentos relativos à gestão e à organização do trabalho pedagógico na educação formal e não formal. (UFPI, 2009, p. 34).

Ao apresentar estrutura curricular diversificada para atender a amplitude da formação do profissional desse Curso, além dos conhecimentos exigidos na organização curricular, têm-se, ainda, nessa organização, categorias de disciplinas e algumas atividades curriculares complementares. Porém, os jovens discentes falam do seu cotidiano e desconstroem o conceito de formação ampla presente nos documentos oficiais, ao problematizar que, mesmo com uma formação ampla, a Pedagogia funciona em circuito fechado, com limite de contato com o outro e com os lugares de formação. Como romper com o encarceramento da Formação a um lugar específico que limita os seus contornos? É preciso pensar a amplitude de outro modo, a partir das vivências dessa Formação no sentido de que possam sentir, tocar, afetar e ser afetado por meio dos lugares, das experiências e dos saberes que os atravessam na Formação, dar atenção às suas próprias narrativas.

Para mim, isto se fez também importância, fui interpelada: Em meio a um único espaço, pode a Pedagogia ser atravessada por outros espaços de formação? Como os discentes habitam os lugares de Formação em Pedagogia? Quais as suas experiências, e saberes de Formação? O discente, ao vivenciar a Formação em Pedagogia, é tocado pelos lugares e pelas experiências, produzindo saberes que são montados e desmontados. Este movimento os leva a

perderem-se pelos caminhos para encontrar novos lugares, outros modos de pensar, de viver a Formação. Pois,

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante *investir a pessoa* e dar um estatuto ao *saber da experiência*. (NÓVOA *et al.*, 1992, p. 25, grifo nosso).

É importante perceber: Como fazer experiências nos lugares de formação em Pedagogia? Os jovens discentes agarram o que os alcança, surpreendendo com lugares de formação inusitados, indicando que “[...] quando falamos de ‘fazer’ uma experiência, isto não significa exatamente que nós a façamos acontecer, ‘fazer’ significa aqui: sofrer, padecer, agarrar o que nos alcança receptivamente, aceitar, na medida em que nos submetemos a isso” (LARROSA, 2016, p. 99).

“Agarrar o que nos alcança receptivamente”. O grupo-pesquisador nos atravessa ao viver a **Formação em Pedagogia no quadrado** e a academização como problema: recebe o que os faz frágeis, apontando modos de vivê-la na invenção de si e de mundos. Acolhe a **Formação em Pedagogia no quadrado** e cria, em oposição, o confeto de **Formação-acolhimento em Pedagogia**, que é a formação em que dentro do acolhimento há Bagunça Gomelada. Nela, acolhe-se pessoas diferentes que se vê e não se conhece, mas que são importantes. Não são sentimentos, são subjetividades diferentes: pessoas-bagunça-gomelada – marcadores constantes nos locais da formação-acolhimento. É formação grande, alta e de braços bem largos para abraçar pessoas-bagunça-gomelada de uma forma confortável de não só acolher, mas ajudar as pessoas a se sentirem dentro do todo. Não se sentirem sozinhas ou se sentirem sozinhas, não é algo ruim, pois é bom para pensar e refletir.

O confeto realça que é por dentro da **Formação-acolhimento em Pedagogia** que há Bagunça Gomelada. E que é um corpo grande, alto, com braços largos para acolher e inserir os diferentes e, só foi possível de ser pensada na relação com a Bagunça Gomelada. Uma formação-corpo acolhedor das **pessoas-bagunça-gomelada!** Nessa formação, a solidão não é negativa, porque ser sozinho é necessário nos momentos de reflexão. E se sentirem sozinhas terá quem as acolha!

Segundo o grupo-pesquisador, um dos pontos da formação-acolhimento é quando se entra no curso de Pedagogia se vive a **experiência antropofágica**. Essa experiência acontece no **Lugar 0015 da formação** que “Mostra uma pessoa de corpo inteiro. Aparecem caminhos, árvores, sombras, cadeiras amontoadas. Estudante vivendo experiência como comida –

experiência antropofágica” (GRUPO-PESQUISADOR, 2018). Essa experiência é vivida na UFPI-cidade aos tropeços, confusa, sem pertencimento ao lugar e as pessoas. No diário, há a expressão dessa experiência na Formação:

Diário do grupo-pesquisador, Teresina-PI, 10 de agosto de 2018

Foi muito confuso, não conhecia nada e ninguém, tudo era muito novo, a UFPI era muito grande, parecia uma cidade, cheguei um pouco tarde, quase um mês que as aulas tinham começado, tive que pegar tudo muito rápido, **me senti como se estivesse sendo atropelada**, com tudo aquilo, os assuntos, as disciplinas, tudo muito novo e diferente, um mundo novo, **ficava me questionando se eu pertencia àquele lugar, me sentia perdida**, fiz muitos amigos que, hoje, considero como parte da minha família, percebi que todos tinham suas dificuldades, **muito dos professores que nos receberam foram o diferencial nesses momentos**, muitos foram atenciosos, nos entendiam, muitos deles fizeram que nos sentíssemos acolhidos, isso faz a diferença, principalmente em dias difíceis, o ensino superior não tem comparação com o ensino médio, fica uma grande lacuna, nós, alunos, principalmente de escolas públicas, não somos preparados para o ensino superior, mas, com o tempo, é que vamos pegando o ritmo de tudo (GRUPO-PESQUISADOR, 2018, grifo nosso).

“Ficava me questionando se eu pertencia àquele lugar, me sentia perdida”.

Assertiva que conduz a pensar sobre o pertencimento deste discente, o reconhecimento, a valorização e os cuidados que se deve ter com aquele que inicia. Como habitar a Formação e como a Formação habita em cada um que constitui? A experiência de viver o curso no início, há zonas de desterritório intensivas que geram insegurança e sentimentos de estar perdida. Interessante, que é no meio do caminho da Formação que o grupo pensa o início, com o confeto **Formação-0015-pontinho em Pedagogia**, é o pontinho que se pensa no meio do caminho, onde se encontram as experiências do início do curso, desde o nome do lugar 0015, ano que se entra na Formação, quais sejam: insegurança, solidão, medo do pensar diferente, de ter uma nova experiência com a Bagunça Gomelada. Esse pontinho, por exemplo, são lugares-fotografar da formação que faz lembrar, pensar em cada espaço, em cada experiência de achar que vão ser mil maravilhas, mas não vão.

De modo diferente ao apresentado pelo confeto **Formação-0015-pontinho em Pedagogia**, as experiências do início do curso tornam-se lugares de afecções destacados pelo confeto **Experiências-atalhos-bifurcações-formação em Pedagogia**. São lugares que, no início do curso, tornam-se locais especiais, de encontro, de reencontro, de aprendizagem, de formação, em que se conquista e conhece pessoas, amigos e professores. É a experiência em que a pessoa não é mais a mesma do início do curso, cresce aos poucos, e a todo o momento se recompõe, juntando e reconstruindo, todo tempo, no pedacinho de cada um que entra em

contato. Preenche-se com as amígdalas e os momentos que vive, tanto os alegres como os tristes, senão, a formação fica aquela coisa parada, estagnada.

Com isso, percebe-se que o grupo-pesquisador pensa de forma diversa as experiências de início do curso de Pedagogia. O diário a seguir apresenta as experiências dos discentes no início da Formação em Pedagogia:

Diário do grupo-pesquisador, Teresina-PI, 10 de agosto de 2018

Bom, inicialmente, eu pensava em outro curso na área de exatas, só que, na UFPI, os cursos são integrais e escolhi Pedagogia, mas é engraçado que, quando iniciou o curso, quando fui conhecendo as disciplinas, tudo, todo o aprendizado, acho que foi a Pedagogia mesmo que me escolheu, porque o aprendizado que a gente tem na Pedagogia não é só na sala de aula, é para a vida mesmo. A gente com cada ensinamento, com cada vivência aqui dentro da UFPI com os colegas, com os professores é um aprendizado mesmo para a vida. Acho que cresci mais um pouco como ser humano, como estudante, como um membro da minha família, porque, assim, não transforma só a gente aqui dentro da UFPI na sala de aula, transforma a gente aqui na vida. E o professor, ele tem esse papel, assim, importante, de realizar e fazer e de mudança. Quando ele consegue fazer a mudança, pelo menos numa vida de um ser humano, eu acho que isso aí não tem preço (GRUPO-PESQUISADOR, 2018).

Diante disso, o diário mostra a transformação do grupo ao vivenciar a Formação em Pedagogia, diferenciando as percepções entre o início e o meio da formação. As **Experiências-atalhos-bifurcações-formação**, de modo complementar às experiências do **Acolhimento-recarregar-do/para-caminhar-formação em Pedagogia Gomelada**, são vividas nos lugares que mais se percorre na Universidade, desde que se entra, e várias pessoas frequentam. São lugares constantes na Formação que tocam e atravessam; que se ama e todos os dias se vai e permanece por alguns minutos. É onde se interage com as pessoas, se faz amígdalas, outras coisas também. Dentro desses lugares, o mais importante é que tem uma carga emocional muito grande.

São diferentes locais que os potencializam na Formação fora da sala de aula, tais como: 1. **UFPI-Casa-Formação em Pedagogia** é lugar aconchegado, segunda casa, qualquer um pode chegar, se sentir mais à vontade, tem um pouquinho de si e dos espaços que frequenta. Isso é uma forma de tornar o espaço mais alegre; 2. **0015-Formação bagunça-gomelada de ligação** é lugar-meio em que todo dia se está. É entrada de ligação para novos caminhos e lugares da Formação em Pedagogia que, apesar de estarem separados, são uma coisa só e ligados na Universidade; 3. **Afecção-biblioteca-Formação em Pedagogia** é o início do caminho, é o lugar da Formação que afeta pelas amígdalas e pelas novas ideias que

vão surgindo na entrada do curso de Pedagogia. É o momento em se iniciam os saberes, as experiências, os contatos, as amizades da Formação em Pedagogia.

Esses confetos mostram a importância desses lugares para a formação dos jovens discentes do curso de Pedagogia, compartilho o diário produzido pelo grupo sobre a necessidade que eles têm de encontrar lugares de afecção no espaço da Universidade.

Diário do grupo-pesquisador, Teresina-PI, 10 de agosto de 2018

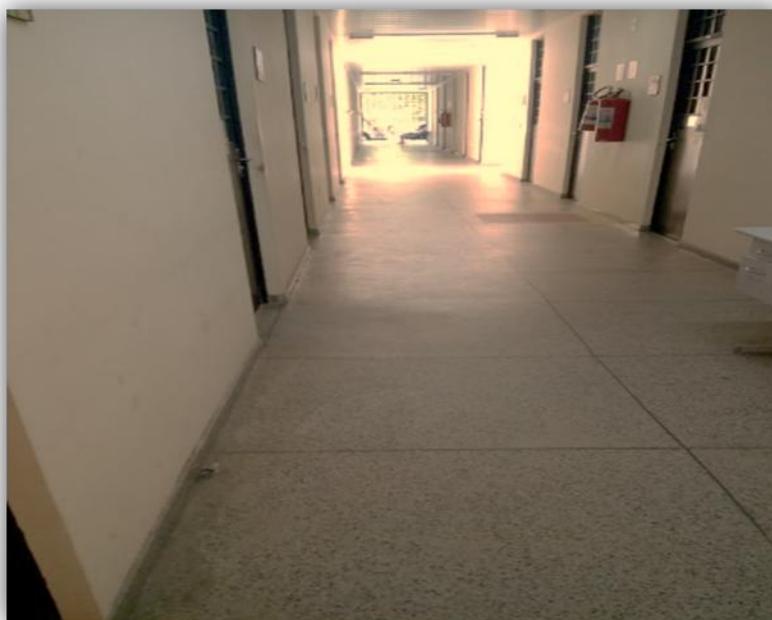


Figura 32 – Corredor-Canto do PPGEd/UFPI
Fonte: Grupo-pesquisador, arquivo pessoal, 2018.

Esse espaço era quando estava procurando um lugar pra mim e parece que esse lugar não existia, parece que eu não tinha esse direito de ter um lugar nessa imensidão da UFPI, os corredores se parecem mais com labirintos, sem cor e vida, era como se fosse invisível, e, às vezes, era bom ser assim, sem precisar falar, o silêncio incomodou e, apesar da dor, eu aprendi a transformar o que era dor em algo positivo, pois, em meio à calma e ao silêncio, se aprende a ouvir de uma forma não vista e ao aprender a ouvir se aprende até com as palavras não ditas, (GRUPO-PESQUISADOR, 2018).

“Parece que eu não tinha esse direito de ter um lugar nessa imensidão da UFPI”.

Esta afirmativa nos leva a refletir ainda sobre o pertencimento do discente à UFPI e fala da importância da conexão entre os jovens discentes e os lugares na Formação, pois, ao se conectarem aos lugares, os discentes aprendem a “transformar o que era dor em algo

positivo”, precisa-se de lugar-bagunça-alegria na formação inicial em Pedagogia que, muitas vezes, não se tem: **Formação-0015 Bagunça Gomelada** é isto!

Seguem alguns lugares-bagunça-alegria apresentados pelo grupo-pesquisador:



Diário do grupo-pesquisador, Teresina-PI, 12 de agosto de 2018

A **Praça de Alimentação** (ANEXO CCHL) é também outro lugar, outro espaço de afecção, pois nesse lugar, também barulhento, que aos sábados é vazio, lugar que serve de espaço para brechó (venda de peças e/ou objetos utilizados), para encontros e reencontros, espaço para alimentar-se, conversar, fazer novos amigos e estudar. Sim! Ela serve para isso também, pode acreditar! Outro lugar que jamais eu poderia deixar de citar é a **Barraca da tia Neide** (a famosa Barraca da Crise), que já fica entre o final do CCE e o prédio dos cursos de Letras Libras e Direito. Ah, esse lugar conheci por acaso. Indo rumo à Biblioteca Central e adivinha o que me atraiu? O preço dos lanches, a simpatia e a humildade de uma pessoa maravilhosa, tia Neide, mulher pobre, negra, cheia de força e mais bagunceira (no sentido bom da palavra). Tia Neide, para mim, é uma tia mesmo, porque conversamos sobre nossas vidas (sonhos, realizações, conquistas, momentos difíceis). Detalhe: nunca fiquei com fome mesmo sem dinheiro com a tia Neide por perto. Ela não é só tia para alguns, não, ela também é mãe. Foi e ainda é na Barraca da tia Neide em que mais solto gargalhadas, porque lá é um lócus de alegria e divertimentos. (GRUPO-PESQUISADOR, 2018, grifos nossos).

Os lugares-bagunça-alegria aliados à **experiência antropofágica** “uma pessoa de corpo inteiro [...] caminhos, árvores, sombras, cadeiras amontoadas [...] vivendo experiência como comida” alimentam os jovens discentes na Formação em Pedagogia ao trazerem na bagunça gomelada desses lugares o ânimo necessário para viver a formação de outra forma, com alegria e acolhimento. E, conectados à **Formação-acolhimento em Pedagogia**, a formação desliza e alcança **pessoas conhecidas e desconhecidas e as percebem como marcadores que saem e entram** em diferentes lugares, escorregando nas fronteiras do instituído e percebendo a diversidade que a formação agrega.

Os lugares-bagunça-alegria da formação-acolhimento rompem com o encarceramento da formação a um lugar específico que a limita do contato com o outro. Nesse movimento do acolhimento às pessoas-bagunça-gomelada, a **Formação em Pedagogia-Bagunça-Gomelada** acontece no espaço-acolhimento da Universidade e é inteiramente preenchido, sem encaixes, pois é normal haver diferenças que não se encaixam, é uma bagunça e é importante respeitar essa bagunça, essa diferença que acolhe, junta. Essa diferença liga um campo a outro, os alunos e as pessoas mais aos outros dentro dos espaços. A alegria se constitui dessa forma: se pode ficar sozinho, mas compartilhando tanto o espaço da Universidade quanto da Formação como um todo.

Desse modo, **Formação em Pedagogia-Bagunça-Gomelada** apresenta espaço-acolhimento preenchido pelas diferenças que são acolhidas que ligam os diferentes espaços dessa Formação. Essa ligação não acontece pelo encaixe perfeito, pois não se trata de um quebra-cabeças com peças demarcadas, mas de uma bagunça. E, enquanto bagunça, a alegria acontece no compartilhamento dos espaços da Universidade, bem como da Formação em Pedagogia, em que se pode até ficar sozinho, mas é preciso compartilhar esses espaços.

Formação em Pedagogia-Bagunça-Gomelada, compartilhada, nos faz aspirar “[...] a momentos de alegria, explosões de alegria num contexto que oscila entre o difícil e o atroz, [...] que ‘compreendam’ angústia e dor, que ‘co-nasçam’ entre a angústia e a dor” (SNYDERS, 1993, p. 46). Aspiro ainda uma formação que sinta, toque e seja diferença, evitando a separação e a exclusão por blocos de classificação entre bons e maus, aptos e inaptos. Reivindicamos, por meio da alegria na formação e do encontro das diferenças que, enquanto educadores, possamos nos afastar ou até mesmo perceber a sinuosidade silenciosa de como nos embrutecemos na formação “[...] a Pedagogia *embrutece*, quer dizer, ensina e faz aprender (constitui-se como uma teoria e uma prática de ensino e de aprendizagem), mas produzindo e reproduzindo, nessas mesmas operações, tanto a distância no saber quanto a desigualdade das inteligências” (RANCIÈRE *apud* LARROSA, 2004, p. 275, grifos do autor).

Essa Formação em Pedagogia-acolhimento-Bagunça Gomelada é um entre, localizada em espaços de passagem, de socialidades-fronteira, “com corredores de ligação, banco de praça, gramas, grafites, pichações nas paredes e placas de formatura. Na legenda traz a experiência como locais e saberes, porque existe uma troca de interação entre as pessoas” e, por isso, se encontra com subjetividades diferentes, **pessoas-bagunça-gomelada!**

Diário do grupo-pesquisador, Teresina-PI, 15 de junho de 2016

Certa vez, fui interpelada por um professor da UFPI sobre o meu lugar enquanto pesquisadora da Formação em Pedagogia na relação com a alegria e, sobre esse lugar, iniciamos uma longa conversa. Imediatamente, concordamos qual seria o meu lugar e afirmamos “o espaço entre” da formação como o espaço que a alegria habita na formação. Isso me levou a pensar sobre os entrelugares da formação em Pedagogia, desse modo, a Formação em Pedagogia na relação com a alegria não está no centro dessa formação, mas se localiza nas margens, nas fronteiras, nas dobras. Por isso, questiono: que pode a Formação em Pedagogia nesse lugar fronteiro? Ao finalizarmos a longa conversa, fiquei a pensar nesse lugar e nas implicações, nos problemas e nas potencialidades que ele provoca na Formação em Pedagogia na UFPI (GRUPO-PESQUISADOR, 2018).



Diário do grupo-pesquisador, Teresina-PI, 10 de agosto de 2018

[...] a UFPI é um lugar que trilha meu caminho todos os dias, nela penso sobre meu futuro, porque ela nos oportuniza isso e significa também uma ponte de encontro com as pessoas diferentes (professores, alunos, funcionários, etc). Eu penso que a Universidade é onde reúne todo tipo de gente e isso é bom, porque as pessoas é que fazem a diferença em um lugar (GRUPO-PESQUISADOR, 2018).

Nesse contexto, consigo perceber a transformação da formação-corpo do grupo-pesquisador nos lugares de fronteira que rompe com um único lugar de formação. Há a produção de pessoas-bagunça-gomelada que deslizam, produzindo um corpo guerreiro, nômade, que explora inúmeros lugares, escapando da centralidade de uma Formação reduzida e forçada no quadrado da Pedagogia. O confeto **Formação-acolhimento em Pedagogia** anuncia, a meu ver, uma Formação menor, mas não no sentido minoritário. Trata-se aqui sobre o que uma minoria faz numa língua maior ao inventar outra Formação em Pedagogia no interior do instituído, fazendo “[...] com que as raízes aflorem e flutuem, escapando dessa territorialidade forçada. Ela nos remete a buscas, a novos encontros e fugas” (GALLO, 2003, p. 76).

Isto nos remete a linhas de fuga a todo tipo de categorização essencialista, pois esta formação-acolhimento em Pedagogia, ao deslizar, alcança outras pessoas, conhecidas e desconhecidas, e as percebem com marcadores que saem e entram, em diferentes lugares, escorregando nas fronteiras, escapando do instituído. Isto possibilita a percepção da diversidade que a formação agrega. A formação-acolhimento rompe com o encarceramento da formação a um lugar específico que a limita do contato com o outro. Essa formação-acolhimento-Bagunça Gomelada é um entre, localizada nesses espaços-fronteira e, por isso, encontra com subjetividades diferentes, **pessoas-bagunça-gomelada!**

A formação menor produz transformações em um corpo deslizante e excessivo, alto, grande e de braços largos que “[...] se movimenta excessivamente e se dissolve no ar [...]” (ADAD, 2011a, p. 98) no atravessamento dos encontros entre as pessoas que borra as fronteiras e rompe com as barreiras do instituído. Nesse sentido, para não embrutecer a Formação, para inquietar novas formas de pensar, se faz necessário perceber as aventuras de um mestre ignorante, em que os métodos não estão prontos. e fogem de uma razão explicadora, que distancia o aprendiz do conteúdo a ser aprendido (KOHAN, 2005).

Para o não embrutecimento na Formação em Pedagogia, faz-se necessário a parte humana que se vai absorvendo da Bagunça-Gomelada, seja de interação e compreensão do outro. Pensar, então, a partir do confeto de **Formação em Pedagogia-Bagunça-Gomelada**

em relação com os **Saberes-lugar-acolhimento da Formação** é reconhecer a diversidade e o acolhimento da diferença nos locais de Formação em Pedagogia na Universidade.

Assim como quando anjos chegam e nos enchem de vida, a alegria nos invade quando somos acolhidos na formação! Penso anjos como energia vital da alegria – potência de agir, do mesmo modo como quando o grupo-pesquisador nos diz no diário a seguir:



Diário do grupo-pesquisador, Teresina-PI, 10 de agosto de 2018

Mas também vêm aqueles que, como um anjo, chegam e te enchem de vida! Um certo sorriso, uma pequena palavra de força espantosa onde te faz sorrir novamente de ter esperanças, de acreditar novamente. E mesmo que o mundo seja esse lugar, muitas das vezes, frio, sem sentimentos, em algum lugar sabemos que, a qualquer momento, os anjos de bom coração, que sabem enxergar além da visão que os olhos lhes permite ver, eles com um simples gesto de um sorriso, é capaz de derrubar barreiras de transformar vidas e de mudar mundos (GRUPO-PESQUISADOR, 2018).

Gestos, sorrisos, enxergar além, uma palavra-força são **Saberes-lugar-acolhimento da Formação da Formação-0015-Bagunça-Gomelada em Pedagogia** que é formação sociopoética, múltipla, diversa e não tradicional, que olha os pontos de afecção, os lugares que marcam, percebendo como pode construir a Formação em Pedagogia mais humana, que incomoda no sentido de sair de dentro da sala, de buscar conhecimento fora desse ambiente acostumado. É o pensar diferente na Pedagogia, é o pensar fora da caixinha, fora do quadrado, o pensar no outro, a empatia. É o olhar que os novos caminhos permitem.

Formação-0015-Bagunça-Gomelada em Pedagogia nos faz exercitar essa sensibilidade aguçada de ver, sentir e escutar além dos órgãos da percepção para dar vida a uma formação sociopoética afirmada por esse confeto, trazendo sua potência ao sair da sala de aula para conhecer outros espaços de Formação em Pedagogia. Com isso, é possível sentir as diferentes intensidades da sala de aula, quando saímos desse lugar acostumado para vivenciar a formação em outros lugares, percebendo as suas potencialidades na formação acadêmica.

O confeto **Formação-0015-Bagunça-Gomelada em Pedagogia** nos leva ainda a problematizar a saída da sala de aula, pois “[...] a Pedagogia tentou dar forma à sala de aula, à disposição do espaço, a seus rituais, costumes, modos de interação e de comunicação” (DUSSEL, 2003, p. 24). Talvez por isso mesmo seja tão difícil sair desse lugar acostumado, cartografado pela nossa memória e pelos nossos sentidos. Desse modo, precisa-se perceber como os espaços habitam em nós: “‘Habitar’ a sala de aula significa formar esse espaço de acordo com gostos, opções, margens de manobra; considerar alternativas, eleger algumas e descartar outras. Habitar um espaço é, portanto, uma posição ativa” (DUSSEL, 2003, p. 24).

Precisamos, ainda, aprender a sair da sala de aula para que, ao entrar nesse espaço, possamos permeá-lo de outra forma. Para isso, compartilho as reflexões de Alves (2004, p. 26):

Eu já tinha ouvido falar do Aprendiz. Mas não fazia ideia. Aí comecei a ouvir que o Aprendiz era uma escola sem salas de aula, mestres e aprendizes fazendo coisas nas ruas, nas praças e casas de um bairro, a Vila Madalena, na Rua Belmiro Braga. Mas, por mais que eu me esforçasse, não conseguia imaginar esse objeto estranho, o Aprendiz. Me explicaram, mas não entendi. Eu não havia esquecido o suficiente para poder imaginar o novo. A minha memória era muito boa e os corredores, as salas de aula e campainhas das escolas que eu conhecia ainda pesavam forte. Não entendi, porque entender é isto: a gente vê uma coisa e vai procurando, na memória, um cabide onde a 'coisa' possa ser pendurada. Quando encontramos o cabide e a penduramos dizemos 'entendemos'. O fato de o cabide já estar lá, na memória, à espera, significa que aquela ideia já estava prevista. Já era sabida. Não causava susto. A memória não tem cabides para coisas novas. Só para coisas velhas.

A posição ativa de Aprendiz cria ramificações dos fios de pensamento do grupo-pesquisador diante do problema de a Pedagogia não sair do seu espaço ao trazer os diferentes lugares que potencializam os discentes nessa Formação. Habitam os lugares da Formação em Pedagogia, apontam outros, quais sejam: **Anfiteatro-Formação em Pedagogia Gomelada**, que é o lugar onde algumas coisas acontecem por ser o primeiro lugar quando se chega à UFPI, onde tem movimento de alunos e onde algumas coisas se acumulam, pois sempre se passa por ele, se vê coisas acontecendo até mesmo gente se formando nesse lugar; **Anfiteatro-Formação em Pedagogia Gomelada** é o espaço na frente do anfiteatro onde se gosta de ir bastante, é onde o pessoal de artes fica sentado ao redor. É o local que vamos quando chegamos à UFPI, mas que não se sente incluído, porque, realmente, as pessoas nunca tinham sido incluídas; **Caminho-RU-Formação em Pedagogia Gomelada** é lugar-fome, onde se vai só porque se está andando perto ao espaço integrado e se vai bastante andando com amigos; **Cama-elástica-Formação em Pedagogia** é o lugar em frente à sala de aula onde se faz bastante coisa; **Mesão-CCE-Formação em Pedagogia Gomelada** é local para passar o tempo, mas também aprender outras coisas.

Os confetos mostram a potência dos lugares vivenciados pelo grupo-pesquisador, evidenciando atividades de pensar, refletir, estudar, aprender e passar o tempo. Destacam ainda sobre como eles habitam esses lugares e a importância deles ao vivenciarem a Formação, trazendo a aproximação do grupo aos lugares, pois são lugares que se tem o hábito de frequentar na vivência acadêmica. Neles, todos os dias, os jovens passam, encontram com outros discentes e com amigos. Trata-se de lugares movimentados, trazem um processo de

formação das pessoas. Elas se formam nos lugares, gostam de ir mesmo que não sejam incluídas, uma vez que nem todas as pessoas são incluídas nesses lugares.

A seguir, o diário do grupo-pesquisador sobre a importância desses lugares de formação:



Diário do grupo-pesquisador, Teresina-PI, 12 de agosto de 2018

Esses são os lugares simples, mas importantes para mim não só na vida acadêmica, mas pessoal também. Lugares de afecção, de alegrias, de afetos e de tantos nutrientes, mesmo em meio a tanta cobrança, textos, trabalhos e stress, coisas do mundo universitário. Mas espera aí! Esqueci de citar aqui a sala de aula. Já perguntei tantas depois que me tornei universitária. Essas salas de aula também são espaços, lugares de afecção, porque conheci muitos professores e professoras que foram tão legais e me deixaram marcas. Mestres sábios, humanos e amorosos. Mestres que, ministrando uma aula, me fazem repetir para mim mesma: é isso que eu desejo e quero do fundo do meu coração; escolhi o curso certo e quero mudar a realidade aos pouquinhos, contribuindo devagar o meu segredo. É em diálogo com esses professores que reflito, vejo o outro com outros olhos, me torno, de fato, humano e vou aos poucos me trabalhando a fim de me fazer melhor (GRUPO-PESQUISADOR, 2018).

É interessante observar que o fato de sair da sala de aula faz com que o grupo-pesquisador, ao retornar a esse espaço, possa percebê-la de outra forma, com um novo vigor, com afecção. Dessa forma, mais do que ocupar a sala de aula, eles trazem, por meio do diário acima, como eles passam a habitá-la mostrando suas marcas, experiências e novas percepções. E sair da sala de aula para habitar novos lugares da formação provoca mudanças no curso de Pedagogia, é a **Formação-montar-desmontar em Pedagogia** que, de início, fica imaginando e pensando: para montar, tem que rasgar, ou seja, desconstruir a formação e reconstruir outra coisa que signifique algo novo. No processo, começa a rasgar sem dificuldade e receio da maneira que dá para montar a formação, porque quer, ao rasgar, criar o novo.

O confeto **Formação-montar-desmontar em Pedagogia** fala das mudanças por meio do desmonte e do remonte no interior das formas na formação, entendendo que:

O indivíduo só pode ser alguém no interior de alguma configuração formal. O homem é criador de formas, e ao mesmo tempo, é criado por elas. Qualquer formação é deformação. Somos deformados pela forma, deformamos aos outros e somos deformados por eles. (LARROSA 2004, p. 290).

Esse processo mútuo de formar e desformar faz parte das mudanças anunciadas no ato de rasgar a formação, que é, ao mesmo tempo, desconstrução e construção, formar e

desformar, montar e desmontar. É um processo contínuo de transformação da Formação que se monta e desmonta a Pedagogia.

Ainda continuo a atividade minuciosa que me foi incumbida como membro do grupo-pesquisador, qual seja: tecer os fios de pensamento do grupo. Confesso que não sou tecelã, mas observei, por muito tempo, a minha querida avó tecer os fios de algodão para transformá-los em tecido. Com isso, lembro-me muito bem quando os fios, aos poucos, se conectavam ficava intrigada ao ver um fio se juntar ao outro fio. Trago, então, outro fio de problematização do grupo-pesquisador para juntar-se ao tecido que estou tecendo. Este fio trata o problema que impede de se pensar a Bagunça Gomelada na Formação em Pedagogia qual seja, a pressão que se tem na Universidade.

Na discussão desse problema, o grupo cria linhas de fuga para esta problemática por meio do confeto **Experiências-formação-criagunça em Pedagogia Bagunça Gomelada**, que são os espaços e os momentos de refletir o novo, de buscar novas formas de educar, novos conceitos. Deixar que a criatividade não seja ofuscada pela pressão na Universidade é poder exercer coisas que estavam presas e, às vezes, nós nem praticamos. Envolve arte com materiais e a nossa capacidade de dar luz a uma coisa nova, de criar, porque se fosse somente com a rotina de estudos aqui na Universidade, já se tinha desistido.

Experiências-formação-criagunça em Pedagogia Bagunça Gomelada levou-me a destacar a experiência vivenciada por Castro (2015, p. 19-20):

O relato tem começo em 1971, quando cursava a 1ª série (hoje 2º ano do Ensino Fundamental). Inicia-se quando a diretora do Grupo Escolar Professor Deolindo Lima, em São Raimundo Nonato, município localizado no sul do Piauí, entrou na sala acompanhando uma professora. Naquele momento, a diretora informou que aquela docente seria a professora de Arte e que, naquele ano, a turma teria uma aula de Artes por semana. Eu, então criança, fiquei muito contente ao perceber que ela trazia algo diferente para a sala de aula, algo que extrapolava o binômio ler e escrever; carregava uma sacola grande com alguns materiais (papel ofício, giz de cera e folhas de plantas ainda verdes). A educadora, muito tímida, entregou para cada aluno um giz de cera, uma folha de papel ofício e uma folha de uma planta da região: malva. Em seguida, pediu que observássemos e percebêssemos as nervuras da folha de malva; sugeriu que colocássemos a folha de papel sobre a de malva, com as nervuras voltadas para cima, e que esfregássemos o giz de cera no papel que estava sobre o vegetal. Aquele foi o meu primeiro experimento artístico vivenciado na escola; em função dessa epifania, narrei para a professora meu encantamento com o resultado; aquela aula prometia um futuro cheio de criações – era o que o eu mais desejava –, o que fez com que começasse a fantasiar que a escola era, realmente, um lugar possível para realizar meus anseios artísticos. Vislumbrei, na primeira aula, as possibilidades de ali concretizar todos os meus desejos de mexer com uma grande diversidade de materiais expressivos.

O relato acima faz refletir sobre uma formação que em seja possível vivenciar experiências com arte que nos mobilize a criar que possa produzir o encantamento nos jovens discentes. Linhas de fuga para o problema da pressão vivenciada pelos discentes na Universidade na Formação em Pedagogia. O grupo-pesquisador cria ainda a formação-questão aquela pensada também na **Formação-Criagunça em Pedagogia**, pois foi criada coletivamente, por meio de toques e de contágios. Formação-questão é diferente, uma coisa criativa, positiva em que se organiza a bagunça gomelada de pensamento inovador. É mágico dentro da formação, se viaja e pode chegar a qualquer espaço que ela quiser, potencializando criatividade sem o pensamento fechado de estar somente nos livros, reproduzindo o que os autores disseram.

O grupo destaca, nesse confeto, que é importante não perder a mágica e o encantamento na formação. Sobre isso, eles destacam:

E acho que, de início, quando eu era pequenininha assim, meu sonho era ser professor, aí, como o tempo passa e a gente vai vendo a realidade do professor e a gente se desanima assim. E a gente quer tanta coisa que eu tinha desencantado um pouco sobre o que é ser professor, mas acho que professor deveria ser, assim, o top mesmo das profissões, porque ele tem a capacidade de transformar vidas. E isso é importante. (GRUPO-PESQUISADOR, 2018).

O “professor deveria ser, assim, o top mesmo das profissões, porque ele tem a capacidade de transformar vidas. E isso é importante!” Transformar vidas tem a ver com o saber-criagunça, aquele da bagunça-gomelada que se quiser pode mudar a forma de ver a Pedagogia e de lidar com ela no dia a dia, não sendo monótona. É saber-aprender-brincando em Pedagogia. Envolve arte e ajuda na criatividade, no aprendizado, no crescimento do professor como formador. São aprendizados que se vai adquirindo ao longo do percurso e se tornam mais alegres, com mais gosto. É tornar este aprendizado de formar pessoas, de enorme responsabilidade, alegre, aconchegante para todo mundo se encontrar. Sendo a relação-bagunça-gomelada **Formação-Criagunça em Pedagogia** entre professor e aluno aquela em que todos ficam à vontade, fica gostoso e se aprende mais rápido, com facilidade e a caminhada fica mais fácil, mais leve.

O confeto **Formação-Criagunça em Pedagogia** se espalha no confeto **Experiências-formação-criagunça em Pedagogia Bagunça Gomelada**, mostra a necessidade dos jovens de sair da rotina da formação para envolver-se com a criação, com a arte, com materiais que tragam uma nova plasticidade para se inventar novas formas de viver o curso de Pedagogia.

Esses pequenos momentos fazem com que os discentes possam ter breves experiências de fôlego na Formação que os faz resistir à pressão vivenciada na Universidade.

O problema da pressão vivenciada na Universidade é foco do grupo-pesquisador que realça em mais uma linha de fuga a reinvenção dos discentes por meio do confeto **Recarregar-do/para-caminhar da formação em Pedagogia com a Bagunça Gomelada**, são as experiências e as oportunidades de conhecer novas pessoas, de escutar mais o que elas têm a falar sobre acontecimentos e coisas que estão acontecendo no hoje, de partilhar e de contar mais sobre a vida.

Ampliam esta forma de pensar, trazendo de modo diferente que recarregar a formação acontece ao conhecer outras pessoas, conversando sobre os acontecimentos da vida. **Recarregar-do/para-caminhar-formação em Pedagogia** são também os lugares de afecções que se utiliza para recarregar, descansar, conversar e sorrir, pois são espaços do sossego, da alegria, do acolher e de muito café, que é uma das coisas que mais se gosta de fazer para se manter em pé na Formação em Pedagogia. Se não fossem esses espaços na Universidade, já se tinha saído.

Sobre os espaços dos cafés, Alves (2004, p. 37) destaca que:

Nos restaurantes as pessoas vão para as suas mesas, cada mesa está dentro de uma bolha invisível, cada uma delas isoladas das outras. Não há ligações entre elas. Terminada a refeição, as pessoas se vão – de volta ao trabalho ou para casa. Um café é outra coisa. Num café é outra coisa. Num café a comida é desculpa para se estar junto, para conversar, para demorar. Num café se pode pedir apenas um ‘expresso’. E muito depois de terminado o café, as xícaras vazias, as pessoas continuam a conversar.

No desenrolar das conversas gestadas nos cafés, entre cheiros, sabores e saberes, um novo modo de viver a formação é anunciado por meio do confeto **Recarregar-do/para-caminhar-formação em Pedagogia**, se faz necessário que os jovens discentes possam recarregar-se nos espaços de afecção, de modo que o ato de recarregar aconteça por meio dos afetos.

Em meio a este **Recarregar-do/para-caminhar-formação em Pedagogia**, modos de pensar experiências são mobilizadas e se conectam e ajudam na criação de linhas de fuga sobre o problema da pressão vivenciada na Universidade, como: **Experiência-vários-locais Formação Bagunça Gomelada**, que acontecem nos locais de afecções, outras experiências que se passa e se sente as pessoas que estão ao redor nos espaços da Universidade; **Experiência-Espaço-Isolado Formação em Pedagogia** no espaço que se sente mais à

vontade, geralmente mais isolado, às vezes, não tem ninguém, às vezes, sim, às vezes, os amigos ficam nesse espaço até mesmo para estudar, para aprender mesmo; as **Experiências-Aconchego**, que são aprendizados da Formação que se tem bagunça-gomelada e pessoas do lado incentivando e apoiando, dando um gás, uma energia maior para se correr atrás do conhecimento quando se tem n motivos para desistir. Isso torna mais fácil e mais divertida a Formação em Pedagogia.

Essas experiências em meio ao problema da pressão do curso de Pedagogia problematiza as dificuldades que se tem na formação, e que a **Formação-Aconchego-Sufrimento em Pedagogia** transforma em experiências do recarregar-do/para-caminhar com a Bagunça Gomelada e que são as oportunidades para pensar as dificuldades que se tem, assim, o sofrimento não é totalmente ruim, é positivo, porque ajuda a crescer, a se tornar mais forte com as experiências que se vive.

Finalizo minha tecedura, mas isso não significa que o tecido que criei esteja acabado, pronto, terminado. Confesso que não arrematei os fios que teci, pois eles se encontram livres, soltos, aguardando um novo fôlego, uma nova tecedura, até breve!

6 TROCA DE PELE E ABERTURA DOS POROS: CONCLUSÃO

O ANDARILHO E SUA SOMBRA

A sombra: Como há muito tempo não te escuto, quero te dar a ocasião de falar.

O andarilho: Alguém fala - onde? Quem? É como se eu escutasse a mim mesmo, mas com uma voz ainda mais fraca do que a minha.

A sombra (após um instante): não te alegra ter oportunidade de falar?

O andarilho: Por Deus e tudo o mais em que não creio, minha sombra fala; eu ouço, mas não acredito.

[...]

(NIETZSCHE, 2007, p. 127)



Andei por muito tempo nas sombras, assim, nada mais justo do que lhe dar o direito de falar. Permito que ela, agora, expresse o que sentiu por estar recolhida em mim. Hoje, eu a liberto para que possa emanar sua voz. Com isso, confesso que passei por praticamente todas as rotas desta pesquisa nas sombras da alegria, ela me invadiu por inteiro e, por isso, foi quase impossível para mim ver algo além dela nesta dissertação. Desse modo, os caminhos para encontrar objeto de estudo desta pesquisa foram, por muito tempo, muito confusos, pois não conseguia olhar além das sombras da alegria, mesmo imersa nelas, com o passar do tempo, consegui me libertar e, dessa forma, pude perceber a Formação em Pedagogia ganhando forma como objeto de estudo na relação com a alegria. Senti um estranhamento muito grande, pois, agora, a Formação seria o centro da pesquisa.

Diante desse estranhamento, procurei me conectar a esse objeto de investigação. Após assistir ao filme “Mary Shelley” (2017), fui conduzida por uma voz estranha a escrever sobre o tema da minha pesquisa de mestrado: Formação em Pedagogia na relação com a alegria. Dessa forma, ao ouvir o pai de *Mary* expressar sobre a necessidade de o escritor “Livrar-se do pensamento e das palavras de outras pessoas e encontrar a sua própria voz”, encontrar a própria voz na Formação em Pedagogia com alegria foi exatamente o meu maior desafio nesta pesquisa. Por isso, precisei parar e perceber: o que grita em mim sobre essa Formação na relação com a alegria?

Ouvir essa voz foi e ainda é um desafio, pois, apesar de ser graduada em Pedagogia na UFPI e ter realizado a pesquisa nesse mesmo território, ainda me sentia perdida no labirinto dessa Formação. Foi preciso um longo tempo para encontrar a minha voz, uma vez que passei por um longo período vivenciando esta pesquisa como uma estrangeira, me sentia distante, vazia e cheia dessa Formação. De repente, as vozes se misturaram e comecei a ouvir não somente a voz da graduanda de 2011, mas também a voz misturada da pesquisadora e professora de 2018. Nessa escuta, entendi a preparação do corpo para emanar essa voz que fez vibrar essa escrita por lugares, experiências e saberes da Formação em Pedagogia com alegria.

Imersa ainda no estranhamento e na dor que esta temática causava em mim, foi preciso um tempo para eu conseguir sair das sombras da alegria para perceber como a Formação estava em mim. Em meio ao estranhamento e às dores, comecei a analisar o meu processo de transformação e percebi, em meio às dores, que estava a vivenciar uma troca de pele, estava mudando de pele, por isso, tantas dores e muitos estranhamentos com essa mudança. Desse modo, a imagem que abre esta seção mostra eu e vovó caminhando juntas, de mãos dadas no chão da formação. Trouxe essa imagem para mostrar que, mesmo ao sentir as dores da troca de pele, não estive sozinha, uma vez que pude sentir uma imensidão de afetos, pois aprendi

que mudar a pele nos deixa expostos, mostrando a nossa carne e as zonas que antes eram protegidas das agressões. Por outro lado, estar sem pele é estar aberto para novos caminhos, sensibilidades, outros modos de sentir. Será que mudar de pele nos deixa sem marcas ou imprime novas marcas no corpo? Na troca de pele, senti as dores e os perigos de criar com o corpo esgotado. Sem aguentar mais. Com isso, fiz uma pesquisa de corpo todo e enfrentei todas as dores e os perigos para tal ação: passei e suportei as dores de corpo esgotado por várias vezes; tive que parar por diversas vezes, pois o corpo não aguentava ficar ativo por muito tempo; vivenciei os perigos de parar e não conseguir voltar mais; vivenciei ainda os perigos e as dores das viagens de Teresina x Uruçuí x Teresina, que destruíam meu corpo nas estradas esburacadas e nos ônibus desconfortáveis, além disso, corria risco de morte devido aos perigos das estradas.

Como manter a alegria em meio ao sofrimento? Para além dessas dores e perigos relatados, percebi que o corpo que transborda de alegria mesmo esgotado ainda é possível transcriar, pois, quando nos esgotamos, o corpo-alegria cria uma membrana que nos coloca em estado de latência, em que a qualquer momento pode despertar e, ao contrário do que se pode pensar, aprendi nas fibras de uma pesquisadora em estado de latência que o corpo-alegria pensa, sente e ouve os ruídos e as diversas vibrações do movimento de pesquisar a Formação com alegria e transcria em meio a tudo isso!

A membrana criada pelo corpo-alegria permite olhar à deriva, prestando atenção às imprevisibilidades criadas em meio à emergência e ao caos que se instala quando algo acontece. Isso provoca o pensamento sobre a transcrição da Formação em Pedagogia com alegria, em que as “bordas” das instituições que se configuram como um entre – membrana semipermeável que percebe o que tem dentro, mas também acolhe o que está fora, permitindo trocas nas intensidades do entre o que está dentro e o que está fora da Formação em Pedagogia. O espaço ocupado pelas bordas precisa permitir o encontro com as novas ressonâncias da vida, que podem invadir e até mesmo ultrapassar o que se encontra dentro das instituições. Sobre as bordas, é importante perceber: Quem vive as bordas? Quem pode transcriar a Formação em Pedagogia na relação com a alegria? Os jovens! Eles conseguem invadir e até mesmo ultrapassar o que se encontra dentro das instituições.

Diante disso, ao pesquisar a Formação em Pedagogia na relação com a alegria, confesso como foi difícil encontrar alegria nessa formação. Volto à questão inicial, apresentada por um dos copesquisadores no processo de negociação da pesquisa: Existe alegria na Formação em Pedagogia? Ao ouvir esta questão, naquele momento, pensei que fosse algo simples de responder, mas, no decorrer da pesquisa, fui percebendo a sua

complexidade, pois não se trata da existência da alegria na formação, mas como ela está na Formação. Além dessa questão, outro fato foi motor do pensamento sobre a complexidade do tema que investigava, sendo abordado no exame de qualificação quando a banca não conseguiu perceber alegria nos corpos e nos dados apresentados pelo grupo. Isso me mobilizou para entender como a alegria está na Formação em Pedagogia.

Para tanto, somente nos estudos transversais, pude perceber os impedimentos da Formação em Pedagogia com a alegria identificados no pensamento do grupo-pesquisador, quais sejam: a Pedagogia não sai do seu quadrado e a pressão vivenciada pelos discentes na Universidade, que foi possível visualizar a alegria no movimento de transcrição do grupo ao criar linhas de fugas para vivenciar a Formação em Pedagogia com Bagunça Gomelada em lugares, experiências e saberes que os levaram a transcriber uma formação-corpo dissolvente diluída na diferença e a diversidade encontrada na formação entre as Pessoas-Bagunça-Gomelada – marcadores constantes desses lugares que afirmam a diferença na formação. A alegria estava dissolvida nos lugares, nas experiências e nos saberes que fizeram os jovens discentes transcriber ao saírem do quadrado da formação, se permitindo diluir-se em outros lugares de Formação, vivenciando experiências antropofágicas que os fizeram comer a alegria para nutrir a formação com um novo fôlego que os fazem viver a pressão experienciada na Universidade.

Outro elemento que se fez importante no pensamento do grupo-pesquisador foi o “direito a ter um lugar na imensidão da UFPI”. Isso se refere à necessidade de pertencimento ao lugar na formação, muitas das vezes, esses lugares são invisibilizados, pois, para o grupo-pesquisador, às vezes, é importante ficar invisível na imensidão da Universidade, justamente por isso, os lugares de Formação em Pedagogia com Bagunça Gomelada foram criados por eles, **Lugares-bagunça-alegria!** Nesse sentido, a alegria nesses lugares é vivenciada como pertencimento que possibilita o enfrentamento ao abraçar a formação em Pedagogia.

O que foi possível transcriber na Formação em Pedagogia na relação com a alegria? Possibilitou ver a Formação em Pedagogia com Bagunça Gomelada que desliza nos lugares, nas experiências e nos saberes, produzindo confetos de Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada, nos quais se dissolvem lugares, experiências e saberes que permitiram criar linhas de fugas para os impedimentos de Formação em Pedagogia com alegria, como já dito. Além disso, foi possível ver a mágica da formação em Pedagogia na transcrição da transversalidade dos lugares, das experiências e dos saberes da formação. Com isso, o princípio da arte da Sociopoética tornou-se fundamental para a pesquisa na

criação dos dispositivos que permitiram ao grupo-pesquisador transcriber a formação em Pedagogia com alegria.

Não foi possível fazer a contra-análise dos dados e isso me deixou bastante apreensiva, pois tenho a compreensão da importância dessa etapa para a pesquisa. Mas é importante afirmar que a abordagem sociopoética não é uma caixa de força, na qual não é possível existir flexibilidade. Desse modo, os percursos da pesquisa levaram-me por caminhos labirínticos nos quais vivenciei um tempo duração, em que senti no corpo todas as suas intensidades que me levaram por diferentes trajetos para pesquisar a Formação em Pedagogia com alegria. Com isso, destaco o meu processo de adoecimento, que aconteceu no decorrer da pesquisa, o qual me fez, por diversas vezes, parar e re-parar no tempo do corpo para sentir a sua vibração para continuar.

Ao sentir as intensidades de um tempo duração que flui no corpo, confesso que atravessei todos os meus limites para a criação dos estudos transversais, em que procurei trazer a diversidade e a complexidade do pensamento do grupo-pesquisador. Nesse sentido, ainda nos estudos transversais, percebi que as questões norteadoras que guiaram esta pesquisa, as quais foram apresentadas na Seção I desta dissertação, foram todas alcançadas e isso é possível compreender por meio da diversidade da discussão apresentada neste estudo.

Preciso fazer o arremate da pesquisa que realizei, não se trata de um ponto final, no qual não há possibilidade de uma nova tecedura, pois deixo linhas e agulhas para que o tecido possa ser refeito. Por isso, recorro à troca de pele que vivenciei, para tanto, afirmo que, ao estar sem pele, deixo os poros abertos para novas entradas quando o fôlego for possível:



Entrada I: É preciso pensar uma Formação Inicial na qual os discentes possam trabalhar e estudar sem esgotamento físico e mental.

Entrada II: Ampliar os lugares da Formação em Pedagogia para percebê-los como territórios educativos.

REFERÊNCIAS

ADAD, S. J. H. C. **Corpos de rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores**. Fortaleza: Edições UFC, 2011a.

ADAD, S. J. H. C. Juventudes, cultura de paz e sociopoética: abraçando a vida como obra de arte. *In*: VASCONCELOS JÚNIOR, R. E. de. P. *et al.* **Cultura, educação, espaço e tempo**. Fortaleza: Edições UFC, 2011b. p. 215-224.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Youtube, 28 abr. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso em: 31 ago. 2017.

ALVES, R. **Aprendiz de mim: um bairro que virou escola**. Campinas: Papirus, 2004.

AZEVEDO, C. T. **Parecer da qualificação de mestrado**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Pelotas, 2018.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos).

BRASIL. Resolução n. 2, de 1 de julho de 2015. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de professores da Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2 jul. 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf&category_slug=agosto-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 fev 2018.

BONDIA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2012. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em: 20 jul 2018.

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gili, 2013.

CORAZZA, S. M. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

CASTRO, G. M. **Trilhas poéticas do ensino de artes: o experimento artístico e estético como base para a formação docente em Artes Visuais no ensino fundamental da rede pública municipal de Fortaleza-CE**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

CZERMAK, R. Corpo-sentido: a clínica a partir de uma psicologia dos sentidos. *In*: FONSECA, T. G.; KIRST, P. G. (Org.). **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 357-395.

CARNIELLI, F. **Caixa de afecções**. Youtube, 8 abr. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oTKR3FB9vTg>. Acesso em: 31 jul 2018.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. v. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Editora 34, 2012.

DIAS, R. A vida como vontade criadora: por uma visão trágica da existência. *In*: FONSECA, M. G. F.; ENGELMAN, S. (Org.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.131-146.

DIAS, R. O. **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

DOUTORES DA ALEGRIA. Disponível em: <https://www.doutoresdaalegria.org.br>. Acesso em: 13 out 2016.

DUSSEL, I. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.

FORMOSINHO, J. **Formação de Professores: aprendizagem profissional e acção docente**. Porto - Portugal: Porto Editora, 2009.

GALLO, S. **Deleuze & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, S. Problema e conceito: problematização do ensino de filosofia. *In*: GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus, 2012. p. 69-84.

GAUTHIER, J. Z. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Rev. Bras Educ**, Rio de Janeiro, s/v, n. 25, p. 127-142, abr. 2004.

GAUTHIER, J. Z. A sociopoética. *In*: GAUTHIER, J. **O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. Curitiba: CRV, 2012. p. 73-105.

GAUTHIER, J. Z. Prefácio. *In*: ADAD, S. J. H. C.; PETIT, I. S.; GAUTHIER, J. (Org.). **Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a Sociopoética**. Fortaleza: EdUECE, 2014. p. 11-18.

GAUTHIER, J. Z. **Sociopoética: Encontro entre, arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Escola Ana Nery/ UFRJ, 1999.

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GUATTARI, F. A transversalidade. *In*: GUATTARI, F. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Aparecida: Ideias & Letras, 2004. p. 101-117.

KASTRUP, V. A cognição contemporânea e a aprendizagem inventiva. *In*: KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 93-135.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, W. O. **Infância**. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana**: danças piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LAPOUJADE, D. **Potências do tempo**. Tradução de Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 Edições, 2013. (série future art base).

LE BRETON, D. As fontes de uma representação moderna do corpo; o homem anatomizado. *In*: LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.43-96.

MACHADO, A. M. Prefácio. *In*: DIAS, R. O. (Org.). **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012, p. 7-8.

AL-MANSOUR, H. **Mary Shelley**. Gênero: drama-drama romântico, 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80224466>. Acesso em: 11 de janeiro de 2019.

MOSÉ, V. **O sofrimento move a vida**. Youtube, 15 abr. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IsJrDoF15Dk>. Acesso em: 31 jul 2018.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. v2. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NÓVOA, A. *et al.* **Os professores e a sua formação**. Portugal: Dom quixote Instituto de inovação educacional, 1992.

OLIVEIRA, M. D. R. **As práticas do circo social vivenciadas por jovens artistas como constitutivo de suas subjetividades**. 2013. Relatório Final Técnico Científico (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

OLIVEIRA, M. D. R. **Educação, corpo e movimento**: experiências estéticas que potencializam o corpo de jovens na escola frente aos problemas que os atravessam e os mobilizam na contemporaneidade. 2015. Relatório Final Técnico Científico (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015a.

OLIVEIRA, M. D. R. **Os conceitos dos jovens sobre alegria na escola: uma pesquisa sociopoética.** 2014. Relatório Final Técnico Científico (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

OLIVEIRA, M. D. R. **Rabiscos rizomáticos de conceitos sobre alegria na escola produzidos por jovens graduandos de pedagogia da Universidade Federal do Piauí.** 2015. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015b.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades.** Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. (orgs.). Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROCHA, S. P. V. Tornar-se quem é: a vida como exercício de estilo. *In*: LINS, D. (Org.). **Nietzsche e Deleuze: arte resistência.** Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza-Ce: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007. p. 292-303.

SANTOS M. D. A.V. **Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

SANTOS, M. C. S. **Páginas sociopoéticas: deslizando nas ideias e nos conceitos de jovens sobre leitura.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

SCHOPKE, R. Arte e pensamento nômades: a afirmação da diferença. *In*: SCHOPKE, R. **Por uma afirmação da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade.** Rio de Janeiro: Contraponto. São Paulo: Edusp, 2004. p. 165-188.

SERRES, M. **Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados.** Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 364p.

SILVEIRA, L. C. **Do corpo sentido aos sentidos do corpo: sociopoetizando a produção de subjetividade.** 2004. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SNYDERS, G. **Alunos felizes: reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários.** Tradução de Cátia A. Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SPINOZA, B. **Ética.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

TONELI, M. J. F.; ADRIÃO, C. G.; CABRAL, A. G. Singularizar. *In*: FONSECA, M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 210-219.

UFPI. Universidade Federal do Piauí. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia.** Teresina: UFPI, 2009.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –TCLE**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento. O documento será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador e a outra com o participante da pesquisa. Em caso de recusa você não será penalizado/a de forma alguma. A pesquisa é intitulada: **“O que se transcria na formação inicial? Potencialidades da alegria na invenção de si e de mundos na formação de jovens discentes de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí”**, e você foi selecionado em virtude de ser aluno do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPI, onde será realizada a pesquisa, realizada pela pesquisadora responsável **Mayara Danyelle Rodrigues de Oliveira** e pela pesquisadora assistente **Shara Jane Holanda Costa Adad**, professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – PPGEd/UFPI. A pesquisa tem como **objetivo geral**: analisar como os jovens discentes transcriam a formação inicial potencializados pela alegria de modo a reconhecer e valorizar suas experiências na invenção de si e de mundos na graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. **E como objetivos específicos**: Identificar os conceitos de formação potencializados pela alegria produzidos pelos jovens discentes de Pedagogia da UFPI; Identificar os problemas que mobilizam estes jovens na relação com a formação potencializada pela alegria; Perceber as marcas, os lugares e experiências que potencializam os jovens discentes ao transcriar a formação inicial em Pedagogia da UFPI; Reconhecer e valorizar as experiências consideradas de formação com alegria pelos jovens discentes de Pedagogia da UFPI. Trata-se de uma pesquisa Sociopoética, em que serão realizadas oficinas sociopoéticas com técnicas artísticas, com base em Gauthier (1999, 2012). Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) aos seguintes procedimentos: técnicas artísticas e de relaxamento, Diário de Itinerância e registro audiovisual por meio de filmagens e fotografias visando colher informações para análises posteriores, dos dados obtidos que serão registrados para posterior estudo e publicação da dissertação de mestrado. O tempo aproximado de sua participação será de oito horas. A presente investigação oferece risco mínimo de dano físico, moral, intelectual, social, cultural ou social a você participante e relacionam-se a possíveis constrangimentos que possa vir a sentir em algumas atividades realizadas durante as oficinas Sociopoéticas de produção dos dados e/ou na produção das informações do Diário de Itinerância. No entanto, ressaltamos que estes riscos serão contornados por meio da interação entre a pesquisadora responsável e as/os participantes com a finalidade de proporcionar confiança, segurança e conforto durante a realização das oficinas, bem como, na produção do diário. O grupo-pesquisador será constituído pela pesquisadora proponente desta pesquisa e até 10 (dez) jovens discentes serão convidados a participar da oficina de negociação, tendo em vista, que a pesquisa será realizada em grupo em que os jovens discentes serão copesquisadores – produtores do conhecimento coletivo. O grupo será composto por jovens discentes do Curso de Pedagogia da UFPI, do *Campus* Ministro Petrônio Portela, situado no bairro Ininga, na cidade de Teresina-PI. Os benefícios desta pesquisa serão, no primeiro

momento, a produção e a defesa pública da Dissertação de Mestrado da pesquisadora responsável, em cooperação com a pesquisadora assistente, por meio de apresentações e publicação em seminários e congressos. O sigilo dos dados obtidos por meio de sua participação serão confidenciais, não possibilitando sua identificação. A sua participação será voluntária e gratuita, não havendo remuneração para tal. Esta pesquisa não prevê ônus a você, porém qualquer gasto financeiro de sua parte ou dano, mesmo não previsto, que por ventura acontecer, será ressarcido e/ou indenizado pelas pesquisadoras responsáveis pela pesquisa. A sua participação não é obrigatória sendo que, a qualquer momento você poderá desistir e retirar o seu consentimento. Sua recusa ou desistência não trará nenhum prejuízo para a sua relação com o pesquisador, ou com a UFPI. Informamos que em nenhuma hipótese sua vida será exposta publicamente e nem sua privacidade será invadida. Caso julgue que alguma pergunta ou procedimento possa causar-lhe constrangimento, você pode negar-se a participar. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, a Pró-Reitoria de Graduação da UFPI e o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) desta Instituição poderão intervir na referida pesquisa.

Pesquisadora Responsável: Mayara Danyelle Rodrigues de Oliveira

Endereço: Quadra 02; Bloco 09; Apartamento 303. Tancredo Neves. Teresina-PI. Telefones para contato: (86) 3236-4682 / (86) 99963-8181

Pesquisadora Participante: Prof. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí – UFPI/ Centro de Ciências da Educação – CCE / Departamento de Fundamentos da Educação-DEFE; Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEd/UFPI; Telefone para contato: (86) 99482-6561 / (86) 3215-5820

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, _____, RG _____
 CPF _____, aceito participar como sujeito nos estudos da pesquisa intitulada: **“O que se transcria na formação inicial? potencialidades da alegria na invenção de si e de mundos na formação de jovens discentes de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí”**. Fui suficientemente informado(a) respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo este estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos dados da pesquisa de campo e aos seus resultados. Autorizo voluntariamente minha participação neste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

Local e data _____

 Assinatura do sujeito ou responsável

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar. Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores)

Nome: _____

RG: _____ Assinatura: _____

Nome: _____

RG: _____ Assinatura: _____

(Somente para o pesquisador responsável pelo contato e tomada do TCLE)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Teresina, _____ de _____ de _____.

Assinatura da pesquisadora responsável

Observações complementares

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:

Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga.

Pró Reitoria de Pesquisa - PROPESQ.

CEP: 64.049-550 - Teresina – PI. Telefone: (86) 3237-2332

Email: cep.ufpi@ufpi.edu.br

**APÊNDICE B – PLANO DO SEGUNDO ENCONTRO COM O GRUPO-
PESQUISADOR**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
OFICINA DE NEGOCIAÇÃO

Pesquisadora: Mayara Danyelle Rodrigues de Oliveira

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad

Cofacilitadora: Thaysa Tâmara Maciel dos Santos; Thaís Rocha Vaz

Projeto de pesquisa: “O que se transcria na formação inicial? Potencialidades da alegria na invenção de si e de mundos na formação de jovens discentes de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí”

Data: 25/07

Horário: 14h

LOCAL: OBJUVE/UFPI

PLANO DE ATIVIDADES

MOMENTO I: Apresentação da pesquisa. TEMPO (60min)

- **Conversar com os jovens discentes sobre a pesquisa e sobre a metodologia da Sociopoética. Abordando as questões:** o que me move? As minhas questões com a formação? O que move estes jovens? Suas questões na formação?
- Apresentar o TCLE da pesquisa: **O porquê serem eles os copesquisadores?**
- Pedir autorização para as fotografias e filmagens que serão realizadas ao longo da pesquisa.

- Conversar sobre as fichas de informações dos copesquisadores; histórias de formação desses jovens; tem alguma informação que vocês queiram acrescentar. Se eu não fosse eu?

- Reafirmar a importância do diário de itinerância (individual e coletivo). Dessa forma, a produção do diário ocorrerá de duas formas: a primeira consiste numa produção coletiva que acompanhará os jovens durante as oficinas, em que eles poderão trazer suas marcas, lugares, impressões sobre as experiências vivenciadas; o segundo diário será um companheiro de bordo para os atravessamentos vivenciados no processo da pesquisa, em que os jovens trarão suas experiências na relação com o tema da pesquisa, com isso, o diário será um termômetro para compreender como estes jovens estão vivenciando o processo da pesquisa em sua formação inicial. Assim, criaremos um ritual para ambos os diários para serem vivenciados pelo grupo-pesquisador. Todos os encontros terão o ritual do diário individual e coletivo.

- Negociar o tema-gerador da pesquisa a partir da **questão-problema**: Como os jovens discentes transcriam a formação inicial, potencializados pela alegria de modo a reconhecer e valorizar suas experiências na invenção de si e de mundos na graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí? Tema-gerador: **FORMAÇÃO INICIAL EM PEDAGOGIA.**

- Entregar o convite oficial para participação na pesquisa;

Lanche coletivo: serão levados frutas, sucos e bolos.

- Produção do diário individual que será cobrado em todos os encontros que os jovens tragam elementos do seu diário de bordo para ser compartilhado no grupo-pesquisador, além disso, explicarei sobre a importância desse instrumento de pesquisa no relato do processo.

- **PRODUÇÃO DO DIÁRIO:**

- Como seria um diário para doar para alguém?
- Produzir o diário com giz de cera queimado e massa de modelar.
- Escolher uma frase ou algo de si para doar para alguém;
- Escrever sobre esta experiência no diário;

- **APRESENTAÇÃO DA PRODUÇÃO:**

- O que você gostaria de dizer para essa pessoa que irá receber o diário?
- Escolher o diário com os olhos;

ATIVIDADES:

Montar o cronograma da pesquisa (dias e horários dos próximos encontros);

Atividade de casa: andar pelos espaços da UFPI nos seus lugares de afecção; prestar atenção aos espaços. Prestar atenção aos encontros.

Tirar fotos. Pedir para escreverem no diário; depois me enviar as fotos.

APÊNDICE C – ROTEIRO PARA A OFICINA DE PRODUÇÃO DE DADOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd
 MESTRADO EM EDUCAÇÃO

OFICINA DE PRODUÇÃO DOS DADOS

Pesquisadora: Mayara Danyelle Rodrigues de Oliveira

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad

Projeto de pesquisa: O que jovens de Pedagogia transcriam ao pensar sobre a formação na relação com alegria: Lugares, experiências e saberes na Universidade Federal do Piauí

Data: 10/10/2018

Horário: 14 às 18 h

LOCAL: Sala de aula do PPGEd

PARTICIPANTES: 6 jovens copesquisadores.

TÉCNICA DE PRODUÇÃO DOS DADOS: LUGARES DA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA NA RELAÇÃO COM A BAGUNÇA GOMELADA

I MOMENTO: (tempo 15 min)

Receber os discentes (6 jovens copesquisadores) na sala de aula do PPGEd /UFPI .Em seguida, farei alguns exercícios de alongamento para os jovens despertarem o corpo e acolher o grupo neste momento inicial.

- Realizar o alongamento;
- Brincadeira do vampiro: Com vendas nos olhos um dos jovens será vampirizado e irá vampirizar os demais (que deverão dar um grito de pânico e ao ser desvampirizado deverá dar um grito de prazer);
- Deitar no chão sem mantas; sentir o corpo no chão;

Logo após despertarem o corpo farei o relaxamento, a seguir:

Viagem aos lugares da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada

Tempo: (10 a 15 min)

Nesse momento vamos nos preparar para fazer uma viagem pelos lugares da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. Fechar os olhos. Deitados com o corpo estendido sob o chão. Sinta o seu corpo nesses lugares (citar as partes do corpo). De olhos fechados vamos respirar três vezes. Respire. Respire profundamente, solte o ar devagarzinho. Prepare o seu corpo para fazer uma viagem pelos lugares da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. Imagine uma luz dourada que vem do alto envolvendo todo o seu corpo e penetrando em todos os seus órgãos. Essa luz se confundido com o ar que você respira, tornado o seu corpo leve, muito leve, forte, muito forte, cheio de força para fazer uma viagem aos lugares da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. O que você vê? Agora imagine como você vai caminhar pelos lugares da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada que você escolheu. Que lugares são estes? Como irá fazer o percurso até chegar nesses lugares. Como são estes trajetos? Aproveitando bem os lugares que você se afeta na Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada experimente os movimentos. Ande lentamente. De repente, aparece uma bolha. Ela se aproxima. E você é envolvido por esta bolha. Ela lhe abduz lhe suga para dentro dela. E Começa a sair do lugar com você. Explora os planos. Ora vai para os lados, ora sobe e fica no alto. O que você vê nesta perspectiva? Ora a bolha desce. Quem você encontra? Ora vai rápido, ora vai devagar. **A bolha te leva aos lugares que você escolheu e fotografou.** Chega aos lugares e você olha e pensa: Se esses lugares fossem da formação em Pedagogia como ela seria? O que tem de Bagunça Gomelada nesse lugar?) Quais são os caminhos que te levaram a estes lugares da formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada? Tem atalho ou bifurcações nesses caminhos? Quem ou o que você encontrou nestes caminhos? Ainda na bolha você continua a observar suas escolhas: os lugares da formação na relação com a Bagunça Gomelada. Distraído com os detalhes, de repente a bolha estoura. Você cai num buraco. **OS LUGARES ESCOLHIDOS SE MISTURAM.** Como você se sente? **DE REPENTE,** Você fica impedida de continuar a viagem. **Há impedimentos para pensar a Formação na relação com a Bagunça Gomelada.** Respire profundamente. **Que impedimentos são estes?** Você se transforma. Algo muda. Seu corpo ganha poderes. E você pode continuar sua viagem e chegar aos lugares da formação na relação com a Bagunça Gomelada. Que experiências de formação você vive neste lugar? **O que é bagunça gomelada nestas experiências? O que você aprende nestas experiências?** Retornando, você começa a voltar da viagem mexendo os pés, lentamente mexa as pernas e os braços. Respire profundamente, e abra os olhos. Não converse com ninguém para não perder a concentração.

Texto adaptado do arquivo pessoal da professora Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad

II MOMENTO:

Ao retornarem do relaxamento os jovens serão encaminhados para o mapa onde encontrarão o mapa do CCE (3m impresso em tamanho A0 preto e branco) no chão da sala de aula. Além disso, encontram as fotos (10cmx15cm) dos lugares de afecção enviados à facilitadora antes da oficina. Desse modo, a facilitadora levará as imagens escolhidas pelo grupo. Para tanto, os jovens seguirão as seguintes orientações:

- 1) Olhar os lugares de afecção e escolher as imagens para construir o lugar de afecção na formação em Pedagogia; (visualizar os lugares, escolher os lugares, trajeto das pessoas, montar o lugar);
- 2) Utilizarão as imagens para construir o lugar da formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. Para tanto, eles deverão fazer um só Lugar com as imagens misturadas de tal modo que elas serão desmontadas e montadas na construção no mapa deste lugar híbrido, misturado. **Tempo: (15 a 20 min).**
MATERIAL: Cola, canetinhas, fotos.
- 3) Os jovens escolherão um nome para o lugar da formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada.
- 4) Depois traçarão linhas dos seus percursos até os lugares escolhidos.
- 5) Depois marcaram mais forte com um marcador pode ser uma estrela os pontos no mapa dos caminhos aqueles pontos que são das **experiências** (lugares de encontro, que lhes tocam) e o que aprendem neste caminhar pelos trajetos da formação na relação com a alegria. O que eles podem dizer que são os **saberes**. E os **impedimentos** de pensar a formação nesse lugar (problemas).
- 6) Em seguida, falarão da experiência e como encontraram os lugares, como o escolheram e depois fotografaram.
- 7) Perguntar: qual é o nome do lugar?
- 8) Questionamentos:
 - Se esse lugar (falar o nome do lugar) fosse à formação em Pedagogia como seria?
 - O que é formação nesse lugar?
 - Qual a relação (repetir o nome do lugar) com a Bagunça Gomelada? Que é a Bagunça Gomelada? E como acontece?
 - Quais os impedimentos para pensar Bagunça Gomelada neste lugar?
 - Quais são as **experiências** do lugar de afecção da formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada? Quais os encontros que teve no caminho, atalhos e bifurcações?
 - Quais são os **saberes** do lugar de afecção da formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada?

PARTE COLETIVA

- 1) Depois do relato oral pedir pra observar os lugares no mapa que foram criados.
- 2) Conectar os lugares criados no mapa do CCE, destacando os caminhos, bifurcações – os lugares de encontros entre eles que os levam a esse lugar, as experiências, os saberes da formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. (cada jovem deverá criar uma legenda do seu lugar no mapa, indicando as experiências, os saberes e os impedimentos) para tanto os jovens deverão seguir os seguintes procedimentos:
 - Criar no mapa uma legenda para os lugares trazendo os saberes, experiências e impedimentos que trazem os lugares escolhidos na formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada;
 - Em seguida, criar rotas de conexão no mapa entre os lugares, experiências e saberes da formação inicial do Curso de Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada.
Tempo (20 min).

MATERIAIS: Serão disponibilizados: canetas coloridas, pincéis hidrocor, marcador de texto, giz de cera para os jovens;

- 3) Pedir para eles apresentarem suas legendas dos lugares da formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada; **tempo (20 min)**.
- 4) Apresentar coletivamente as rotas criadas no mapa dos lugares da Formação em Pedagogia na relação com a Bagunça Gomelada. **Tempo: (15 min)**.

III MOMENTO:

Finalização da oficina com uma roda de embalo. **Tempo: (10 min)**.

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO



www.ufpi.br

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Enquanto Coordenador(a) do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação – CCE- da Universidade Federal do Piauí autorizo a realização da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEd da Universidade Federal do Piauí, intitulada: **“O que se transcria na formação inicial? Potencialidades da alegria na invenção de si e de mundos na formação de jovens discentes de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí”** e estou de pleno acordo com a Pesquisadora Responsável Mayara Danyelle Rodrigues de Oliveira e a Pesquisadora Assistente Prof^a. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad que conduzirão o Projeto de Pesquisa que tem como objetivo geral: Analisar como os jovens discentes transcriam a formação inicial potencializados pela alegria de modo a reconhecer e valorizar suas experiências na invenção de si e de mundos na graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. A pesquisa será realizada com até 10(dez) jovens discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella, que serão convidados a participar da pesquisa. Com esse entendimento, concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, a qualquer momento como instituição COPARTICIPANTE desta pesquisa posso revogar esta autorização, se comprovadas atividades que causem algum prejuízo a esta instituição ou ainda, a qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes desta pesquisa. Declaro também, que não recebemos qualquer pagamento por esta autorização bem como os participantes não receberão qualquer tipo de pagamento.

Teresina (PI), 08 de maio de 2018.

Prof.ª Dra. Hikmatia de Alencar Danyelle
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Coordenadora do Conselho de Pedagogia – CCE/UFPI

ANEXO B – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPI

Blocos	Disciplinas	Carga Horária	Créditos	PCC6
I 1º Semestre	Seminário de Introdução ao Curso de Pedagogia	15 h	1.0.0	-
	História da Educação I	60 h	3.1.0	15
	Psicologia da Educação I	60 h	3.1.0	15
	Sociologia da Educação I	60 h	3.1.0	15
	Filosofia da Educação I	60 h	3.1.0	15
	Fund. Antropológicos da Educação	60 h	4.0.0	-
	Iniciação ao trabalho Científico e a Pesquisa em Educação	60 h	2.2.0	-
	TOTAL DO BLOCO	375 h	25	60
II 2º Semestre	História da Educação II	60 h	3.1.0	15
	Psicologia da Educação II	60 h	3.1.0	15
	Sociologia da Educação II	60 h	3.1.0	15
	Filosofia da Educação II.	60 h	3.1.0	15
	Epistemologia, Ética e Pedagogia	60 h	3.1.0	15
	Legislação e Organização da Educação Básica	60 h	3.1.0	15
	TOTAL DO BLOCO	360h	24	90
III 3º Semestre	Fundamentos da Educação Infantil	60 h	4.0.0	-
	Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos	60 h	3.1.0	15
	Didática Geral	60 h	2.2.0	30
	Financiamento da Educação	60 h	4.0.0	-
	Fundamentos da Educação Especial	60 h	3.1.0	15
	História da Educação III	60h	4.0.0	
	TOTAL DO BLOCO	360h	24	60

6 Créditos referentes à prática como componente curricular.

IV 4º Semestre	Teoria de Currículo e Sociedade	60h	3.1.0	15
	Recursos Didáticos e Tecnológicos	60h	3.1.0	-
	Gestão de Sistemas e Unidades Escolares	60h	3.1.0	15
	LIBRAS	60h	2.2.0	-
	Literatura Infantil	60 h	3.1.0	15
	Aspectos Psicossociais da Aprendizagem	60 h	3.1.0	15
	TOTAL DO BLOCO	360h	25	60
V 5º Semestre	Organização e Coordenação do Trabalho Educativo	60h	3.1.0	15
	Alfabetização e Letramento	60h	3.1.0	15
	Linguística e alfabetização	60h	3.1.0	15
	Motricidade e Escola	60h	3.1.0	15
	Avaliação da Aprendizagem	75 h	3.2.0	30
	TOTAL DO BLOCO	315h	21	90
VI 6º Semestre	Estágio Supervisionado I- Planejamento e Gestão da Educação	60 h	0.0.4	-
	Metodologia da Língua Portuguesa	75 h	3.2.0	15
	Metodologia da Matemática	75 h	3.2.0	15
	Metodologia da Educação Infantil	75 h	3.2.0	15
	Pesquisa em Educação I	60 h	2.2.0	-
	TOTAL DO BLOCO	345	23	45
VII 7º Semestre	Pesquisa em Educação II	60 h	2.2.0	-
	Estágio Supervisionado II- Planejamento e Gestão da Educação	45h	0.0.3	-
	Metodologia das Ciências da Natureza	75 h	3.2.0	15
	Metodologia da Educação Física	75 h	3.2.0	15
	Optativa I	60h	4.0.0	-
	TOTAL DO BLOCO	315h	21	30
VIII	Estágio Supervisionado III – Educação Infantil.	105 h	0.0.7	-

8º Semestre	Metodologia da Geografia	75 h	3.2.0	15
	Metodologia da História	75h	3.2.0	15
	TCC I	30h	0.2.0	30
	Metodologias e Contextos da Ação Pedagógica	60	2.2.0	15
	TOTAL DO BLOCO	345	23	75
XIX 9º Semestre	Estágio Supervisionado IV – Anos Iniciais do Ensino Fundamental	105 h	0.0.7	-
	TCC II	60h	0.4.0	-
	Arte e Educação	60h	2.2.0	30
	Metodologia da Educação de Jovens e Adultos	60h	2.2.0	30
	Optativa II	60h	4.0.0	-
TOTAL DO BLOCO	345	23	60	
TOTAL GERAL		3.120	208	570
ATIVIDADES COMPLEMENTARES		120	8.0.0	
TOTAL GERAL		3.240	216	570